



Vingança PREMEDITADA

LIVRO 2 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

VIVY KEURY





Vingança PREMEDITADA

LIVRO 2 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

VIVY KEURY

Vingança PREMEDITADA

LIVRO 2 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

V I V Y K E U R Y

Copyright © 2021 de **VIVY KEURY**

Revisão: Mariana Rocha

Betas: Claudiane Maria/Sara Ester/Marta Vianna

Diagramação Digital: Vivy Keury

1ª Edição

Essa é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Essa obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa. Todos os direitos reservados. Este e-book ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do e-book. Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Primeira edição, 2021

<https://apptuts.bio/vivykeury>

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

NOTA DA AUTORA

SINOPSE:

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[EPÍLOGO](#)

[CONHEÇA OS OUTROS DA SÉRIE: CONTRATO DE CASAMENTO](#)

[VINGANÇA DECLARADA - LIVRO 1 \(SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO\) - AUTORA SARA ESTER](#)

[AMOR MARCADO - LIVRO 3 \(SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO\) - AUTORA MARTA VIANNA](#)

[AGRADECIMENTOS:](#)

[OUTRAS OBRAS DA AUTORA:](#)

[REDES SOCIAIS:](#)

DEDICATÓRIA

Dedico este livro a todos que um dia acreditou em alguém que não valia a sua confiança e por obra do destino, encontrou seu verdadeiro amor, bem como os personagens desse livro; também às minhas leitoras por sempre abraçarem cada história minha de um jeito único. Muito obrigada!

NOTA DA AUTORA

A história se passa na cidade de Horizonte, que é fictícia; totalmente fruto da imaginação da autora. Portanto, qualquer semelhança com a realidade é uma mera coincidência.

Essa história faz parte da SÉRIE: CONTRATO DE CASAMENTO, uma parceria com as amigas e autoras: Sara Ester e Marta Viana. Podem ser lidas fora de ordem, pois são independentes:

LIVRO 1: Vingança Declarada – Sara Ester

LIVRO 2: Vingança Premeditada – Vivvy Keury

LIVRO 3: Amor Marcado – Marta Vianna



SINOPSE:

Aos seus 35 anos, **OTÁVIO ANTUNES** não poderia estar mais feliz, tanto no âmbito profissional quanto em sua vida pessoal. No entanto, algo acontece e vira completamente o seu mundo de cabeça para baixo, deixando-o cego, a fim de forjar um plano de vingança.

NINA AMARAL leva uma vida simples, porém, regada de muito amor. Ela só não esperava receber uma notícia tão trágica ao ponto de fazê-la perder o chão completamente.

Uma vingança.

Um contrato de casamento.

O que era para ser simples e objetivo, acaba se transformando em algo além do que o previsto.



CAPÍTULO 1

OTÁVIO ANTUNES

UMA SEMANA E ALGUNS DIAS ANTES...

Cheguei na empresa após pegar um trânsito caótico por conta da forte chuva que caía lá fora. Acionei o botão do elevador ao entrar no prédio, passando a mão pelo meu paletó, de modo a tirar quaisquer resquícios de gotas de chuva. Assim que parou e suas portas se abriram, entrei, me juntando aos demais, que os cumprimentei e logo começaram a se fechar, porém, ouvi um grito alto vindo da parte exterior e fui ágil ao evitar que se fechassem por completo:

— Segurem o elevador, por favor! — Nina, minha secretária há quase dois anos, entrou, tendo a sua respiração entrecortada, e me agradeceu ao se

deparar comigo ali, em meio aos outros.

Talvez por conta do tempo em que passávamos juntos em meio ao trabalho, acabamos nos aproximando ao longo dos anos e criamos certa amizade. Muitas vezes eu desabafava coisas aleatórias do meu dia a dia com ela, tanto do âmbito pessoal quanto profissional, bem como a mesma fazia comigo. Percebi ser uma mulher esforçada e carismática, além de bonita, pois isso eu não poderia negar.

— Bom dia, chefe! Obrigada pela gentileza — me saudou, agradecendo em seguida e deu um riso genuíno.

— Bom dia, Nina. Não foi nada de mais. — Dei de ombros e devolvi o sorriso na mesma intensidade.

Ela se recostou em uma das laterais e ficou quieta, alinhando os fios loiros, curtos e lisos do seu cabelo.

Em meio ao silêncio, o elevador continuou a subir e não demoramos a chegar no nosso andar. Nina saiu na frente e a vi colocando sua bolsa sobre a mesa, livrando-se do seu casaco em seguida. De repente, olhou-me, questionando:

— Vai querer o café de sempre, senhor Otávio? — Todas as manhãs ela fazia isso.

— Sim, por favor — respondi.

Então ela assentiu e prossegui até a minha sala, fechando a porta atrás

de mim. Cruzei o ambiente em direção a minha mesa e deposei a minha pasta sobre o tampo de vidro. Abri as persianas que cobriam a ampla janela de vidro que tinha atrás da minha mesa e contemplei a visão do centro da cidade de Horizonte.

A chuva continuava forte e via suas gotas escorrendo através do vidro. Me permiti pensar por alguns instantes e as analisei, enquanto a figura da mulher, que há quase um ano havia tomado o meu coração para si, invadiu a minha mente. O canto dos meus lábios se arquearam em um sorriso, contente ao ter a certeza que era com ela que queria formar uma família e envelhecer ao seu lado, tanto que faltava um pouco mais de uma semana para o nosso casamento.

Letícia era um encanto de mulher. Linda, inteligente, empoderada, mas não deixava de mimá-la sempre que sentia necessidade disso. Só tinha um problema... nesse último mês que se passou, vinha sentindo certo distanciamento da sua parte, algo que não era comum entre nós anteriormente. Conversei sobre isso com a minha mãe, e ela me tranquilizou, dizendo poder ser pela aproximação do “grande dia”, no entanto, isso veio piorando e, como um homem de sexto sentido forte, geralmente não costumava ignorar esse fato.

Meus pensamentos foram dispersados ao ouvir batidas sutis na porta e autorizei a entrada. Virei-me e vi Nina entrar, com a xícara de café em mãos.

O cheiro tomou conta do espaço, e ela a colocou em cima da minha mesa.

— É melhor tomar logo, antes que esfrie — sugeriu, e comprimi meus lábios em um sorriso ameno.

Nina sentou-se em um dos assentos diante da minha mesa e deslizou o dedo sobre a tela do *tablet*, onde elaborava as anotações on-line, justamente para não arriscar perdê-las, caso o aparelho apresentasse qualquer defeito, já que poderia acessar de outro aparelho.

— Obrigado! — agradei, tomando a minha cadeira e me aproximei do móvel.

Peguei a xícara e sorvi um pouco do líquido flamejante, apreciando o seu gosto meio-amargo. Nina sabia prepará-lo do modo que eu gostava. Confesso que nem sempre foi assim, mas o importante é que ela era uma moça esforçada e estava disposta a aprender, o que foi o caso do café, que hoje fazia com perfeição.

— Vou repassar a agenda de hoje enquanto toma seu saboroso café — se vangloriou.

Sorri, acostumado com esse seu modo de falar. Foi pautando cada uma das minhas obrigações do dia até que mirei a xícara sobre a mesa e nem havia notado que simplesmente não ouvi mais nada do que dizia. Só me dei conta quando a escutei me chamando:

— Senhor Otávio? Senhor Otávio? — repetiu, até que a encarei e

sacudi a cabeça.

Definitivamente, estar preocupado com o modo distante que a minha noiva havia adotado no último mês e vinha piorando a cada dia, de certa forma, também estava afetando o meu trabalho. Há dias não conseguia me concentrar exclusivamente em algum dos meus afazeres.

— Está tudo bem? — indagou, assim que encarei os seus olhos e vi certa preocupação contida em cada um deles.

— Ah, eu... — Pausei, passando a mão pelo rosto, não conseguindo disfarçar que tinha algo me incomodando.

— Não sei se é o caso, mas tenho percebido que o senhor anda meio aéreo ultimamente — declarou.

— Tem uma coisa me incomodando e acredito que preciso de uma segunda opinião, apesar de já ter tido a primeira da minha mãe — salientei.

— Sou todo ouvidos, se estiver mesmo disposto a dividir comigo. Talvez eu possa ajudar. — Riu, dando de ombros.

Suspirei, ajustando a minha postura contra o assento, antes de bebericar um pouco mais do café e decidi questionar de uma vez por todas.

— Vocês, mulheres, costumam ficar distantes do nada? Tipo, sem um motivo aparente em meio a um relacionamento? — inquiri, ansioso pela sua resposta.

Nina deixou o *tablet* de lado e fixou seu olhar no meu, fazendo um

biquinho pensativo.

— Depende... — ponderou.

Bufei.

— Como assim depende? — Demonstrei confusão mediante a sua resposta inconclusiva.

— Se o homem tratou mal em algum momento do dia; esqueceu alguma data comemorativa; não mima; não elogia; hum... também temos o hábito de ficarmos nervosas caso alguma data importante esteja se aproximando. Digamos que a nossa mente vira um verdadeiro ringue, onde nem nós mesmas entendemos as nossas próprias emoções, e elas acabam lutando entre si. — Riu de modo descontraído.

— Vocês são tão confusas, às vezes — pontuei.

— Nisso, tem razão — concordou, ainda sorrindo.

Deixamos a conversa de lado após agradecê-la pelo seu parecer e me vi mais tranquilo em relação à frieza da minha noiva. Nina podia estar certa em tudo o que disse, eu só precisava ter um pouco mais de paciência, afinal de contas, logo nos casaríamos e isso não passaria de uma má lembrança. Sendo assim, pedi que continuasse de onde havia parado e mantive a minha atenção em tudo o que ela falava.

Meu dia seria cheio. Muito cheio.

Após o almoço, liguei para Letícia, que estava em mais uma das suas viagens a trabalho, e mencionei que não havia conseguido falar mais cedo, e ela me informou com a voz melosa que estava enfrentando um dia exaustivo em meio às sessões de fotos que tirava. Minha noiva era modelo fotográfica, não que fosse famosa ao ponto de ser perseguida por ‘paparazzis’, apenas recebia propostas para posar; muitas vezes de algumas empresas que a Império confeccionava os uniformes dos funcionários. Não era para menos, já que era um verdadeiro mulherão, e eu não poderia estar mais contente e orgulhoso de mim mesmo por conta disso.

Saber que a teria totalmente para mim, sendo a minha esposa, não tinha nada que pudesse estragar a certeza de que realizei a escolha certa.

Encerrei a ligação depois de desejar força para terminar o seu trabalho e dizer estar morrendo de saudades, e ela agradeceu e, também, frisou sentir a minha falta. Meu coração palpitou no peito ao acessar uma das suas fotos no meu celular e sorri, pensando em lhe fazer uma surpresa. Letícia estaria de volta no dia seguinte, e eu iria aguardá-la no aeroporto da cidade, apesar de

eu ter dito que não iria por conta do trabalho, como muitas vezes já aconteceu, nesse seu retorno seria totalmente diferente.

Minha noiva amaria a surpresa.

DIA SEGUINTE...

Saí do carro, eufórico para aguardá-la. Peguei o buquê de rosas que ela tanto amava e entrei no aeroporto, pegando a primeira escada rolante para o andar de cima. Na parte da saída de desembarque, lá estava eu, todo eufórico para a sua chegada.

Como tinha planos de levá-la até em casa e seguir direto para o trabalho, pois já era por volta das dez da manhã, fui de terno e roupa social. Letícia não escondia o quanto me amava nesses trajes e, como um bom homem que preza o que a sua mulher gosta, não ousaria vir vestido de outro modo. Várias pessoas começaram a passar pelo portão e ajustei a minha gravata, abrindo um amplo sorriso, no entanto, nada me preparou para o que vi adiante.

Letícia saiu sozinha por um dos portões, mas logo atrás dela, identifiquei aquele que um dia chamei de amigo. Bruno Gonzalez foi um grande amigo desde a minha infância; estudamos no mesmo colégio desde a

nossa adolescência e nos graduamos na mesma faculdade. O problema de termos praticamente tomado raiva da cara um do outro foi justamente o fato de ele ter ficado com uma namorada minha da faculdade enquanto tínhamos um relacionamento sério, algo que só descobri algum tempo depois.

Foi onde percebi que ele podia ser tudo, menos meu amigo. Cortei quaisquer relações com a sua pessoa e agora me deparo com ele se agarrando à cintura da minha noiva, a mulher que pensei ser a mais correta possível e que jamais me trairia dessa forma. Se não bastasse isso, o vi se aproximar um pouco mais e beijá-la.

Isso mesmo, na boca. Desgraçados! Uma fúria tomou conta do meu interior e travei meu maxilar, fechando a mão que descansava ao lado do meu corpo em forma de punho.

Naquele momento, enxerguei completamente vermelho e cheguei a dar um passo à frente, no entanto, algo aconteceu, fazendo com que o meu raciocínio lógico me fizesse tomar outra atitude e assim o fiz. Meio aéreo, saí andando entre a multidão e joguei o buquê de flores na primeira lixeira que encontrei pela frente. Inicialmente, a minha vontade foi de ir até os dois e socar a cara daquele infeliz, além de gritar com toda a força para a Letícia que tudo estava acabado entre nós dois.

Em meu interior, nada fazia sentido agora e, enquanto caminhava, fazendo meu percurso de volta para o carro, as minhas vistas se tornaram

turvas pelas lágrimas que se formaram em meus olhos, mas não permiti que nenhuma sequer escorresse pelo meu rosto. Cheguei ao meu veículo e, após me acomodar no assento do motorista, abaixei minha cabeça, encostando-a contra o volante, e fechei meus olhos por longos minutos. Um filme de tudo que vivenciei com Letícia passou pela minha cabeça, e não achei nenhuma resposta para ela ter agido dessa forma pelas minhas costas.

Na verdade, eu nem sabia se o que estavam tendo vinha sendo há muito tempo ou foi apenas nessa “viagem”, somente para enfeitar um pouco mais a minha cabeça de corno. Independente disso, não era algo que podia ser ignorado por mim. Com a minha cabeça latejando de dúvidas, liguei para o único que poderia me orientar nesse momento: o meu pai, Gustavo.

Não era bem um conselho que eu queria, mas, sim, que um dos detetives da sua empresa averiguasse desde quando a minha noiva vinha me traindo.

— O que fará com as informações que o Leandro te passar? —

Naquele instante, me encontrava no escritório do meu pai e a minha mãe

estava junto.

Queria que ambos soubessem de tudo e estava evidente no rosto, olhar e postura de cada um deles o quanto ficaram decepcionados somente pelo que contei sobre o que vi no aeroporto.

— Tem que dar uma lição nessa mulherzinha, mas, antes, deve primeiro ter certeza e... provas. Temos que desmascará-la, só não sei como ainda — Dona Vilma fez questão de frisar.

— Sei disso, mãe, mas confesso que não estou com psicológico para pensar nisso agora. — Soltei o ar pesadamente e passei a mão pelo rosto.

Minha mãe sentou ao meu lado no sofá, enquanto meu pai se manteve sério e pensativo.

— Sinto muito que há poucos dias do casamento que tanto aguardou aquela vadia tenha feito isso com você, meu filho — lamentou e afagou as minhas costas.

— Não fale assim, Vilma! Ainda não...

— Está defendendo aquela safada? Se ver a mulher que ama sendo beijada por um dos seus inimigos não significa nada, meu querido, sinto informar, você já está morto há muito tempo e não sabe. — Por um momento, me permiti sorrir do seu comentário.

Em seguida, voltou a dar lugar à tristeza estarrecedora que se apoderou do meu coração desde a cena que se desenvolveu à minha frente no

aeroporto.

— Vilma! — exclamou em tom de repreensão.

Em meio ao que falavam, acabei me distraíndo e, por fim, avisei que esperaria provas contra a Letícia para decidir como me vingaria dela. O pior era saber que, até isso acontecer, eu teria que fingir estar tudo bem.

Podia estar tudo, menos bem. Não consigo.



CAPÍTULO 2

NINA

Depois de um dia exaustivo no trabalho, saí da Império Confecções e atravessei na faixa de pedestres. Cheguei à parada de ônibus e peguei o primeiro que parou, que passaria próximo da quadra em que eu morava. Como já passava das dezoito horas, o transporte estava cheio, porém, fui me espremendo entre os demais até chegar ao fundo e conseguir respirar com mais facilidade.

Algum tempo depois, cheguei ao meu trajeto e desci do ônibus assim que parou. Caminhei pela rua até chegar na casa em que morava com o meu avô Josué. Desde que me entendo por gente, foi ele quem me criou, desde o meu nascimento, com a minha avó Diana, mas infelizmente a perdemos quando eu tinha por volta dos meus dezesseis anos.

Ela fazia muita falta. Muita mesmo.

Empurrei o portão ao destrancá-lo e entrei, fechando-o. No instante em que atravesssei a porta da sala, os olhos do meu avô abandonaram o prato de comida que tinha em mãos e se encontraram com os meus. O ofereci um sorriso amplo e me juntei a ele no sofá.

— Oi, vô! — saudei, e ele devolveu o sorriso.

Dei um beijo na sua cabeça calva e logo nos encaramos novamente.

— Oi, minha menina. Como foi o trabalho hoje? — quis saber.

Notei seu olhar um pouco opaco; sem o brilho que tanto esbanjava antes. Quando ia respondê-lo, Eduarda, filha da Francisca, nossa vizinha e minha melhor amiga desde o colegial, chegou até o cômodo.

Ela era formada em Técnico de Enfermagem e, há alguns dias, decidi pedir para ela cuidar do meu avô, visto que começou a se queixar de algumas dores, como: dor ao urinar, posteriormente, começou a sair com um pouco de sangue, bem como a necessidade de urinar diversas vezes, principalmente no período da noite. Levei-o ao médico que, após pedir alguns exames e pegar os resultados, o questionou sobre seus cuidados quanto à próstata. Meu avô não era exemplo nesse quesito, por mais insistente que eu fosse para mudar seus pensamentos arcaicos, do tipo “Não deixarei enfiarem o dedo no meu brioco. Nem a pau”.

Enfim, mediante a isso, o doutor foi bem rígido quando o chamou a

atenção para se cuidar, principalmente por ser um senhor de idade, no alto dos seus sessenta e um anos. Depois disso, o encaminhou para um urologista, alegando que o hemograma que pediu havia dado uma alteração e era bom ser analisado melhor pelo profissional da área, até para pedir um diagnóstico mais aprofundando.

Me vi surpresa quando o escutei falando sobre isso, pois não entendi muito bem, já que imaginei que esses sintomas fossem decorrentes de alguma infecção urinária, porque tive algumas vezes, tendo causas semelhantes, algo que indicava que dessa vez não se tratava disso.

Alguns dias depois, consegui marcar em uma clínica particular, já que, no público, tudo era mais difícil de conseguir, principalmente com certa agilidade, como o médico pediu. Será amanhã, no período matutino que ele será consultado e confesso que uma certa preocupação vinha me abatendo nos últimos dias. Passei o dia no trabalho pensando nisso e pedindo aos céus para que o médico o verificasse e não fosse nada de mais. Afinal, mesmo o meu avô sendo um senhor e bastante proativo, não podia descartar a hipótese de o médico apontar alguma falha com a sua saúde, muito menos depois de o outro doutor tê-lo alertado acerca da sua próstata.

Talvez por conta disso estivesse com uma preocupação maior referente a sua consulta. Independentemente do que desse, mantive meus pensamentos positivos, afinal, prezava muito pela saúde do homem que tinha como a única

figura paterna em minha vida e, se o perdesse, nem sei como ficaria o meu emocional, portanto, faria de tudo para ele continuar bem.

— Oi, Nina. — Me levantei e demos um abraço rápido.

— Oi, Duda! E como foi com ele hoje? — inquiri, olhando-o em seguida.

— Já disse que não preciso de nenhuma babá. Sei muito bem lidar com qualquer coisa, além de mim mesmo. Não sou um inútil. — Rimos em uníssono do comentário do meu avô.

— Por mais que o senhor Josué diga essas palavras, saiba que ele foi um amor de pessoa. — Eduarda era um amor de pessoa e muito paciente, não era à toa que se identificou com essa profissão.

— Vô! — repreendi, e ele não se importou, visto que deu de ombros e continuou o seu jantar. Duda riu assim como eu e resolvi deixá-lo por alguns segundos para acompanhá-la até o portão.

Deixamos o interior da casa e fomos andando até sairmos no portão.

— Ele não queixou de mais dores? — questionei, preocupada.

— Não. As mesmas de sempre, referentes ao urinar — me tranquilizou.
— Espero que amanhã ocorra tudo bem e ele ficar melhor logo — desejou.

— Obrigada, amiga. Também desejo que tudo isso passe logo —
agradei com certo lamento e nos abraçamos rapidamente.

Logo ela saiu, entrando no portão ao lado, e voltei para dentro. Soltei

um longo suspiro e passei a mão pelos meus cabelos. Meu coração não se aquietava no peito de tão aflita que me encontrava.

DIA SEGUINTE...

Há algum tempo, chegamos à clínica e depois de muito conversar com o meu avô e o médico o informar que o exame de toque retal era necessário para saber se tudo ia bem acerca da sua próstata, finalmente ele concordou e saí da sala. Andei pelo corredor diversas vezes, sentindo-me aflita e rogando aos céus mentalmente para não ter nada de mais com ele. Longos minutos se passaram até ser solicitada pelo doutor e, assim que me coloquei ao lado do senhor Josué, o urologista, chamado Marcelo, começou a falar:

— Bom... Aqui somos bem transparentes com os nossos pacientes e familiares, portanto, devo dizer que foi diagnosticado uma leve alteração na próstata do senhor Josué. — Confesso que saber disso fez com que o meu coração disparasse no peito e um nó se formou na minha garganta.

Mesmo nervosa, engoli minha saliva com certa dificuldade e perguntei:

— E... o que isso quer dizer, doutor? — Olhei para o meu avô, disfarçando com um mero sorriso. Não queria que ele se desesperasse sem antes termos as informações necessárias.

— Não posso afirmar nada sem termos um diagnóstico completo.

Pedirei exames complementares e, assim que tiver o resultado de todos, poderei dizer com precisão. De antemão, peço que não fiquem matutando sobre o assunto, apenas tenham paciência — pediu enquanto começou digitar em seu computador e, em seguida, me entregou alguns papéis, após assiná-los e carimbá-los. — Quanto mais ágil o seu avô realizar os exames, mais rápido poderei dar um diagnóstico certo do que ele realmente tem, tudo bem? — indagou, e comprimi meus lábios, olhando firmemente em seus olhos até assentir em concordância.

Me levantei posteriormente e após nos despedir do doutor, abandonamos a sua sala, indo em direção à saída da clínica. Como estava com o meu avô e não queria que ele se desgastasse tendo que caminhar até a parada de ônibus mais próxima e pegar um transporte, que demoraria demais para chegarmos em casa, pedi um uber, que não demorou chegar e, momentos mais tarde, descemos em frente a nossa residência. Entramos e Eduarda já se encontrava por ali.

Meu avô quis ir para o seu quarto descansar e eu tomei um banho rapidamente.

— Como foi? — Duda questionou assim que deixei o banheiro. Ela estava sentada na beirada da minha cama.

— Tem algo de errado com o meu avô, e não tem como saber ao certo, já que antes precisamos realizar alguns exames complementares —

mentionei e soltei um suspiro pesado.

Entristecida, me vesti agilmente e peguei os papéis na bolsa, mostrando para a minha amiga.

— Hum... — murmurou ao analisar os pedidos do médico.

— O pior que não terei tempo para pesquisar os valores. Pedi ao chefe para chegar mais tarde por conta dessa consulta do avô e muito provavelmente nem terei horário de almoço — salientei, terminando de desembaraçar os fios loiros do meu cabelo, mantendo-os soltos.

— Posso fazer isso por você e mais tarde te mando no WhatsApp os valores. — Olhei-a no mesmo instante.

— Tem certeza disso? — indaguei.

— Claro! Pode ir tranquila para o trabalho. — Se levantou e a abracei, agradecida pelo seu gesto.

— Tranquilidade não habita em mim desde que soube que o meu avô não está bem, mas agradeço muito pela sua ajuda — expressei minha gratidão.

— Estou aqui para o que precisar, sabe disso. — Duda deixou bem claro e, após abraçá-la novamente, nos desvencilhamos.

Calcei minha sapatilha de salto pequeno e apanhei a minha bolsa, saindo do meu quarto em sua companhia. Parei diante da porta dos aposentos do meu avô e desferi algumas batidas, visto que não obtive resposta, a

empurrei devagarinho e o avistei deitado, parecia estar cochilando. Fechei-a e, ao me despedir da minha amiga, saí de casa e fui andando até a parada de ônibus.

Precisava chegar lá quanto antes, por mais que meu chefe soubesse do motivo de eu chegar mais tarde. Não queria me atrasar mais do que já estava.

— Está tudo bem? — Pisquei algumas vezes antes de identificar a voz do senhor Otávio e avistá-lo diante da minha mesa.

— Sim — menti ao recobrar a minha consciência e guardei o celular no bolso do blazer que usava.

Ele franziu o cenho, analisando a minha face como se soubesse da minha mentira, e disfarcei, sorrindo minimamente.

— Pode vir até a minha sala, por favor? — solicitou, e balancei a cabeça em positivo.

Ele saiu em sua pose altiva e confiante, enquanto peguei o *tablet* para elaborar alguma anotação e me coloquei de pé. Respirei fundo e o segui até entrarmos em sua sala. Fechei-a, vendo-o tomar seu assento atrás da mesa e

parei diante do móvel, permanecendo em pé.

— Sente-se, Nina — pediu e antes que pudesse recusar, fui, interpelada. — Sempre fomos sinceros um com o outro e, pelo seu olhar entristecido, percebi que nada vai bem, Nina. — Encarei-o, espantada pela sua observação. — Se quiser se abrir comigo, sou todo ouvidos. — Sorri diante da frase que me pertencia e ele a copiara.

Cansada, me joguei sobre a poltrona ao lado e descansei o *tablet* sobre meu colo, umedecendo meus lábios antes de decidir falar o que estava acontecendo.

— Não julgo que deveria se importar com os problemas de uma simples secretária, senhor Otávio — frisei, olhando minhas próprias mãos.

— Nem você deveria ter feito o mesmo por um chefe chato pra caralho, mas não foi isso que aconteceu durante o tempo que está trabalhando aqui, tanto que criamos uma certa amizade, algo incomum entre um chefe e uma funcionária, não acha? — rebateu.

Mediante ao que falou, não pude deixar de voltar a mirar os seus olhos, que fixaram-se aos meus. Notei um resquício de dúvida presente em cada um deles, mas ignorei aquele fato. Sacudi minha cabeça, voltando ao meu raciocínio lógico.

— Tem razão — reconheci.

Respirei fundo mais uma vez e desabafei de uma vez. Assim que

concluí, ele coçou o queixo encoberto pela sua barba evidente e me pareceu pensativo.

— Há pouco, minha amiga me mandou alguns orçamentos que conseguiu em algumas clínicas que ligou, referentes a todos os exames que meu avô terá que efetuar e... foge completamente do que pensei que poderíamos arcar. — Deixei meus ombros caírem, como se me sentisse derrotada. Na verdade, era dessa forma que me sentia. Não tinha a mínima ideia de onde arrancaria todo aquele dinheiro para custear somente os exames.

Nem queria pensar em quanto mais necessitaria para o tratamento, caso fosse preciso.

Otávio não emitiu nenhum som, apenas meus olhos acompanharam seus movimentos quando abriu a primeira gaveta da sua mesa e deslizou um envelope em minha direção.

— Sei que está com problemas e não é um bom momento. Enfim, não sei bem como dizer isso, mas... case-se comigo, Nina? — Impactada com o que ouvi, segurei o *tablet* contra mim e me pus de pé.

Passei a mão pela garganta, pensando estar imaginando coisas.

— O que disse? — incrédula, questionei.

Otávio ergueu-se do seu assento e me encarou decididamente.

— Você está precisando de ajuda, e eu também, portanto, se aceitar,

estaremos juntando o útil ao agradável. Além disso, concordando com a minha proposta, tenha certeza de que seu avô terá toda a assistência possível. Irei fornecer o melhor plano de saúde, o que me diz? — expressiu sem titubear.

Soltei um riso de canto.

— Isso deve ser alguma brincadeira — deduzi, visto não fazer sentido o que estava me propondo.

Confusão tomou conta da minha mente.

— Não, Nina. Nunca falei tão sério em toda a minha vida — disse seriamente e nos encaramos pelo que me pareceram horas.

Ele estava noivo, como podia estar me propondo algo daquele tipo? — questionei a mim mesma mentalmente.



CAPÍTULO 3

OTÁVIO ANTUNES

Após chegar da residência dos meus pais, cumprimentei Sebastiana, a governanta da casa. Por mais que eu morasse sozinho, assim que vi a Império Confecções crescendo e dando uma boa rentabilidade financeira, não pensei duas vezes ao sair do pequeno apartamento que residia no centro e comprei em um local diferente. Minha moradia era grande e localizada em um dos condomínios mais sossegados e procurados, sendo um pouco afastado do centro da cidade, era o que eu amava, para ser bem sincero.

— Boa noite, senhor! — saudou com o sorriso amplo de sempre.

Sebastiana não era casada; havia sido há muitos anos, contudo, divorciara e tinha dois filhos, que moravam em outra cidade. Ambos eram casados e tinham suas famílias, sendo assim, ela se acomodava em um dos

quartos da casa, tendo o final de semana para descansar. Muitas vezes não saía, porém, existia uma conhecida que morava em um bairro vizinho e ia para lá, retornando apenas no domingo à noite.

— Boa noite! — devolvi seu cumprimento, forçando um sorriso.

Naquele momento, não me sentia nada bem. Minha cabeça pulsava, parecendo que explodiria a qualquer instante; não muito diferente do meu coração, que se encontrava partido em zilhões de pedaços. Letícia não tinha o direito de ter me feito de otário daquela forma, entretanto, fez.

A cada passo que eu dava, a cena que presenciei mais cedo tomava, literalmente a minha mente e o meu único desejo era esquecer o que vi. Arrancá-la a qualquer custo dos meus pensamentos e coração. Nem mesmo sabia o que faria para dar o troco à altura.

Suspirei ao ouvir Sebastiana:

— Pensei que retornaria com a senhora Letícia. O que houve? — Seu semblante mudou de alegre para preocupada, e umedeci meus lábios.

Soltei um riso de canto com certo escárnio.

— Eu também pensei — lamentei, tentando conter a minha grande decepção.

— Vejo que algo aconteceu, porém, conhecendo-o bem, sei que não é um bom momento. Vou deixá-lo ir tomar um banho e desça para o jantar, tudo bem? Quem sabe assim possa querer conversar, não é mesmo? —

sugeriu, e apenas assenti, juntando meus lábios em linha reta.

Subi as escadas me sentindo um lixo. Sei que não deveria me ver assim, entretanto, Letícia conseguiu essa proeza. A todo instante, ficava me perguntando como não percebi isso antes? Como?

Zonzo com todas aquelas questões pipocando na minha cabeça, decidi deixar todo aquele sentimento de raiva, rancor, mágoa, tristeza, desejo de vingança e, principalmente, de corno de lado com o intuito de entrar na ducha fria e deixar com que todas essas sensações ruins se dissipassem gradualmente. De repente, me lembrei da conversa que tive com a minha mãe antes de vir embora, quando me aconselhou fazer algo que ainda estava em dúvida:

— Se quer humilhá-la, não deveria apenas anular tudo referente ao casamento — frisou.

— Como não, mãe? Vou deixá-la livre para se engalfinhar com o homem que ela quiser e seguirei com a minha vida. Simples assim! — enfatizei.

— Letícia merece uma vingança pelo que te fez, meu filho! Praticamente pintou e bordou debaixo do seu nariz e vai deixá-la assim? Sem ao menos se vingar? Não dá para pensar em ser bonzinho quando a pessoa em quem depositou o seu coração o pisoteou sem qualquer ressentimento — disse, inconformada.

— E o que pensa que devo fazer além disso? — Pela cara que dona Vilma fez, imaginei que viesse um plano mirabolante daquela sua cabecinha pensante.

— E se você arrumasse outra noiva? — Pressionei minha têmpora ao escutá-la.

— Isso não faz o menor sentido, mãe. — Automaticamente descartei tal hipótese.

— Por que não? Ela não saiu por aí te traindo com outro? Na verdade, pode até ter sido com mais e você nem sabe. — Suas insinuações, onde deixava explícito o quão corno eu poderia estar sendo e nem sequer me dei conta antes, estavam começando a me deixar com uma puta dor de cabeça. O pior era ter que admitir a mim mesmo que minha mãe tinha razão.

Merda!

Levantei-me do sofá que nos encontrávamos na sala de estar e esfreguei a minha nuca, mirando o chão à procura de uma solução.

— Digamos que eu abrace essa loucura, onde encontraria uma falsa noiva a essa altura, visto que faltam menos de dez dias para o casamento? — Mirei seus olhos ao me virar em sua direção.

Ela pôs a mão no queixo por alguns minutos e logo seus olhos brilharam, denunciando ter algo em mente.

— Podemos contratar uma mulher aleatória em algum site ou

classificado que esteja precisando de uma boa grana. Estipulamos um prazo para a duração do casamento, cerca de uns seis meses e...

A interrompi.

— Não temos tempo suficiente para isso, mãe — lembrei. — Esquece! Isso não dará certo, até porque eu teria que ao menos saber um pouco da vida da suposta noiva; conhecê-la. Afinal, não dá pra pegar qualquer pessoa, me casar e simplesmente enfiá-la na minha casa como se não fosse ficar com o pé atrás em relação a sua índole — expressei e soltei o ar pesaroso.

— Concordo com isso, mas, querido...

Não permiti que continuasse com aquela conversa louca.

— Mãe... — Fixei meu olhar no seu ao pegar suas mãos nas minhas e beijei o torso de cada uma. — Sei que preza muito pela minha felicidade e que, assim como eu, está deveras chateada com o que a... — Respirei fundo, não querendo ter que pronunciar o nome da responsável pelo meu estado deplorável, emocionalmente falando.

— Chateada não, estou furiosa! Se eu visse ela agora na minha frente, juro que esfregaria a sua fuça nesse chão. — Não pude segurar a risada mediante a sua ameaça severa.

— Acredito que sim, por isso acho melhor eu ir embora, até para acalmar os nossos ânimos — mencionei.

— Tudo bem, querido. Entendo que aquela vagabunda tenha despedaçado o seu coração, mas não ouse pensar em não se vingar. Me ouviu bem? Letícia merece a humilhação do século por tê-lo enganado — persistiu com aquela ideia, olhando dentro dos meus olhos. — Diz pra mim que cogitará arranjar uma noiva, hum? Já até visualizei a cara que ela ficará quando chegar com outra para casar no lugar dela. Ai! Será tudo de bom! — exclamou alegremente.

Sorri, balançando a cabeça em negativo.

— Mãe, sabia que a senhora tem uma mente fértil até demais? — interroguei, divertido.

— Digamos que o seu pai sempre frisa isso. — Rimos em uníssono. — Promete que pensará, hum? — insistiu.

— Tentarei — pontuei e nos despedimos, fazendo o mesmo com o meu pai que logo surgiu em meio a sala.

Saí dali me sentindo reconfortado, sensação essa que não demorou muito, já que, ao entrar no carro, meu celular começou a tocar. O alcancei no bolso dianteiro do paletó e, ao identificar o nome de Letícia estampado no visor com uma foto nossa, apertei o aparelho em minha mão com tanta força que fui obrigado a parar ao sentir uma dor aguda na minha palma e dedos. Por fim, decidi que não atenderia e deixei o telefone no mudo.

Falar com ela naquele instante só pioraria a raiva que vinha sentindo

desde que a vi naquele aeroporto. Concluí ser melhor não nos falarmos. Mais tarde retornaria tendo alguma desculpa para dar, visto que, antes disso, precisava recompor as minhas emoções.

Voltei à realidade, deixando minhas divagações de lado e, dentro do meu *closet*, terminei de escolher uma roupa, seguindo direto para o banheiro. Letícia havia ligado mais algumas vezes e simplesmente digitei uma mensagem dizendo que não sairia tão cedo da empresa por conta de uma reunião que estava tendo. Com isso, ela respondeu dizendo que me amava e que aproveitaria a noite para descansar bastante, dado que, no dia seguinte, estaria com as energias renovadas para me ver.

Era inacreditável o modo frio com o qual ela agia. Meu estômago embrulhou, intensificando um pouco mais a minha raiva pelo que estava fazendo comigo. Não dava para ignorar o tamanho da sua falta de caráter naquele momento.

Debaixo do chuveiro, enquanto a água fria jorrava sobre a minha cabeça, pensei em tudo que minha mãe disse mais cedo e finalmente resolvi considerar sua ideia, por mais que, inicialmente, tivesse achado uma grande loucura. Com isso, não me demorei no banho e logo ao sair e me encontrar vestido com um conjunto de moletom, sentei-me na beirada da cama com meu celular em mãos e digitei o número do Ítalo.

Ele, além de ser meu amigo desde a faculdade, também era o

responsável pela parte jurídica da Império Confecções. Confiava cegamente nele e sabia muito bem que me ajudaria com a elaboração do contrato de casamento. Agora só precisava pensar onde acharia uma falsa noiva disposta a se casar comigo.

Não tinha a menor ideia, porém, estava convicto em pôr a minha vingança em prática. Letícia se arrependeria profundamente por ter me traído.

DIA SEGUINTE...

Desde o momento que havia chegado na empresa, mantive o meu foco no trabalho. Letícia ligou pela manhã e tive que fingir não ter nada de errado, quando, na verdade, só de ouvir a sua voz me dava ânsia de vômito. Combinamos de almoçar juntos e ela passaria aqui para irmos a algum restaurante de sua preferência. Não me sentia contente com nada disso, porém, não abandonaria a minha decisão.

Abri a primeira gaveta da minha mesa e peguei o envelope dentro. O abri, retirando os papéis e os folhee, lendo algumas das cláusulas. Ítalo foi rápido em redigi-lo e me entregou assim que cheguei.

Ele deixou claro que, qualquer mudança, eu poderia falar que o faria. O agradeci pela agilidade e me desejou sorte, visto que contei sobre o porquê disso. Tive seu total apoio e fui instruído a tudo que deveria efetuar para o cancelamento da data de casamento com a Letícia para poder organizar o novo, com a falsa noiva, que nem tinha ainda e mal sabia se encontraria a tempo.

Com isso, o tempo passou e Nina chegou mais tarde, já que havia me comunicado da consulta que o seu avô teria e ela o acompanharia. Sabia que a mesma foi criada pelos avós, visto que a mãe a abandonou com apenas seis meses de vida com a história de que voltaria, contudo, a deixou para seguir os passos de um homem que nem era o seu pai. Já sobre seu pai biológico, não tinham notícias há anos, dado ser um desocupado, daqueles que não quer nada com a vida e vive mudando de cidade.

Quando fui até a sua mesa e a vi inerte em seus pensamentos, não escondi a minha preocupação ao questioná-la se tudo estava bem. Mesmo respondendo que sim, notei que não falou a verdade e a chamei até a minha sala. Ao convencê-la a me dizer a verdade, fui ouvindo sobre o problema que havia se deparado envolvendo a saúde do seu avô e, naquele instante, minha mente absorveu tudo, me levando a fazer a proposta do contrato de casamento.

Instantaneamente ela pareceu incrédula e relutante quanto ao assunto,

até abandonar o seu assento, pondo-se de pé e esboçando um sorriso irônico, como se eu estivesse fazendo alguma brincadeira de mal gosto.

— Isso deve ser alguma brincadeira — deduziu.

Identifiquei certa confusão em seus olhos.

— Não, Nina. Nunca falei tão sério em toda a minha vida — externei seriamente, e nos encaramos por mais tempo do que o normal.

— Você está noivo, como pode me fazer uma proposta dessa? Não tem vergonha de ser um...

Antes que ela me acusasse de ser um safado, a interrompi.

— Não me julgue sem antes saber o real motivo de estar lhe propondo isso, Nina — praticamente supliquei.

— Então seria bom se começasse a explicar, não acha? Sinceramente, no momento, não tem nada de bom passando na minha cabeça em relação a essa sua postura — enfatizou.

— Compreendo — reconheci e me preparei para contar o que aconteceu, ou ao menos uma parte.



CAPÍTULO 4

NINA

De pé, permaneci encarando o senhor Otávio, aguardando que me desse uma explicação plausível para estar me propondo um casamento, sendo que já era noivo e se casaria dentro de poucos dias. De imediato, ele se calou, ficando assim por um bom tempo. Dei o espaço que precisava, até resolver se pronunciar:

— Não sei bem como falar isso, mas... — soltou uma baforada de ar, parecendo cansado — acho melhor se sentar, porque... bem, é uma história um pouco complicada — avisou, meio sem jeito.

Pelo modo inseguro que meu chefe estava demonstrando, algo que nunca havia visto nele, decidi seguir seu conselho. Sem dizer nada, apenas meneei a cabeça em concordância e voltei a me acomodar na cadeira que me

encontrava antes. Para a minha surpresa, Otávio contornou a mesa e sentou-se na cadeira ao lado da minha, algo que confesso ter me causado um pouco de desconforto por tê-lo tão próximo a mim.

Por mais que fosse comprometido, não podia negar o quão belo e cheiroso ele era. Tinha um rosto perfeitamente desenhado, seus olhos azuis em um tom cristalino capaz de hipnotizar qualquer mulher não só pela pigmentação, como também pela intensidade que emanavam. Seu cabelo com fios medianos, lisos e jogados para trás, somado a sua barba evidente e bem-feita, dava um charme a mais, complementando o seu visual de homem quente como o inferno.

Eu até poderia apostar todas as minhas fichas existentes que era um homem que sabia muito bem como tratar uma mulher e satisfazê-la entre quatro paredes, no entanto, preferia continuar neutra quanto aos meus pensamentos nada puritanos. Otávio era um ótimo chefe e amigo, nada mais, todavia, isso não significava que a minha mente não fantasiava “coisas” ao analisá-lo ocasionalmente.

Claro que sabia que era errado, entretanto, não era preciso me preocupar com isso, já que o meu cérebro não sairia por aí contando para ele. Ficava apenas na minha cabecinha de vento e pronto. Sorri disfarçadamente ao cessar os meus pensamentos impuros em relação ao meu chefe e só então me dei conta que não estava prestando atenção em mais nada ao meu redor.

Me forcei a tirar o pequeno riso dos meus lábios, tornando-me inexpressiva, e o escutei chamando o meu nome:

— Nina? — Virei minha cabeça, encontrando-o me encarando com um semblante preocupado, e forcei um riso, de modo a tranquilizá-lo.

— Desculpa, eu... hum... O que dizia mesmo? — desconversei, após desistir de inventar uma desculpa qualquer para a minha distração repentina.

— Por instante, pensei que estivesse inerte em lembranças — supôs.

— Eu? Não. Enfim, continue, por favor — solicitei, e ele assentiu com um acenar de cabeça.

— Não quero entrar em muitos detalhes sobre o ocorrido, mas o motivo de eu estar lhe propondo esse pedido de casamento é justamente por descobrir que a minha noiva não é bem a pessoa que imaginei que fosse. — Franzi o cenho sem entender.

— Eu preciso que seja mais claro, porque não entendi nada do que quis dizer — fui enfática, mesmo sabendo que poderia ser mal-interpretada.

— Avisei que não entraria em muitos detalhes, Nina. Não quero expor o que me levou a ter essa atitude, portanto, não me force a falar. — Pela amizade que havíamos construído em meio ao tempo de trabalho que tinha na empresa, não esperava que ele simplesmente desconsiderasse isso.

Obviamente conhecia o seu modo de ser e, talvez por conta disso, consegui enxergar através dos seus olhos a veracidade das suas palavras somada a um

grande entristecimento presente em cada um deles.

Mesmo eu precisando muito de ajuda para o meu avô e o senhor Otávio ter frisado que também necessitava da minha cooperação, não fazia sentido me submeter a um falso compromisso sendo que não existia o básico, como a confiança. Logo, me adiantei em dizer:

— Desculpa, senhor Otávio, mas, se não confia em mim a ponto de falar a verdade, visto que o que está me propondo é algo bem sério, sinto muito... — ponderei, tendo sua atenção fixa em mim — não poderei ajudá-lo — lamentei e me coloquei de pé.

No entanto, meus movimentos foram cessados no instante em que sua mão se fechou em meu pulso, levando-me a voltar a olhá-lo.

— Não faça isso, Nina, por favor! — exclamou e soltou o ar com exaustão. — Tem toda razão, eu... me desculpa por ser tão insensível, afinal, te considero uma amiga aqui dentro e... não levei nada disso em consideração — reconheceu.

Ele livrou o meu pulso e sentei-me outra vez.

Após respirar fundo por consecutivas vezes, Otávio começou a falar. Não preciso nem citar que só de ouvi-lo me deu ranço daquela noiva dele. Como ela podia ter traído uma perfeição de homem como aquele? Principalmente porque ele seria o seu marido!

Me neguei internamente a acreditar no que sua noiva fez e cheguei à

conclusão que muitas mulheres não sabiam valorizar o que tinham. Não mesmo.

— E foi mediante os conselhos da minha mãe que decidi dar início a esse plano de vingança — finalizou.

— Olha, eu... sinto muito que tenha passado por isso. Ser traído e descobrir do modo que o senhor flagrou, acredito ser bem pior — me solidarizei pela sua dor.

— Doeu muito e ainda está doendo, porém, tenho que fingir que está tudo bem até a data do casamento — expressiu com um grande desânimo.

— Imagino — mencionei e comprimi os meus lábios.

O silêncio reinou em meio ao cômodo e aproveitei para pegar o envelope que havia anteriormente colocado em minha frente e nem sequer me dei ao trabalho de olhar sem antes julgá-lo. Comecei a passar os olhos sobre as cláusulas do contrato de casamento e resolvi perguntar:

— Acredita que isso dará certo? — Tirei meu olhar do contrato e mirei os seus.

Otávio esboçou um sorriso divertido.

— Não faço a menor ideia, Nina, mas não custa tentar — foi sincero.

— Aqui diz que teremos que morar na mesma casa, levar uma vida oficialmente de casados, como: aparecer em festas e eventos juntos, demonstrar amor em todos os lugares públicos que formos e... — Pausei. —

Se humilhará a sua noiva se casando com outra no dia do casamento, sabe muito bem que a mídia não perderá a oportunidade de explicar essa notícia pelos quatro cantos da cidade, não é mesmo? O pior de tudo isso é saber que vão me taxar como o pivô da destruição do relacionamento de vocês — pontuei, amedrontada com aquela possibilidade.

Se meu avô soubesse disso, com certeza infartaria. Deus me livre!

— Não se preocupe, Nina. Pagarei uma boa quantia para que suporte tudo isso. No entanto, verificarei com o meu advogado o que pode ser feito para que os holofotes não fiquem voltados para este assunto por muito tempo.

— Senti-me mais tranquila perante a sua explicação.

— Que bom — salientei, continuando as minhas inspeções.

— Acredito que precise de tempo para olhar tudo com certa minuciosidade, portanto, acho melhor que leve contigo essa cópia e, quando tiver uma resposta, estarei aguardando — adiantou-se em dizer e guardei os papéis no envelope.

— Só uma pergunta...

— Fale — quis saber.

— Terei que me casar na igreja? Tipo... — suspirei, tomando fôlego o suficiente para indagar acerca daquela questão — eu não...

Ele não me deixou terminar e foi logo falando:

— Não precisaremos casar no religioso, somente no civil. — Sorri,

achando maravilhoso, mesmo sem ter me decidido ainda.

— Ótimo, porque... não quero perder única oportunidade de me casar no religioso com o meu verdadeiro amor. — Idealizei na minha mente aquele grande momento.

— Acredita mesmo que exista amor verdadeiro, Nina, porque, sinceramente, após descobrir essa traição, já nem tenho esperanças de encontrar um em alguma outra ocasião da minha vida. Tudo se tornou tão incerto, sabe? — me confidenciou, demonstrando estar perdido em meio às certezas que antes tinha.

— Sabe o que eu acho? — inquiri, e ele negou ao menear a cabeça. — Muitas vezes, nós entramos em uma relação depositando as nossas esperanças naquela pessoa, e não deveria ser assim. Depois dos namoros fracassados que tive, acabei aprendendo que o nosso maior foco tem que estar em nós mesmos. Trabalhar as nossas diferenças e saber lidar consigo mesmo antes de querer transparecer o seu eu verdadeiro para outra pessoa — Otávio continuou me olhando com atenção e dei seguimento: — Julgo que devemos pensar positivo; que dará certo aquela relação, mas, antes de tudo, devemos ter em mente que um relacionamento não é elaborado por rosas, são mais espinhos. Entretanto, muitos esquecem que, ao firmar uma relação, nosso maior objetivo tinha que ser unicamente tornar a pessoa ao nosso lado a mais feliz, porque a felicidade do outro também refletirá na minha, um exemplo —

exprimi.

— Compartilho do mesmo pensamento quando diz que depositamos todas as nossas esperanças na pessoa em que amamos e esquecemos de nós mesmos, mas qual a sua opinião com relação a fazermos de tudo pela felicidade do outro e recebermos apenas mágoa e decepção em troca? — indagou.

— Caracterizo como extrema burrice de quem não soube valorizar o que tinha de tão bom. Enquanto uns desvalorizam, outros dariam tudo para estar no lugar delas com aquela determinada pessoa — expus o que realmente achava.

— Uau! Estou impressionado com seu modo de pensar. Admito que até me senti melhor depois dessa nossa conversa. Obrigado por isso — agradeceu, e soltei um riso contente.

— Que bom! Fico feliz que tenha se sentido melhor — soei sincera.

De repente, o toque do seu celular nos interrompeu e Otávio se levantou da cadeira ao pedir licença, dando a volta na mesa. Não me passou despercebido que, ao analisar a tela do aparelho, sua expressão mudou de suave para entristecida novamente. Respirou fundo e coçou a nuca na sequência.

— É ela. — Balançou o telefone no ar e arqueei as minhas sobrancelhas.

— Acho melhor eu ir. Vou deixá-lo a sós — falei baixo, mesmo vendo que ele ainda não havia aceitado a ligação.

Senhor Otávio apenas juntou seus lábios em linha reta e recolhi os papéis junto ao *tablet*, saindo da sala em seguida.

Pouco tempo depois de o meu chefe receber a ligação da sua noiva traíra, ela surgiu em meu campo de visão e, sem esperar que comunicasse sua chegada, foi logo entrando na sala dele. Revirei os olhos e bufei ao me lembrar do quanto ela era antipática. Observei os dois saírem de mãos dadas e me senti triste pelo meu chefe, visto que deveria estar sendo muito difícil atuar ao lado daquele ser desprezível.

Alguns minutos se passaram e fui até a copa da empresa, onde almocei o mais rápido que consegui para não ficar com o meu banco de horas em negativo, apesar de já ter algumas. Por volta das quatorze horas, senhor Otávio retornou silencioso. Participamos de uma reunião que levou quase toda a tarde e, ao ser finalizada, caminhei até a minha mesa, onde me sentei e terminei meus afazeres do dia.

Estava arrumando a minha bolsa quando senhor Otávio parou em minha frente.

— Posso lhe oferecer uma carona? — interrogou e parei o que estava fazendo para ver se falava sério.

— Suponho que não seja uma boa ideia, além disso...

Ele me interpelou.

— Do que tem medo, Nina? — intimou.

— Se não percebeu, você é um homem comprometido e estou justamente tentando resguardar a sua imagem — esclareci.

Otávio soltou um riso amargo e mirou o chão, o que não levou muito tempo, dado que voltou a fixar seus olhos nos meus.

— Não fale como se não soubesse do meu plano, Nina — me lembrou.

— Eu não esqueci. — Segurei o envelope que me deu mais cedo e sacudi na sua frente, arrancando-lhe um riso descontraído.

— E então? — insistiu.

— Tudo bem, eu aceito — cedi.

— Vou descendo. Aguardo-te no estacionamento privativo — informou antes de partir dali.

Soltei o ar lentamente e me perguntei mentalmente quando foi que perdi o rumo da minha própria vida, porque não fazia sentido estar cogitando aceitar aquela proposta sem ao menos me reiterar de cada uma das cláusulas

do contrato. Na verdade, só existia um único motivo para isso: a saúde do meu avô. Certa disso, peguei a minha bolsa, ajustando-a em um dos meus ombros, e saí andando até o elevador.

O dia foi cansativo e só queria chegar em casa quanto antes para ver se meu avô continuava bem, como a Duda havia me deixado ciente por mensagem através do *WhatsApp*, depois, tomar um banho relaxante e dormir até amanhã ao meio-dia, já que não trabalharia por ser sábado.



CAPÍTULO 5

OTÁVIO ANTUNES

Assim que o expediente acabou, ofereci carona a Nina, até para lembrá-la, mais uma vez, de não esquecer de ler todo o contrato e pensar na proposta. No entanto, deixaria para frisar isso quando a deixasse em sua casa. Mentalmente, tentava me manter positivo, cogitando a hipótese de ela aceitar, caso não ocorresse, não sei onde encontraria a mulher ideal para se passar por minha falsa noiva.

No momento, Nina era perfeita para o papel. Já tínhamos uma amizade, além de trabalharmos juntos e, conseqüentemente, sabíamos um pouco da vida um do outro. Considerando tudo isso, poderia afirmar com precisão que nos sairíamos bem nesse casamento de mentira, afinal, saberíamos lidar muito bem com a personalidade um do outro, justamente por

já nos conhecermos.

Enquanto dirigia, a minha mente não parava de idealizar coisas referente ao contrato de casamento e, em meio ao interior do veículo, o silêncio tomou conta. Deixei minhas divagações de lado ao olhar para o lado e ver Nina com a cabeça descansando contra o vidro. Parecia pensativa, assim como eu.

— Está tudo bem? — inquiri ao diminuir a velocidade do automóvel até parar completamente atrás de outro por conta de um engarrafamento.

Nina endireitou-se em seu assento e esboçou um riso ameno.

— Sim. Só um pouco preocupada com o meu avô, apesar de a Duda ter passado o dia me tranquilizando sobre ele não ter se queixado das mesmas dores que vinha falando ultimamente — expôs, segurando firmemente na alça da bolsa em seu colo.

— Ficaré tudo bem, Nina. — Instantaneamente, levei minha mão na dela e apertei suavemente, num ato para passá-la positividade, porém, me admirei ao ter seus olhos fixos aos meus tão surpresos quanto. — Me desculpa — pedi, sentindo-me invasivo por tocá-la inesperadamente.

Fiz menção de retirar a minha mão, e ela a cobriu com uma das suas.

— Não há o que desculpar, pelo contrário, agradeço pelas palavras. — Comprimi meus lábios em um sorriso contente e o trânsito começou a fluir lentamente, fazendo-me recolher minha mão de uma vez.

— Como foi o almoço com a... hum... Letícia? — Nina demonstrou curiosidade. — Na verdade, sei que não é da minha conta, então...

Sorri, achando engraçado em como se atropelava em suas próprias palavras.

— Tranquilo, por mais que a quisesse o mais distante possível, acredito que me saí bem na atuação de hoje — salientei.

— E o detetive já lhe deu as provas que o solicitou? — quis saber.

— Não. Ele me pediu alguns dias até reunir o suficiente e o Ítalo, meu advogado, disse ser bom juntar o quanto ele conseguir — compartilhei.

— Interessante — murmurou, e voltamos a ficar emudecidos.

Dei seguimento ao percurso, o qual demoramos mais do que o normal, visto que o trânsito se encontrava caótico por conta de engarrafamentos estratégicos, principalmente por ser horário de pico, quando a maioria das pessoas saía do trabalho. Logo que estacionei na frente do portão da casa da Nina, ela agradeceu pela gentileza.

— Obrigada mesmo, nem sei como agradecer — pontuou, rindo genuinamente.

— Só preciso que me prometa que não se esquecerá de olhar o contrato e, se possível, me dar uma resposta quanto antes — fiz questão de lembrá-la.

— Não esquecerei, prometo — garantiu, e sorri em contentamento. — Até segunda, chefe! — despediu-se, abrindo a porta do veículo.

— Até, Nina — respondi, vendo-a saltar para fora. — Não deixe de me contatar, caso precise sanar alguma dúvida, tudo bem? — falei alto para me ouvir. — Tudo bem. Bom retorno — desejou-me, e apenas assenti, grato.

Ela acenou quando avancei dali e parti, pegando a rodovia que me levaria até a minha casa, que ficava na direção contrária.

DIA SEGUINTE...

Como de costume, acordei cedo e tomei um banho morno. Pouco tempo depois, já estava vestido para esperar a minha “noiva”. Bufei ao me encarar no espelho por saber que teria de suportá-la por boa parte do dia, visto que ontem tinha avisado que viria passar o sábado comigo.

Cruzei o espaço do *closet* chegando ao meu quarto e parei diante da grande janela de vidro. Puxei as cortinas, abrindo-as completamente, e contemplei o céu azul e ensolarado. Seria perfeito para aproveitá-lo na companhia da pessoa amada, talvez dando um mergulho e conversando animadamente na beira da piscina, no entanto, não era o meu caso.

Entristecido, ajeitei a gola da camisa polo que vesti e, assim que me volvei para ir em direção à porta com a finalidade de sair dali, meu celular

começou a tocar. Medi meus passos até pegar o aparelho sobre a mesinha de cabeceira e soltei o ar pesaroso ao identificar o nome da Letícia na tela, onde não existia mais a foto de nós dois; fiz questão de apagá-la ontem mesmo. A cada vez que via aquela imagem, meu coração se comprimia no peito, piorando suas feridas recém-adquiridas e, caso ela questionasse o porquê de tê-la tirado, inventaria alguma desculpa.

— Oi, amor! — saudei ao aceitar a ligação, fingindo estar tudo bem.

— Oi, vida! Como passou a noite sem a minha companhia? — Diante da sua pergunta, automaticamente a minha mente formulou um “melhor impossível”, porém, consegui freá-la a tempo de deixar com que aquela resposta escapasse dos meus lábios.

— Sabe que odeio não ter o seu corpo quente grudado ao meu, principalmente em uma noite fria — continuei com a minha atuação.

— Ah, que pena, querido. Ontem ainda me sentia muito cansada, bem como te falei no telefonema e hoje, bom... — ponderou, voltando a falar em seguida: — Não poderei ir passar o dia com você. Sei que prometi, mas... me esqueci completamente que hoje era a última prova do vestido de noiva com a estilista e ... — A interrompi.

— Não precisa se preocupar, meu amor. Veremos mais tarde então? — inquiri.

— Você é o homem mais compreensível desse mundo. É por isso que

te amo mais e mais a cada dia que passa, sabia? — Sorri silenciosamente por saber que não era necessariamente por aquele motivo que ela me “amava”. Estava claro como água que “minha noiva” gostava de me fazer de corno, nada mais que isso. Para ela, pouco importavam os meus sentimentos.

— Como não poderia ser? Você é perfeita, Letícia! — exclamei, tecendo elogios para iludi-la.

Não queria que desconfiasse de nada. Seria pega completamente de surpresa ao descobrir que não nos casaríamos.

— Sempre tão amoroso. Nem acredito que está bem próximo de nos casarmos. — O modo eufórico com o qual falou pareceu tão verdadeiro que, se não soubesse da sua traição, até acreditaria no tom exacerbante de felicidade contido em sua voz do outro lado da linha por conta do casamento.

— É verdade. Tudo será perfeito, assim como o amor verdadeiro que sentimos um pelo outro — insinuei.

— Com certeza! Não vejo a hora! — frisou, vibrante.

— Eu também. — Esbocei um sorriso mudo e nos despedimos após desejá-la uma boa prova, dizendo imaginar o quanto ela ficaria mais bela no vestido de noiva, deixando-a contente.

Soltei uma baforada de ar ao jogar o celular sobre a cama e passei a mão frustradamente em meu rosto. Me admirava muito a forma com que Letícia agia, como se não houvesse nada de errado. Talvez, na visão dela,

fosse divertido brincar com os meus sentimentos.

Decepcionado, deixei os meus aposentos. Ao chegar no andar de baixo, segui até a sala de jantar e me deparei com a mesa posta por Sebastiana, que pedi que organizasse antes de sair justamente pela visita da Letícia. Pelo silêncio em meio ao ambiente, julgava já ter ido, pois passaria o final de semana com sua conhecida que morava num bairro vizinho.

Sentei à mesa, sozinho, dado que não seria justo fazer uma desfeita daquelas com todo o trabalho que Sebastiana teve ao ornamentar aquele desjejum. Quando dei por encerrado o meu café da manhã, subi as escadas, retornando até o meu quarto e peguei um roupão. Nadaria um pouco para espantar toda aquela tensão presente em meu corpo por causa da raiva que Letícia vinha me fazendo sentir ultimamente.

Recolhi o meu telefone e saí dali na sequência.

Por volta do horário do almoço, me enrolei no roupão após sair da piscina e, com meu celular em mãos, caminhei até a cozinha, deixando-o sobre o balcão de mármore da pia, indo procurar na geladeira algo fácil e

rápido de preparar para comer. Sebastiana costumava deixar umas sobras da janta do dia anterior em tigelas de vidro, que só precisavam ser esquentadas no micro-ondas por alguns minutos e estariam prontas para serem devoradas por mim. Agradei mentalmente ao encontrar duas delas e as peguei, fechando o eletrodoméstico posteriormente.

Coloquei-as sobre o balcão e meu celular começou a tocar. Meus olhos mal acreditaram quando constataram o nome da Nina refletidos no *display*. Fui rápido ao atendê-la, dado sentir-me ansioso para saber se ela já decidiu aceitar a minha proposta.

— Oi, Nina! Como vai? — cumprimentei.

— Vou bem, chefe, e você? — Sorri, esquecendo-me completamente da raiva que Letícia me proporcionara.

Nina vinha tendo um grande efeito em relação a isso. Me fazia sentir bem, distraíndo-me e isso era bom.

— Bem também — respondi.

— Hum... que bom — murmurou.

— Confesso que estou surpreso com a sua ligação. Acaso quer me dizer algo? — intimei.

— Me disse que eu poderia ligar, então... — deixou subentendido.

— Sim — afirmei, mesmo não se tratando de um questionamento.

— Eu li todo o contrato. Na verdade, eu passei parte da noite sem

dormir pensando nele, então, o peguei e fui analisando cada uma das cláusulas. — Me deixou ciente.

— Não posso acreditar que ficou ansiosa para lê-lo. Sinal de que te interessou bastante — brinquei, de modo a provocá-la.

— Muito engraçado, chefe. — Sorri por conta da sua resposta irônica.

— Foi idiota, eu sei — reconheci.

— Sim, foi — confirmou e umedeci meus lábios.

— E como está o seu avô? — procurei me informar.

— Ele está bem, mas ainda estou aflita com tudo que vem acontecendo. — Ouvi seu longo suspiro do outro lado da linha e me recostei na beirada do balcão.

— É compreensível, visto que vocês só têm um ao outro — me comovi.

— Exatamente — expressou em um fiapo de voz. Tão logo se recompôs, retornado ao foco anterior da nossa conversa. — Enfim, será que podemos nos encontrar em algum lugar para discutirmos alguns pontos que anotei? Se tiver ocupado com a sua noi...

Não permiti que concluísse.

— Não estou ocupado. Se quer mesmo saber, me encontro sozinho em casa com duas tigelas de sobras da janta de ontem que requentarei para ser o meu almoço — confidenciei.

Nina não escondeu sua risada divertida.

— Não acredito que o senhor Antunes come comida requentada —
soou incrédula.

— Já vi que tem uma visão deturbada ao meu respeito — deduzi,
brincalhão.

— Talvez sim ou não — comentou.

— Tive uma ideia... — anunciei.

— Qual? — Curiosidade a abateu.

— Já almoçou? — especulei.

— Sim. Meu avô tem horário certo para comer, por quê?

— Pensei em convidá-la para almoçar comigo, mas já que almoçou,
podemos ir a um restaurante e, enquanto almoço, vamos conversando a
respeito das anotações que fez. O que o me diz? — sugeri.

— Tem certeza disso? Posso não ser a melhor companhia enquanto
enche o estômago — comunicou, divertida.

— Só saberei se aceitar — exprimi.

— Tudo bem. Manda-me o local por mensagem que pedirei a Duda
para ficar com o meu avô por enquanto — aceitou.

— Posso passar aí e pegá-la, caso fique melhor para você — me
dispus.

— Tem certeza? — certificou-se.

— Tenho — enfatizei.

— Pode ser — cedeu.

— Ótimo. Avisarei quando estiver a caminho. Obrigado! — agradei e, após ela concordar, nos despedimos.

Finalizei a ligação esperançosamente e não perdi tempo ao sair da cozinha rumo às escadas.



CAPÍTULO 6

NINA

Havia passado boa parte da noite acordada, lendo e relendo cada cláusula e, também, fiz anotações sobre algumas para tirar dúvidas, bem como formulei outras que pretendia pedir-lhe para incluí-las. Confesso que o meu gás para tudo isso estava sendo pelo fato de saber que o meu avô necessitava dos exames e, quanto antes soubermos o que ele tinha, melhor. Portanto, não dava para ficar muito tempo enrolando para finalmente dar uma resposta ao senhor Otávio, afinal, ele foi bem explícito ao solicitar que eu fosse o mais rápida possível.

Sei que a sua intenção não foi a de me coagir a aceitar logo, pelo contrário. Se tinha um homem bom e tão compreensivo como ele, posso

garantir que eu desconhecia da sua existência. Então, não quis mais perder tempo para me decidir ao me reiterar de tudo descrito naqueles papéis.

A única coisa que me preocupava era como contaria ao meu avô. Sendo esperto como era, jamais acreditaria que me apaixonei pelo meu chefe e vivíamos um relacionamento às escondidas. Senhor Josué me conhecia muito bem para saber que essa seria uma das últimas coisas que faria na minha vida, até porque sempre fomos muito sinceros um com o outro e, se tem um comportamento que nunca ousaria ter, era justamente esse.

Em meio a esses pensamentos e outros e tentando chegar a uma solução plausível de como contar isso ao meu avô sem ele poder me puxar a orelha, mal notei a noite passar. Foi tão veloz que, quando dei por mim, me deparei com o sol irradiando pelo chão do meu quarto através de uma pequena fenda contida na cortina da janela. Bocejei, deixando o contrato posicionado sobre o colchão ao meu lado junto à caneta e nem percebi que, literalmente, peguei no sono.

Fui acordada pelo barulho de alguém entrando no cômodo e forcei meus olhos para abri-los, que se depararam com a claridade invadindo completamente os meus aposentos. Fechei-os novamente, virando-me para o lado oposto e enterrando o meu rosto no travesseiro.

— Me deixe dormir, por favor! — resmunguei.

— Já são quase dez da manhã, Nina. — Ouvi a voz da Duda e

automaticamente me levantei, virando meu pescoço em direção a sua voz.

— O que faz aqui? Não lembro de... — Pausei, revirando os olhos para mim mesma ao me dar conta que ontem à noite pedi que ela viesse cedo para ficar com o meu avô, já que me sentia muito cansada e aproveitaria para dormir mais do que o habitual. — Droga! — xinguei.

— Sei que está pensando que acabou com o meu sono da beleza e meu possível descanso em pleno sábado, mas tenha em mente que nada disso é verídico, dado que não tenho um trabalho fixo e, além disso, gosto de estar na sua companhia e cuidar do senhor Josué. Sinto-me em família ao estar com vocês e creio que já frisei isso diversas vezes aqui. — Me ofereceu um sorriso gentil ao sentar-se na beirada da cama.

— Ainda julgo que você é um anjo disfarçado como pessoa — insinuei, mirando-a com os olhos semicerrados.

Duda riu alto e fomos surpreendidas com a entrada do meu avô em seguida.

— Não estou encontrando as bolachas de sal, Nina. Onde as escondeu? — Sorrimos ao escutar sua acusação.

Me levantei rapidamente, pedindo-lhe a *bença* e, após me dar a benção, Duda se prontificou de ir pegar o que ele queria e aproveitei para seguir até o banheiro. Pouco tempo depois de ter terminado de fazer a minha higiene bucal, retornei para o quarto me deparando com a minha amiga lendo os

papéis do contrato. Na hora em que me viu, percebi uma certa confusão em seus olhos.

— Isso é realmente o que estou vendo que é? — quis ter certeza.

— Sim — confirmei, porque não fazia sentido esconder isso dela.

Duda me ajudava tanto quando eu precisava de conselhos que, dessa vez, não seria diferente.

— Vi que rabiscou algumas coisas aqui. Isso significa que está pensando em aceitar? — especulou.

Comprimi meus lábios, sentando-me de frente para ela na cama e fixei meu olhar no seu.

— Deve ter dado uma lida por alto, o que acha? — inquiri, sentindo-me duvidosa quanto a sua opinião referente a minha decisão.

— Bom, eu... — ponderou, soltando um riso sem graça na sequência.
— Me desculpa. Nem deveria ter bisbilhotado suas coisas, apenas...

Cheguei mais próximo e ela deixou as folhas de lado, tendo suas mãos acolhidas pelas minhas.

— Não tenho o que desculpar. Admito que fico feliz de você tê-los visto e não o meu avô — sorrimos e dei de ombros —, ele não entenderia tão facilmente — mencionei.

A vi balançar a cabeça em positivo.

— Provavelmente você ficaria sem uma das orelhas, isso é fato, porque

ele jamais concordaria que se expusesse dessa forma, e eu o entendo. Quer mesmo fingir ser a noiva de um homem que pode ter qualquer outra? Tem certeza de que não acabará se ferindo? — Havia preocupação no modo com o qual me perguntava.

— Eu não o amo, Duda. Como poderia me ferir? — questionei, tentando entendê-la. — É apenas um contrato, nada mais que isso. Além de que, meu avô terá o melhor plano de saúde que ele puder pagar e, sinceramente, é somente essa questão que me importa no momento — esclareci.

— E se acabar se apaixonando, Nina? O que fará? — Franzi o cenho, esboçando uma careta incrédula diante daquele interrogatório inesperado.

— O quê? — Até eu não acreditei no que a minha amiga havia acabado de insinuar.

Ela deu de ombros.

— As coisas podem acontecer fugindo completamente do nosso controle, não acha? — Não me permiti cogitar aquela hipótese.

Estava totalmente fora de nexos.

— Tenho absoluta certeza de que bateu com a cabeça, só pode! — acusei, arrancando-lhe uma risada divertida e apertei suas mãos nas minhas.

— Talvez eu ande lendo romances demais e imaginei que você fosse viver um conto de fadas — concluiu.

— Quem me dera, amiga. Seria tudo tão mágico, porém, esqueceu-se do quão o meu dedo é podre para homens? — Duda riu alegremente.

— Não fale assim, Nina! — me repreendeu, e eu ri. — É uma pessoa maravilhosa e acredito muito que seu príncipe só está tentando encontrar a direção correta até você — arriscou-se em dizer.

— Não viaja, Duda — refutei.

Ela riu mais ainda.

— Pode ser que eu tenha ido mais longe do que o normal — admitiu.
— Aliás, receberá uma bela recompensa só por fingir ser a noiva do chefe — pontuou.

— Sim e vai me ajudar muito. Poderei finalmente aumentar a casa para o meu avô ter mais espaço, comprar um carro para podermos nos locomover pela cidade sem ter que ficar pegando ônibus lotado, enfim... será de grande valia para nós — pensei.

— Tem razão. Só cuida desse coraçãozinho, hum? — apontou.

Bufei, e ela gargalhou alto.

Alguns minutos atrás, fui encorajada pela Duda a ligar para o Otávio e dizer que fiz a minha “lição de casa”. Otávio se surpreendeu com a minha ligação e, após combinarmos ir a algum restaurante, onde ele almoçaria enquanto eu tirava as minhas dúvidas, encerrei o telefonema falando que pediria a minha amiga para ficar com o meu avô. Nesse instante, havia acabado de me aprontar depois de colocar o par do brinco na orelha e passei os dedos pelos fios do meu cabelo, antes de sair da frente do espelho.

— Está muito bonita, mocinha. Aonde vai? — Cobri meu peito esquerdo devido ao susto de me deparar com meu avô parado na porta e respirei fundo, até recuperar meu raciocínio.

— Pensei que o senhor estivesse dormindo, ao menos a Duda me informou isso — me esquivei da sua pergunta.

— Está querendo dizer que só ia sair se eu estivesse cochilando? — transpareceu.

— Que conversa é essa, senhor Josué? Eu, hein! — desconversei.

— Aonde vai? — insistiu.

Me volvei para ele ao pegar a minha bolsinha dentro do guarda-roupas.

— Vou me encontrar com um amigo, por quê? — questionei.

Meu avô me analisou minuciosamente e sorri, tentando disfarçar um

nervosismo que nem sabia fazer parte de mim.

— Não está se enrabichando com nenhum moleque por aí, está? Se estiver, sabe muito bem que deve trazê-lo aqui para conhecê-lo. Não quero a minha neta se envolvendo com esses marmanjos sem palavra e que só a faz sofrer. — Engoli em seco diante da sua observação e me preocupei ainda mais com a minha atual situação.

Droga! Suas palavras só pioraram a minha aflição. Agora é que não sabia como falaria do acordo com o meu chefe, porque era óbvio que ele não aceitaria.

Meu avô jamais concordaria em eu aceitar algo assim somente visando a sua saúde.

— É um amigo, vô! Não tem com o que se preocupar — enfatizei.

Olhou-me desconfiado, no entanto, não demorou a se dar por vencido.

— Sei que posso confiar em você, pois fomos sempre muito transparentes um com o outro, não é verdade? — Engoli a saliva com certa dificuldade, antes de afirmar.

— Com certeza, vô — declarei.

— Tá certo, então. Agora que estou mais tranquilo e descansarei. Bom encontro para você e o seu... amigo — desejou, e o agradeci, vendo-o partir dali posteriormente.

Suspirei me sentindo aliviada e preocupada em simultâneo. Não era de

mentir para ele e agora isso estava acontecendo. Merda!

Fui tirada dos meus devaneios pelo toque do meu celular e atendi ao ver o nome do Otávio na tela.

Tínhamos chegado ao restaurante há alguns minutos e meu chefe já fez seu pedido. Observei que ele comia muito para o porte bem definido que tinha. Sim, não era da minha conta, mesmo assim, não deixei de constatar esse fato.

Se não bastasse isso, devo dizer que ele não estava usando terno sob medida, entretanto, um traje totalmente despojado, dando-lhe um ar mais sexy e jovem do qual aparentava ter.

— Então, Nina, estou aguardando. — Voltei à realidade ao escutar a sua voz.

Droga! Não era para eu estar tão dispersa. Quando me tornei assim? — questionei-me mentalmente.

— Acho melhor o senhor...

— Senhor, Nina? Fala sério! Não estamos na empresa, portanto,

esqueça essas meras formalidades, tudo bem? — exigiu.

— Tudo bem, Otávio — concordei, e ele sorriu.

— Agora está melhor. — Balancei a cabeça em negativo, rindo do seu jeito descontraído de ser, totalmente o oposto do senhor Antunes na empresa, que era extremamente sério e raramente sorria, a não ser quando tínhamos algumas conversas paralelas.

— Creio que seria melhor se lesse. — Deslizei o envelope sobre o vidro da mesa, posicionando-lhe em sua frente.

Ele o abriu e começou a olhar as primeiras folhas.

— As minhas anotações estão no final — informei, e ele riu, indo até as últimas páginas.

— Hum... não quer a imprensa no casamento, nenhum escândalo que envolva o seu nome ou imagem, quer ter a sua liberdade de ir e vir, sair aos finais de semana para... — Pausou, olhando em meus olhos. — Sabe muito bem que é difícil conter a imprensa, pior ainda de publicarem escândalos. Já tínhamos falado a respeito disso — souu sincero, e assenti, entendendo seu ponto. — Agora... como assim sair aos finais de semana para curtir, Nina? Será uma mulher casada, não pode...

O interrompi, me inclinando em sua direção sobre a mesa.

— Esqueceu que não seremos casados de verdade? O que acha que vou ficar fazendo nos finais de semana dentro da sua casa? Olhando para as

paredes, porque obviamente você sairá por aí curtindo a sua vida como se não tivesse uma esposa, mesmo que seja de mentira — argumentei baixo, não querendo que fôssemos ouvidos.

— Mais uma vez está me julgando sem me conhecer, Nina, mas tudo bem, eu concordo — aceitou e, antes de dar continuidade, o garçom chegou com o seu pedido.

Seu prato tinha uma visão tão boa que me arrependi de não ter aceitado almoçar também. Otávio começou a rir e só então entendi ser por meus olhos não deixarem o seu prato. *Argh!*

— Pedirei o mesmo para você — ofereceu, e aceitei, sentindo-me um pouco envergonhada.

Assim que ele fez o pedido, começou a saborear a sua comida enquanto fui falando sobre as minhas anotações.

— Aqui não diz que dormiremos em quartos separados e quero que especifique isso — impus.

— Concordo.

— Também quero que acrescente aí que não levará nenhuma outra mulher para baixo do teto que partilharemos. Seria muito desrespeitoso da sua parte — determinei. — Se quiser comer alguém, que seja em qualquer outro lugar e, de preferência, que eu também não saiba — complementei.

Otávio ria, e eu não entendia, porém, não importava. Só de ele

concordar em deixar tudo bem claro naquele contrato já me era o suficiente.

— Na empresa, teremos que nos portar como um casal, bem como em festas da família, onde terá que me beijar ocasionalmente e... — começou a falar e o interrompi.

— Posso me sujeitar a isso, mas não ouse ultrapassar o sinal vermelho — ditei.

— Sinal vermelho? — Sua testa enrugou-se.

— Sim. Visto que estaremos apenas encenando e seus pais sabem disso; em frente aos demais, podemos dar beijos singelos, nada de enfiar a língua na minha boca. — Otávio jogou a cabeça para trás e cobriu a boca, evitando que sua gargalhada se propagasse pelo local.

Me encolhi sobre o meu assento, observando-o se divertir com as minhas exigências, e o garçom logo entregou o meu prato. O agradeci e comecei a comer. Naquela altura, o rosto do Otávio estava vermelho de tanto de sorrir e, visto que algumas pessoas nos olhavam curiosamente, chutei sua canela por baixo da mesa, acompanhando a sua expressão mudar para dolorosa.

— Pensei que não pararia mais de sorrir — provoquei e sorri, tentando amenizar o que eu acabara de fazer.

Pedi mentalmente que ele não levasse para o lado pessoal e desistisse de eu ser a sua falsa esposa. Que droga! Era isso que dava não medir minhas

ações antes de cometê-las.



CAPÍTULO 7

OTÁVIO ANTUNES

— Sua pestinha. — Minha canela doía pelo golpe que Nina acabara de me dar e ela caiu na risada após a minha reprimenda.

Ela estava tão contente que por um instante me permiti pensar se fosse a Letícia ali, verdadeira comigo, se seríamos felizes mesmo. Sacudi a cabeça espantando aqueles pensamentos e tornei-me sério.

— Desculpa, eu não queria machucá-lo, mas me senti obri... — tentou se desculpar e a interpelei.

— Nina, será que pode comer e depois finalizarmos os últimos detalhes sobre o acordo? — inquirei friamente, e ela perdeu seu ar divertido de antes.

— C-claro — assentiu, ficando completamente emudecida.

O silêncio que se propagou entre nós dois me causou certo incômodo, mas era melhor assim. Nina conseguia tirar o melhor de mim e acreditava que

isso não era bom para ambos. Descobri uma traição recentemente da mulher que imaginei que compartilhava do mesmo sentimento para comigo e olha o que estou fazendo?

Firmando um contrato com a minha secretária para se passar pela minha falsa noiva e se casar comigo. Tinha que começar a tratar o que estamos fazendo como o que realmente ele era: apenas um negócio, onde nos ajudaremos e ponto-final. Ela precisava do dinheiro para cuidar da saúde do avô, e eu, apenas de uma mulher que me ajudasse a humilhar a minha ex-noiva, tudo para não me sentir o corno do século.

Mesmo parecendo idiotice, levaria esse acordo até o final, contudo, me lembraria eternamente de nunca mais abraçar certos conselhos da minha mãe.

Permanecemos sem trocar nenhuma palavra. Terminei o meu prato e fiquei quieto, bebericando do suco natural que um dos garçons acabara de trazer-nos, que solicitei. Inquieto, peguei o contrato pousado no tampo de vidro e dei seguimento a olhá-lo enquanto aguardava Nina finalizar sua comida.

— Circulou uma das últimas cláusulas que fala sobre você ter que se mudar para a minha casa. Algum problema com isso? — pontuei, tirando meus olhos da folha e focando em seu rosto.

— Sim. Eu não sei como contarei sobre esse nosso acordo para o meu

avô. Ele não entenderia tão facilmente e... — Suspirou. — Sinceramente, me sinto perdida, porque sei que se inventar uma mentira, obviamente...

A interrompi.

— Posso ir lá e falar com ele. Dizer a verdade. Não vou deixá-la lidar com isso sozinha, afinal de contas, por mais que esteja cogitando aceitar esse acordo exclusivamente pela saúde do seu avô, também está visando me ajudar. É uma troca de favores — salientei, dando-lhe uma solução.

— Agradeço muito se puder fazer isso. — Demonstrou alívio. — Depois que falar com ele, nós discutiremos sobre quando teremos que nos mudar. — Assenti, compreendendo seu ponto.

— Tudo bem. Mais alguma observação? — interoguei.

Nina finalizou seu almoço e limpou os lábios com o guardanapo, fixando seus olhos nos meus em seguida.

— Não sei se é necessário falarmos acerca disso, no entanto... — limpou a garganta, ajustando sua postura no assento —, acredito que não cobrará de mim que tenhamos sexo, certo? Ao menos, no contrato, não tem nada referente a esse assunto e só gostaria que ficasse claro — falou tão baixo que, se minha audição não fosse tão apurada, não teria entendido.

— Se não tem no contrato, não precisa se preocupar. A não que você, em algum momento, queira. — Nina estava bebendo seu suco quando se entalou com o líquido, tossindo consecutivas vezes.

Me segurei para não rir, algo que não consegui levar por muito tempo. Ela me lançou um olhar nada contente.

— É certo que não acontecerá — garantiu ao se recompor.

Sorri, acreditando no que disse.

Minutos mais tarde, saímos do restaurante e fui levá-la em casa. O trânsito estava tranquilo e não demorei tanto a estacionar em frente onde morava.

— Quando pode vir conversar com o meu avô? — Nina perguntou ao destravar o seu cinto de segurança.

— Hum... amanhã? Aproveito e peço ao Ítalo para fazer as alterações que pediu e trago o contrato corrigido, assim, poderá assiná-lo logo — ressaltei.

— Tem certeza? A Letícia não vai...

— Dá pra não mencionar o nome dela, por favor? Esquece que essa mulher existe, ao menos enquanto estivermos juntos, porque é isso que venho tentando fazer nos últimos dias. Já basta ter que fingir na frente dela que não tem nada de errado, o que não vem sendo fácil — confidenciei.

— Desculpa, eu... — ponderou, virando-se em minha direção — Quer saber de uma coisa? Se está com algum problema ou com raiva de alguém, não ouse descontar em mim! Aproveita e acrescenta essa cláusula também no contrato, para o caso de você esquecer — esbravejou.

Vi através dos seus olhos que a magoei e não era isso que queria. Eu não era assim. No instante em que a vi fazer menção de abrir a porta, alcancei o seu pulso e o segurei suavemente, impedindo-a de sair dali.

— Me desculpa, Nina. Não sei o que deu em mim, dado que não sou dessa forma e você me conhece bem. Sabe que falo a verdade. — Passei minha mão livre pelo rosto e mirei sua face, aguardando que me desculpasse.

— É a segunda vez que está sendo grosseiro comigo, Otávio. Posso até desculpá-lo, mas não pense que tolerarei uma terceira vez. Espero que estejamos entendidos. — Livrou seu pulso do meu agarre e estendeu sua mão.

Entendi que ela queria que eu desse a minha palavra.

Comprimi meus lábios em desagrado pelo modo que a tratei e apertei sua mão firmemente.

— Estamos mais que entendidos. Pode acreditar — garanti, e ela voltou a sorrir.

— Acho bom — brincou, semicerrando seus olhos para mim, e não consegui segurar o riso.

Após nos resolvermos, ela se despediu, dizendo que avisaria ao avô sobre o almoço que eu participaria e me avisaria o horário. Demos “tchau” e, ao vê-la entrando no portão, girei a chave na ignição e dirigi para longe, rumo a minha casa. Em meio ao percurso, Letícia me ligou, querendo ir para a

minha casa e me desculpei, falando que não estava nada bem, mesmo assim, horas mais tarde, ela surgiu na minha porta toda sorridente.

Chegamos a dormir na mesma cama e ela até insistiu para fazermos sexo, entretanto, era broxante pensar em simplesmente beijá-la; torturante, para ser mais exato. Tudo o que tive certeza de ser amor verdadeiro um dia se perdeu. Não existia absolutamente mais nada.

Inventei que não me sentia bem e, mesmo a contragosto, ela compreendeu.

DIA SEGUINTE...

Agradei quando Letícia avisou que teria que ir embora cedo para almoçar com seus pais. Até me convidou, porém, fingi que ainda não me encontrava bem, recusando-o e, após o café da manhã, finalmente foi embora, me livrando da sua presença sufocante. Desliguei o celular na noite passada para o caso de a Nina mandar alguma mensagem e Letícia ver.

Liguei-o e deixei as notificações atualizarem. Entrei no banheiro para tomar um banho e, nos minutos seguintes, abandonei o seu interior me sentindo mais relaxado, afinal, não havia dormido quase nada. Passei a noite

olhando para Letícia ocupando a minha cama e pensando nos chifres que ela pusera na minha cabeça, o que me causou muita frustração.

Afastei meus pensamentos e, ainda com a toalha enrolada na minha cintura, sentei-me na beirada da cama para conferir as mensagens no *WhatsApp*. Nina mandou uma, avisando para eu chegar antes do meio-dia por conta do horário certo de comer do seu avô. Digitei uma resposta rápida e tratei de me vestir.

— Oi, senhor Otávio! Entre, por favor! — Nina me tratou formalmente por conta do seu avô.

Passei pelo portão e lhe entreguei o buquê de flores.

— Hum... que lindas! Por que está me dando essas flores lilás? — Aceitou e inspirou seu cheiro. — Uau! São muito cheirosas — admirou-se.

— São jacintos. A moça da floricultura me sugeriu que as trouxesse, pois são ideias para quando queremos fazer um pedido de desculpas, além de serem perfumadas. Espero que sirva para reiterar o meu, de ontem — expliquei, dando de ombros.

— Eu já havia te desculpado. Enfim, agradeço pela preocupação.

Obrigada! — agradeceu e riu, saindo na frente.

A acompanhei até chegarmos na sala, onde ela saiu pedindo licença, indo para a cozinha, e o senhor Josué estava sentado em um dos sofás. Levantou-se quando me viu e me abraçou fortemente, dizendo ser um prazer me receber em sua humilde casa. O deixei ciente que o prazer era todo meu e nos sentamos.

Ficamos em silêncio até Nina retornar e, assim que se sentou, seu avô tomou a frente:

— Pelo visto, querem me contar algo, não é mesmo? — supôs, olhando de mim para a sua neta.

— Vô! — Nina chamou sua atenção, e ele fez cara de poucos amigos.

— E é mentira? Se não me falha a memória, você trabalha há muito tempo para o senhor Otávio e quantas vezes ele já esteve aqui? Isso mesmo, nenhuma, portanto, para bom entendedor, não precisa de muito para saber que seu chefe está aqui por algum motivo — deduziu.

Pelo visto, o velho era sabido.

— Tem razão, senhor — concordei, não vendo outra saída a não ser falar de uma vez.

— Não acham melhor... — Nina tentou adiar aquela conversa, mas não obteve sucesso.

— Não! — eu e seu avô falamos em uníssono, e ela levou as mãos no

ar, como se desse por vencida.

— Então conte logo, chefe — me induziu.

Respirei fundo, tendo o olhar do senhor Josué concentrado em mim, e comecei a contar o porquê de estar ali. Ao finalizar, Nina me pareceu estar bastante nervosa e fez um bico, olhando para qualquer canto da sala, menos para o avô. Alguns minutos se passaram e como permaneceu em silêncio, ela se interpôs:

— Vê, eu... só aceitei, porque quero poder custear os exames que tem que realizar, aqueles que o médico solicitou e... desejo muito que, do fundo do meu coração, o senhor entenda o meu lado — soltou em um tom de súplica.

A expressão no rosto do senhor Josué se manteve inexpressiva, como se estivesse repassando toda aquela informação na sua cabeça.

— Sinto muito que eu tenha te colocado em uma situação como essa, a ponto de casar-se com alguém que não ama pelo simples fato de conseguir dinheiro o suficiente para cuidar da porcaria da minha saúde — soou culpado, e Nina saiu de onde estava, ajoelhando-se em sua frente.

— Não diga uma coisa dessas, por favor! Eu amo o senhor e é tudo o que tenho de mais valioso na minha vida, é claro que faria qualquer coisa só para vê-lo bem e com saúde. Jamais se sinta culpado pelas minhas decisões, tudo bem? — Sua voz saiu baixa e entristecida, como se estivesse segurando

a vontade de chorar.

— Mas só aceitou por... — insistiu em se colocar como o causador da escolha dela.

— Vô, por favor! O senhor sempre diz que confia em mim, certo? — inquiriu, segurando seu rosto entre suas mãos e fitou-lhe. Ele meneou a cabeça em positivo. — Então continue confiando em mim, hum? Deixe-me cuidar do senhor como fez comigo desde que me entendo por gente; é o mínimo que posso fazer — praticamente suplicou para que a entendesse.

Por fim, ele começou a chorar e Nina também. Ambos se abraçaram e foi impossível não me sentir comovido diante daquela cena. Era explícito que se amavam muito e seriam capazes de dar a vida um pelo outro.

— Não vou me perdoar se sair magoada, minha filha — externou, beijando a testa dela após se desvencilharem.

Daquela vez, senti a necessidade de falar:

— Tem a minha palavra que isso não ocorrerá, senhor. Considero a Nina como uma boa amiga e farei o possível para que nada a atinja. Prometo — assegurei.

— Acho bom, filho, porque, se causar algum dano a minha preciosidade..., posso estar velho, mas juro que o farei se arrepender amargamente. — Esbocei um riso nervoso, e Nina não escondeu a gargalhada, repreendendo o avô na sequência.

Após se recompoem, fomos direcionados até a cozinha, onde nos sentamos à mesa e começamos a nos servir. O cheiro estava divino e meu estômago deu sinal de fome.

— Nina é uma cozinheira de mão cheia. Já pode ir se acostumando. — Senhor Josué não escondeu o orgulho da neta ao se pronunciar.

— Não diga besteiras, vô! O senhor Otávio já tem alguém que prepara suas refeições, além disso, não seremos casados de verdade — Nina o lembrou.

— É verdade, mas isso não a proíbe de fazer a minha comida sempre que possível, ou vai me dizer que vamos nos mudar para uma prisão, onde não poderá ter a liberdade de fazer o que bem entender? Se for assim, já adianto que não vou! — Bateu o pé ao se impor.

Sorri, me divertindo com o seu modo brincalhão de ser.

— Quanto a isso, não se preocupe. Nina poderá fazer o que quiser na nossa casa, afinal, mesmo que seja por um contrato, dividiremos o mesmo teto — deixei bem claro.

— Bom saber — murmurou convencido.

Nina me olhou por baixo dos seus cílios longos e deu uma risadinha. Devolvi o sorriso na mesma intensidade e me concentrei na comida, o seu avô não havia mentido. Ela cozinhava perfeitamente bem.



CAPÍTULO 8

NINA

Diferentemente do que pensei que aconteceria, inicialmente meu avô foi relutante quando o meu chefe contou tudo, mas não demorou muito para convencê-lo de que escolhi fazer aquilo. Não existia nenhum “culpado”, como ele quis se colocar. Só queria cuidar dele, da sua saúde, e poder desfrutar da sua companhia por mais incontáveis anos.

Não me imaginava sem a sua presença unânime na minha vida e nem gostava de pensar nisso.

Meus pensamentos foram dispersados quando parei diante do carro do senhor Otávio e, após acionar o controle remoto, destravando suas portas, entrou em seu interior e logo retornou.

— Aqui está. Ítalo foi rápido ao editar e, no percurso para cá, passei na casa dele e peguei os papéis — mencionou, entregando-me o envelope.

— Obrigada. Assinarei e amanhã levarei para te entregar — agradeceu.

— Tudo bem. Tem uma cópia que é sua, no caso de se esquecer de alguma cláusula. — Sorri diante do seu comentário.

— Isso não faz jus a minha personalidade, já a sua... — deixei subentendido.

Ele fez cara de espanto e rimos.

— Foi bom passar esse tempo com você e o seu avô. Ele é um bom homem e pelo pouco que vi aqui, preza muito pela sua felicidade — observou.

— Meu avô é inigualável. Eu o amo muito, por isso abracei essa oportunidade — expressei, comprimindo meus lábios em um riso ameno.

— Te entendo perfeitamente e agradeço por aceitar. Confesso que, se tivesse recusado, a essas horas eu ainda estaria me descabelando sem saber onde encontrar uma falsa noiva. — Soltei um riso abafado.

— Fala sério! Até parece que não aparecia uma num estalar de dedos, principalmente para se casar com o empresário mais bem-sucedido da cidade. Conta outra, chefe! — desdenhei.

Otávio riu e balançou a cabeça em negativo.

— Não é sobre status social, Nina, mas eu jamais colocaria uma pessoa

que mal conheço dentro da minha casa. Já com você difere, entende? Sinto-me aliviado por ser você quem partilhará o mesmo teto comigo, mesmo sendo de mentira — explicou.

— Pensando bem, tem razão — reconheci.

— O almoço estava divino. Seu avô não mentiu quando teceu elogios a seu respeito na cozinha — enfatizou, e esbocei um riso contente.

— Fico feliz por saber que a minha culinária simples e humilde tenha aguçado o seu paladar, chefe — soei em tom de brincadeira, e ele não escondeu a gargalhada alta.

— Você é engraçada — comentou, contendo sua risada.

— Tonto — fiz pouco caso.

— Mas é muito boa. Enfim, vou indo. Tenha um ótimo restante de domingo — desejou-me.

— O senhor também. — Ele agradeceu e entrou no veículo, fechando a porta.

Quando cheguei até o portão, me virei e o vi dando ré no carro, parando rente onde me encontrava.

— Preciso de cópias dos documentos do seu avô e... Na verdade, mandarei uma mensagem com tudo que precisarei dele e suas, ainda hoje. Marcarei os exames em uma clínica ótima. Além disso, vai preparada para passar o seu horário de almoço na companhia da minha mãe, porque quero

que a conheça. Tenho certeza de que ela vai gostar de conhecê-la, só preciso confirmar se ela poderá mesmo ir. Aviso-te até mais tarde, tudo bem? — inquiriu, e assenti que sim.

Ele abriu um amplo sorriso e deu tchau. Colocou seus óculos escuros e dirigiu para longe, virando a primeira esquina. Entrei em casa sentindo o meu coração aos pulos e descansei minha mão sobre o peito com a intensão de acalmá-lo, pois sabia que agora não tinha como voltar mais atrás; estava ciente de que a minha vida não seria mais a mesma depois disso.

Atravessei a porta da sala e parti direto para o meu quarto, já que meu avô foi se deitar, algo que ele sempre fazia após o almoço, principalmente sendo um domingo tranquilo. Joguei-me em minha cama e mirei o teto. Pedi aos céus que tudo isso ocorresse bem e passasse tão rápido quanto um foguete.

DIA SEGUINTE...

— Por que está tão nervosa, querida? — A senhora Vilma, mãe do meu chefe, estava com seu braço entrelaçado ao meu enquanto saímos do restaurante que tínhamos acabado de almoçar juntas.

Obviamente, ela me fez inúmeras perguntas referentes a minha vida pessoal, como se não se lembrasse que meu casamento com o seu filho não fosse falso.

— Desculpa dizer, mas... estar na presença da senhora me deixa assim. Sei que é besteira, contudo, não estou acostumada a sair andando pelas ruas com a mãe do meu chefe, se é que me entende. — Resolvi ser sincera.

A senhora Antunes não disse nada, apenas apontou para a loja que iríamos alugar o vestido de noiva, uma exigência minha, visto que ela queria comprar, e não fazia sentido nenhum gastar uma boa grana com um traje que usaria apenas uma vez e nem era numa ocasião verdadeira. Para a minha felicidade, concordou sem pestanejar e agradeci muito por ser ouvida. Aliás, dona Vilma era uma mulher fina e humilde em simultâneo, ao menos estava me tratando com muito respeito.

Fomos recepcionadas por uma das vendedoras da loja, que a reconheceu e me olhou em dúvida. Depois de a minha “sogra” dizer à moça que queríamos olhar o catálogo com os melhores vestidos de noiva para alugar, nos direcionou até uma mesa e começamos a folhear a pasta que continha inúmeros deles; um mais lindo que o outro. Ao me decidir entre uns três que gostaria de experimentar, a vendedora saiu para ir buscar os modelos e nos deixou a sós.

— Nina, quero que relaxe, tudo bem? Sei que nada disso é verdadeiro,

porém, peço que aproveite e haja como se fosse, afinal, qual mulher não gostaria de experimentar um momento especial como esse, independentemente de ser verídico? Já que está tendo a oportunidade de “brincar de boneca”, fique tranquila e apenas curta tudo o que iremos oferecê-la. O que me diz? — Seus olhos azuis cristalinos, assim como os do seu filho, continuaram fixos aos meus, aguardando por uma resposta.

— Aproveitarei, me desculpe — pedi, e ela riu genuinamente, alcançando minhas mãos.

— Otávio tem um carinho enorme por você, mesmo antes de tudo isso. Ele realmente te considera uma amiga de verdade e saiba que comigo será da mesma forma — comentou, e agradei por saber disso.

— Obrigada. A senhora...

— Nossa Senhora está no céu, querida. Chama-me apenas de Vilma, hum? — sugeriu ao me interromper.

Sorri.

— Está sendo incrível conhecê-la — deixei-a ciente.

— Digo o mesmo, Nina. — esbocei um riso satisfeito e ela deu algumas batidinhas no dorso das minhas mãos que detinha entre as suas.

— Você precisa ver o quanto a Nina ficou magnífica no vestido que escolheu — dona Vilma entrou na sala do senhor Otávio tecendo elogios para mim, depois que resolvi qual modelo iria querer. Ela não estava exagerando, porque eu realmente fiquei belíssima e anotei mentalmente que, no meu casamento de verdade, queria um parecido com aquele.

Otávio arqueou suas sobrancelhas em minha direção, alegre com os comentários da sua mãe.

— Estou vendo que estão se dando superbem, afinal — percebeu.

— A Nina é um amor de pessoa, querido. Fico me perguntando o porquê foi se apaixonar logo por aquela biscate, em vez de alguém que já era a sua amiga no trabalho. Homens! Tão cegos quanto uma toupeira. — Não escondeu a sua raiva quanto à traição da Letícia e não era para menos.

— Mãe! — senhor Otávio exclamou a fim de repreendê-la.

— E falei alguma mentira? — Se fez de desentendida.

Meu chefe passou a mão pelo rosto, demonstrando impaciência, e bufou.

— Nina tem a vida dela, pare de ficar supondo coisas sem nexos. Vai constrangê-la se continuar agindo assim — saiu em minha defesa.

— É verdade. Desculpe-me, querida — pediu, e sorri, dizendo estar tudo bem. — Que bom. Viu só? Ela não achou ruim — replicou, e meu chefe revirou os olhos. — Confesso que ainda estou em choque com a sua beleza. Olha esses olhos? — Inspeccionou-me da cabeça aos pés. — Imagina quando fizer cabelo, maquiagem, por falar nisso, pedirei ao meu cabeleireiro para remarcar o mesmo dia e horário que seria daquela vadia, com a diferença de ser para você, afinal, desmarquei com o Aroldo e joguei para outra equipe. — Saiu da sala ao pegar o seu telefone na bolsa, deixando-nos sozinhos.

Sem eu poder me conter, comecei a sorrir do jeito divertido da minha “sogra”. Obviamente ela se daria muito bem com o meu avô, dado que ambos se pareciam. Segurei no alto do encosto de uma das cadeiras e Otávio riu também.

— Desculpa pela minha mãe, sei que ela, às vezes, parece não ser boa da cabeça. — Respirei fundo e limpei a umidade dos meus olhos, antes de encará-lo e ver que continuava rindo.

— Eu simplesmente amei a sua mãe. Tudo bem que já a vi por aqui outras vezes, porém, desconhecia esse seu lado hilário. Ela é uma figura e aposto que o seu pai é daqueles fechadões — salientei. — Na verdade, a cara dele não nega e tenho conhecimento que, quando um é engraçado, o outro já é sério mesmo — completei.

— Não errou. Meu pai é totalmente o oposto da mamãe — afirmou.

— Independentemente disso, eles o criaram muito bem — notei.

Otávio sorriu e vi através dos seus olhos o quanto era feliz por tê-los.

— Sim. Me deram todo amor do mundo e sou o que sou por conta de tudo o que fizeram por mim — exprimi, orgulhoso dos pais que tinha. — Só se esqueceram de me dar um irmão — criticou e rimos.

SEIS DIAS ANTES DO CASAMENTO...

— Vem aqui. — Otávio me abraçou fortemente e envolvi meus braços em volta do seu torso definido, sendo atingida pelo seu cheiro marcante. Voltei ao meu foco principal e tentei conter o meu choro, algo que não obtive sucesso.

As palavras do médico, referente ao resultado dos exames do meu avô, minutos atrás, não saiam da minha cabeça:

— *O senhor Josué está com câncer de próstata. Os exames complementares apontaram que ainda se encontra no estágio um. Apesar das hipóteses, não é nada tão ruim, pelo contrário. Como está bem no começo, tem uma alta porcentagem de cura e o indicado é que começamos o tratamento quanto antes, até para que não se desenvolva e possa ser curado.*

Mais lágrimas banharam o meu rosto e Otávio afagou as minhas costas, pedindo que me acalmasse. Naquele instante, era quase impossível de conseguir.

Otávio nos acompanhou até a consulta e nos trouxe até em casa. Meu avô ficou com o semblante extremamente abatido ao saber, no entanto, me mantive forte e com a ajuda do Otávio, lhe damos as palavras necessárias para que ele voltasse a sorrir e mantivesse a esperança de que tudo dará certo, só precisava dar início ao tratamento adequado. Feito isso, acompanhei o meu chefe até fora dos portões e, infelizmente, não consegui me segurar por mais tempo.

Rompi em um choro estarrecedor enquanto a minha mente maquinava somente coisas ruins, em vez de boas.

— Ficaré tudo bem, Nina — eu queria muito acreditar naquelas palavras, bem como havia feito com o meu avô, e não era bem isso que estava acontecendo comigo —, olhe para mim, hum? — exigiu, tomando meu rosto entre suas mãos grandes e meus olhos se chocaram com os seus.

Otávio parecia triste por mim, pude notar no seu semblante. Funguei, fechando os olhos quando ele limpou a umidade do meu rosto com seus polegares. Inexplicavelmente, o seu toque me trouxe certa calma que nem sabia ainda estar presente dentro de mim.

— Sei que esse tipo de notícia é muito triste, principalmente para você,

que só tem ao seu avô. Por mais arrasador que seja, nesse momento, tem que ser forte por ti e pelo senhor Josué, Nina. Seu avô precisa de você para não desabar de vez. — Abri minhas pálpebras no segundo em que deu início a sua fala e mantivemos nossos olhares conectados.

— E se for o contrário? Eu...

Ele me interrompeu, alisando meu rosto com seus polegares e fitou-me profundamente.

— Estarei aqui para que isso não aconteça, Nina. Você é forte, mas se precisa de uma garantia, saiba que não me moverei daqui; irei ampará-la. — Mesmo em meio à tristeza, Otávio conseguiu me arrancar um sorriso, mesmo sendo mínimo.

— Obrigada. Eu não sei como seria se não estivesse aqui — externei, abraçando-o novamente.

— Conte comigo — expressou.

Meu choro havia parado e inspirei o ar para os meus pulmões, desejando reorganizar os meus pensamentos e emoções acerca daquele assunto. Otávio tinha razão. Precisava ser forte pelo meu avô, pela sua saúde, e faria isso.



CAPÍTULO 9

OTÁVIO ANTUNES

DIA DO CASAMENTO...

Uma semana atrás, recebi as provas que tanto esperava. Sentado na beirada da minha cama, vasculhei no envelope à procura do pendrive onde estavam armazenadas algumas imagens e vídeos da Letícia com o Bruno, além de outras fotografias dos dois em encontros, que Leandro fez questão de tirar, no horário de almoço ou noturnos, quando ela inventava histórias para aumentar as minhas galhadas. Pelo que ele descobriu, ambos vinham tendo um caso pelas minhas costas há um pouco mais de um mês, justamente quando notei certo distanciamento da parte dela.

Apesar de ter passado todos esses dias tentando encontrar uma resposta para tamanha traição, cheguei à conclusão que simplesmente não existia. Quando se ama alguém de verdade, você preza pela sua felicidade em primeiro lugar, não o contrário. Era óbvio que minha “noiva” não levou nada disso em consideração e, para ser bem sincero, levei dias para aceitar que a culpa da sua falta de caráter não tinha nada a ver com alguma falha que eu pudesse ter cometido.

Olhando o pequeno pendrive, o envolvi em uma das minhas mãos e a fechei com força, apertando-o como se somente isso conseguisse amenizar a fúria existente dentro de mim, mesmo sabendo que nada conseguiria diminuí-la, não enquanto não conduzisse Letícia a pagar pelo que me causou. Cansado de me martirizar, guardei o dispositivo em um dos bolsos do paletó e o envelope, dobrei ao meio, colocando dentro de outro. Me pus de pé e segui até o espelho que tinha na parede no *closet*.

Alinhei o meu terno e, satisfeito, recolhi a caixinha que continha o par de alianças, escondendo no bolso do paletó e saí do quarto, deparando-me com o pessoal que estava arrumando a Nina. Aroldo me saudou, dizendo que ela se encontrava pronta e, depois que o agradei, partiu com o restante da sua equipe. Curioso, andei até parar diante da porta que se mantinha entreaberta e percebi ela murmurar sem parar, no entanto, não consegui compreender nenhuma das palavras que proferia.

Empurrei a madeira maciça cautelosamente, pondo-me para dentro e fiquei ali, observando-a. Seu vestido de noiva era lindo e automaticamente lembrei-me do que a minha mãe disse dias atrás na minha sala, quando teceu elogios a ela, expondo o quanto havia ficado magnífica. Dona Vilma tinha toda razão, porque a mulher à minha frente podia ser comparada à uma princesa de tão bela.

De repente, meus pensamentos foram cessados, visto que ela deu um gritinho estridente em completa surpresa por se deparar com a minha presença ali dentro.

— Que susto! — exclamou, levando a mão ao peito esquerdo e, então, suspirou, demonstrando alívio.

Me aproximei, admirado com a sua beleza estonteante, e seus olhos esverdeados se chocaram com os meus ao se voltar em minha direção.

— Ainda dá tempo de desistir? Se tiver, eu quero! — Sorri diante do seu comentário inesperado e nem pude respondê-la, dado que mudou repentinamente de assunto. — Uau! Está bonitão, hein? Dá uma voltinha aí — pediu, dando um assovio e abri os braços, fazendo como solicitou. — Letícia perderá um ótimo partido — resmungou.

Quando notou o que falou, instantaneamente levou as mãos até a boca, cobrindo-a rapidamente.

— Então me acha um ótimo partido? — inquiri, vendo seus olhos

tomarem uma proporção maior que já tinham.

— Eu não falei nada e, se o fiz, ignora — fez pouco caso e caí na gargalhada.

— Estou nervosa, então pare de rir de mim — assim que terminou de falar, vi em seu semblante um ar de desespero.

Limpei a garganta, tornando-me sério, respeitando seu anseio.

— Desculpa, não foi a minha intenção aumentar o seu grau de nervosismo — exprimi, pegando em suas mãos.

Guiei-a até sentar-se na beirada da cama e me ajoelhei em sua frente.

— É ridículo estar me sentindo assim, visto que passei a semana me preparando pra isso, entretanto...

A impedi de continuar falando.

— Nina, pare de falar e apenas respire fundo, hum? — instrui, e seguiu o meu conselho, repetindo o mesmo processo por diversas vezes. — Melhor? — questionei, mantendo as nossas mãos unidas.

Mirei seus olhos firmemente.

— Sim. Obrigada! — Sorriu genuinamente e se levantou ao recolher suas mãos das minhas.

— Não foi nada de mais — enfatizei, sorridente.

— Você vai me dar azar, sabia? — me acusou, e franzi o cenho.

— Do que está falando? — interroguei, sem entender o que quis dizer.

— De você ver a noiva pronta antes da cerimônia. — Gesticulou, referindo-se ao vestido.

Sorri ao compreendê-la.

— Acho que se esqueceu de um detalhe primordial — aproximei-me um pouco mais e falei baixo, apenas entre nós —, não é de real. Portanto, como poderia te dar azar? — intimei.

Nina coçou a garganta, dando um passo atrás.

— Exatamente. Por ser falso, isso pode afetar meu casamento quando for de verdade, mesmo que indiretamente, entende? — Soltei um riso abafado, balançando a cabeça em negativo.

— Acho que está falando bobagens, Nina — a repreendi, rindo.

— Talvez sim, ou não. — Deu de ombros e, também, sorriu.

Nossas atenções foram tomadas por algumas batidinhas na porta e me virei, avistando Sebastiana, que avisou que o motorista que contratei para dirigir até o local onde seria realizada a cerimônia já estava a postos e a agradeci. Obviamente, o casamento aconteceria no mesmo espaço que Letícia havia escolhido e, após Sebastiana nos deixar a sós, ofereci o meu braço para Nina, que aceitou, entrelaçando o seu ao meu.

— Pronta? — questionei, olhando em seu rosto perfeitamente maquiado e combinando com o penteado bem-feito em seus cabelos.

— Sendo bem sincera, não, entretanto, tenho um contrato a cumprir.

Vamos logo com isso — ditou, fazendo-me rir.

— Você é uma figura, Nina. — Ela fez uma careta e rimos, saindo dali posteriormente.

Assim que chegamos ao local do casório, agradei pelos vidros do carro serem fumê, pois os *paparazzis* e repórteres da cidade amontoados na entrada não conseguiam nos ver com clareza no veículo, o que era ótimo. Me certifiquei de deixar os seguranças a par para não permitir nenhum deles entrar. Sabia que eles me perseguiriam nesse dia e prometi a Nina que faria o possível para resguardar um pouco da sua imagem; sabia ser praticamente impossível e a deixei ciente acerca disso.

Ao sairmos do interior do automóvel, tomamos todo o cuidado possível para ninguém ver a Nina, afinal, tinham familiares da Letícia por toda a parte. Minha mãe se prontificou a ajudá-la a se esconder, até que eu desse o sinal para aparecer, surpreendendo a Letícia e aos demais convidados. Posicionei-me perante o altar, e não demorou até a marcha nupcial começar a tocar.

Alinhei os meus ombros e sorri, disfarçando a minha felicidade por saber que havia finalmente chegado a hora da minha vingança. Letícia surgiu em meu campo de visão e não posso ser hipócrita em dizer que ela não estava linda naquele vestido. No entanto, nada daquilo se sobressaía a sua traição e tratei de voltar ao meu foco principal, pensando somente nisso.

Ela sorria como nunca e a cada passo que dava em minha direção, minha ansiedade ia crescendo gradualmente. Minha mente chegou a comparar a sua beleza com a da Nina vestida de noiva e obviamente o meu cérebro deu a competição ganha à minha secretária. Sacudi a cabeça quando o senhor Daniel parou em minha frente e entregou-me sua filha, pedindo que cuidasse muito bem dela; apenas assenti em concordância, dando-lhe um aperto de mão.

Beijei o meio da sua testa, falando que ela estava divina, e seu sorriso amplificou. Aproveitei para me desvencilhar dela em seguida e peguei o microfone na mesinha do altar.

— Quero a atenção de todos aqui, por favor — exigi, acenando para os convidados.

— Meu amor, o que está fazendo? Desse jeito atrasará a nossa cerimônia — me alertou.

— Letícia, tenho uma surpresa para você, minha noiva, e não existe momento mais oportuno para fazer isso, senão este — anunciei, olhando

seriamente em seus olhos, que brilharam de felicidade somada à curiosidade.

Queria acabar logo com toda aquela palhaçada.

— Que maravilha! Então revele de uma vez. — Olhou de um lado ao outro, não se contendo de alegria.

Mal sabia que duraria muito pouco.

— Peço que olhem para o telão — apontei em sua direção, ele estava posicionado atrás do pequeno altar —, serão passadas algumas imagens e alguns vídeos. Faço questão que todos vejam. Pode começar — dei o aval e fotos da Letícia com o Bruno começaram a ser rodadas na tela.

Um coro de “ohhhh”, “que absurdo!” e tantos outros foram proferidos em meio aos nossos expectadores.

— Mas... o que é isso, Otávio? O que... — Letícia perguntou em um claro desespero, exigindo por uma resposta minha e, não tendo uma, avançou até a extensão que ligava o telão a fim de desligá-lo, mas a impedi, segurando em um dos seus braços, acima do seu cotovelo.

— Eu quem pergunto, Letícia! Até quando pensou que me faria de otário, hum? — Olhei bem no fundo dos seus olhos. — Olha quanta ironia... me chamo Otávio e você me fazendo de otário, não chega a ser hilário? — cuspi as palavras amargamente.

— Quem te deu isso? — especulou e empinou seu nariz, firmando seu olhar no meu.

— Me diga, porra! Se divertiu o bastante enquanto me fazia de corno com aquele infeliz? — inquiri com escárnio, externando toda a minha indignação, e ignorei completamente suas interrogações.

— Não vê serem montagens? Deixe-me desligar isso. — Fez menção de se mover e mais uma vez a impedi.

— É inacreditável que eu esteja ouvindo isso! — esbravejei, farto de tanta mentira. — Chega! — A conduzi para fora do altar, ouvindo os cochichos dos convidados, que estavam tão atônitos quanto eu diante da safadeza da Letícia, na sua vã tentativa de negar tudo.

— Otávio, por favor, meu amor, eu te imploro, me deixe explicar — veio até mim, ajoelhando-se aos meus pés, e rompeu em um choro que não me passou veracidade alguma —, vamos lá dentro, nós conversamos e, assim que tudo estiver resolvido, voltamos para dar seguimento com a cerimônia do nosso casamento, não acha? — proferiu com a voz embargada pelo choro, o que não me comoveu em nada.

— Não acho. — Afastei-me o suficiente, até ter suas mãos longe de mim.

— Como assim? Otávio... — Suas palavras se perderam no ar, porque simplesmente não dei ouvidos.

Ao contrário disso, olhei para a minha mãe, dando-lhe o sinal necessário, e ela saiu, voltando rapidamente. Nina apareceu ao fundo, se

colocando no início do tapete vermelho que se estendia até onde me encontrava, e lhe ofereci um sorriso sincero, recebendo o seu de volta, na mesma intensidade.

— Na verdade, eu já tenho minha noiva — comuniquei e todos viraram suas cabeças para ela, totalmente incrédulos. — Ela se chama: Nina — revelei, constatando que muitos se encontravam perplexos.

— O que pensa que está fazendo, seu desgraçado? — Letícia rumou em minha direção, e minha mãe, de algum modo, chegou mais rápido do que previ em minha frente.

— Abaixei o seu tom, sua vadia! Não basta ter feito o meu filho de corno, agora vem querer posar de vítima? Ele confiou em você, sua sem-vergonha! Uma puta de quinta categoria! — Dona Vilma não mediu suas palavras.

— Vocês estão sendo injustos comigo, me fazendo passar por toda essa humilhação — lágrimas banhavam seu rosto —, juro que sou inocente, pessoal — seu choro se intensificou —, até outra noiva ele já arranjou, agora me digam: quem parece ser o traíra aqui? A corno? — Tentou virar o jogo contra mim.

Naquela altura, sua maquiagem já havia borrado minimamente.

Irritada, minha mãe deu alguns passos até ela, mas a segurei pela cintura, impedindo que sujasse as suas mãos com coisa pouca.

— Sua pistoleira! Mentirosa! Saia daqui, se é que te sobra algum resquício de dignidade. Puta! — gritou.

Uma gritaria e uma confusão começaram quando os pais da Letícia partiram para a defesa da filha. Os seguranças foram chamados e colocaram todos os parentes e convidados da Letícia portão afora. Respirei com alívio quando a calmaria voltou a reinar em meio ao ambiente e logo Nina tomou conta do tapete vermelho, vindo até o meu encontro.



CAPÍTULO 10

NINA

Ainda me sentia nervosa com toda a confusão que tinha se desenvolvido no local, no entanto, imaginava que seria algo inevitável; aconteceria de qualquer jeito, sendo do modo que a Letícia era, jamais aceitaria ser humilhada sem querer se sobressair, mesmo mentindo. Antes de ser posta para fora com os seus pais e convidados, passou por mim e tentou me estapear, mas o segurança não deixou que isso acontecesse.

Ela parecia uma louca possuída, proferindo ofensas e tentando me diminuir por ser uma simples secretária. Além da sua postura agressiva, seus olhos crispavam, evidenciando a sua fúria com relação a mim. Também não deixou de frisar que eu não passava de uma boceta fácil, que o senhor Otávio

logo enjoaria e correria para o aconchego dos seus braços.

Soltei um riso abafado ao ouvi-la e nem sequer me importei.

— Não liga para o que aquela vadia disse — dona Vilma se pôs ao meu lado, proferindo palavras para me acalmar, logo após se recompor do bate-boca com sua ex-nora e, conseqüentemente, com os seus pais. — Está magnífica! — me elogiou e alisou os meus braços.

Sorri suavemente, agradecida pela sua preocupação e carinho, tendo seus olhos azuis vidrados nos meus.

— Obrigada, mas não me importo. Aceitei isso sabendo que teria de passar por essas coisas, afinal, estamos falando da Letícia Fernandez, não é mesmo? — Descontraí, sentindo mais tranquila, e ela riu.

— É verdade — concordou e rimos. Meu olhar abandonou o seu e avistou o Otávio diante do pequeno altar improvisado, parecendo ansioso ou... talvez impaciente. — Agora vai lá que ele está esperando — dona Vilma expressou.

Ofereci-lhe um sorriso e meu avô se colocou ao meu lado, arqueando seu braço e encaixei o meu ao seu.

— Pronta? — Me olhou, aguardando minha confirmação.

— Sim, estou! — afirmei, e assentiu.

Ergui meus ombros e, segurando o buquê de flores, demos os primeiros passos sobre o tapete vermelho que se estendia até o Otávio. Enquanto senhor

Josué me conduzia, minha mente rebobinou tudo que o médico disse a respeito do tratamento que ele teria de ser submetido quanto antes após a conclusão de todos os exames. Felizmente, a biópsia acusou que seu câncer de próstata estava em estágio inicial e o doutor nos deu uma alta taxa de cura, mesmo diante da sua idade avançada, porém, só seriam válidas, caso todo o procedimento fosse iniciado quanto antes.

Por conta do plano que Otávio fez para o meu avô, tudo estava se encaminhando muito rápido e meu avô teria que começar na próxima semana a sua radioterapia. Optaram por essa alternativa pela doença estar no início e, também, não viram que seria uma boa colocá-lo em uma mesa de cirurgia, até pela idade e pelo estágio ser inicial. Me sentia mais serena quanto a sua saúde e estava fazendo como Otávio me aconselhou: mantendo o pensamento positivo e sendo forte pelo meu avô.

Claro que me encontrava preocupada, pois não fazia ideia de como tudo seria após seu tratamento ser iniciado, contudo, Otávio vinha me fazendo acreditar que tudo ficaria bem e adotei esse mantra mentalmente para não me esquecer em nenhuma hipótese. Afastei minhas divagações assim que nossos passos foram cessados e meu avô entregou-me ao Otávio, que sorriu genuinamente para mim, demonstrando certo carinho.

Por incrível que pudesse parecer, a nossa amizade vinha crescendo nos últimos dias e nos tornamos mais próximos do antes. Observei que ele não

era apenas um bom chefe, pelo contrário, parecia ser uma pessoa excepcional fora da empresa, e seus pais eram responsáveis por ele ser um ser humano tão bom.

— Cuide bem dela, hum? Senão, já sabe o que te aguarda — meu avô o ameaçou, lembrando-o da mesma, feita no dia em que, após explicarmos sobre o contrato, aceitou, mesmo um pouco duvidoso de como tudo se desenvolveria.

— Cumprirei com a minha promessa de não magoá-la, pode ficar tranquilo — evidenciou, dando uma piscadela.

— Estou contando com a sua palavra e acho bom que a cumpra — enfatizou.

— Pode deixar — afirmou, transparecendo a sua sinceridade.

Em seguida, meu avô pegou o buquê das minhas mãos e saiu ao assentir. Otávio me encarou por algum tempo, até levar minhas mãos aos seus lábios e beijar o dorso de cada uma. Comprimi meus lábios após sua demonstração carinhosa e nos posicionamos de frente para o juiz que deu início à cerimônia.

Prestamos atenção em tudo que ele disse e, assim que dissemos o famoso sim, proferiu mais algumas palavras e trocamos as alianças. A Duda e o Ítalo, o amigo e advogado o senhor Otávio, eram as nossas testemunhas e ambos se encontravam acomodados logo na primeira fileira de cadeiras de

frente para o altar. Olhei-os rapidamente antes de ouvir a temida parte daquela cerimônia.

— Então, eu vos declaro: marido e mulher. Pode beijar a noiva. —
Rapidamente os meus olhos fixaram com o do Otávio e esbocei um riso ameno.

Confesso que não tinha me preparado o suficiente para isso, já que coloquei na minha cabeça que apenas encostaríamos os nossos lábios e nada mais. Tendo minha atenção totalmente nele, notei quando deu um passo à frente e enlaçou a minha cintura cautelosamente, juntando os nossos corpos no processo. Naquela altura, não entendi o porquê de estar sentindo o meu coração palpitar tão forte.

Deixei esse questionamento interno de lado quando Otávio indagou em meu ouvido:

— Está pronta?

— Não, mas ande logo com isso. Não se esqueça: não avance o sinal vermelho — respondi, aflorando a sua memória quanto à cláusula que exige estar presente no contrato.

Otávio segurou uma risada ao se afastar e arqueou sua sobrancelha.

— Vamos logo com isso! — Ítalo reclamou e recebeu apoio dos poucos convidados.

Otávio o encarou com um olhar repreensor e disfarçou, retornando seu

olhar para mim.

Então, demos logo o tal selinho.

— Ah, mas o que é isso? Queremos um beijo memorável, meu filho!

— dona Vilma gritou de onde se encontrava e minha única saída foi sorrir para amenizar o meu desespero.

— Mãe! — Otávio a repreendeu, olhando-a severamente, e ela se fez de desentendida.

— O quê? Falei algo errado? Não concordam, pessoal? Tem que ter beijão ou não? — atçou.

— Tem que ter! Beijo de língua! Beijo de língua! — Um coro se formou, determinando que realizássemos o desejo deles.

Olhei para Otávio e percebi um leve arquear em seus lábios, considerando aquela ideia.

— Não ouse! — exclamei entredentes e sorri minimamente para os demais não notarem o que eu pronunciava.

— O que fará, hum? Meus pais, seu avô, sua amiga e o Ítalo sabem que nosso casamento não é real, os outros não — cochichou em meu ouvido.

Soltei o ar pesadamente e, ao analisar o que disse, resolvi concordar.

— Tudo bem, mas não demore — impus.

Afastou-se dizendo que não tinha o porquê de demorarmos e, com seu braço enlaçando a minha cintura, puxou-me, grudando os nossos corpos

completamente. Engoli em seco ao fixar meus olhos nos seus tão azuis e passei meus braços pelo seu pescoço. Em câmera lenta, Otávio mudou o foco do seu olhar, que recaiu em meus lábios e involuntariamente os umedeci.

Fechei os meus olhos quando percebi sua aproximação e tive minha boca tomada pela sua. Inicialmente, sua barba fez cócegas em minha pele e o beijo começou timidamente. Logo sua língua bateu contra os meus lábios e os abri, permitindo que invadisse o vão da minha boca. Meu coração batia tão forte que mal pude prestar atenção nisso, dado que Otávio intensificou o nosso beijo e um fogo abrasador tomou conta não só do meu interior, como também se alojou no meio das minhas pernas.

Nossas respirações se encontravam altas e podiam ser ouvidas entre nós dois. Senti a mão do Otávio apertando a minha cintura e um gemido escapuliu da minha garganta, fazendo-me retomar o meu raciocínio lógico e dar um passo atrás, dando fim ao nosso beijo e abandonando seus lábios extremamente viciantes.

Merda! — praguejei mentalmente ao me dar conta que havia gostado de experimentar do seu beijo, e isso não era nada bom.

Ouvi o pessoal aplaudindo e assoviando, alvoroçados com a concretização do beijo, e sorri, fingindo estar tudo bem.

— Acredito que nos empolgamos, não acha? — o descarado fez questão de se inclinar e falar no meu ouvido.

— Jura? — Franzi o cenho, fingindo perplexidade.

— Sim, ou dirá que não notou? — insinuou.

Mirei-o a tempo de vê-lo afrouxando a sua gravata e tive vontade de sorrir, afinal, ele parecia ter sido atingido pelo mesmo aquecimento interior que eu.

— Sabe que não percebi? — menti.

— Tem certeza? — quis saber.

Não respondi, apenas meneei a cabeça em positivo.

— Então não terá problemas se repetirmos na festa do casamento, não acha? — O fuzilei com o meu olhar, e ele caiu na gargalhada, deixando claro que descobrira a minha mentira deslavada.

Desgraçado! — xinguei mentalmente.

— E o beijo, hum? — Duda perguntou, numa tentativa de me provocar.

— Não falarei sobre isso. Foi só uma encenação para não levantar suspeitas e nada mais — pontuei, querendo dar fim naquele assunto.

— Não me pareceu uma simples encenação. — Revirei os olhos diante do seu comentário.

— Sêrio? — inquiri, olhando em seus olhos, e notei divertimento contido em cada um deles.

— Ah, vai, Nina. Está há tanto tempo sem se relacionar com um homem de verdade, que duvido aquela arroxada na sua cintura não ter feito as suas pernas virarem gelatinas de tão moles — insinuou.

Fiz uma careta.

— Claro que não — neguei, e ela riu.

— Pode negar o quanto quiser, mas te conheço perfeitamente bem para afirmar com convicção que somente se encontra em estado de negação — me provocou.

— Não importa. — Dei de ombros, e ela riu ainda mais.

Balancei a cabeça em negativo, ouvindo o barulho da música eletrônica que o DJ contratado tocava mais adiante, em meio ao salão, num pequeno palco. Meu avô estava sentado do outro lado da mesa, conversando algo com os pais do Otávio. Fiquei ali, sentada enquanto observava os convidados se divertirem, até os meus olhos se chocarem com os do Otávio e ele deixar a companhia de dois homens com os quais estava falando.

Girei meu pescoço, fingindo não notar a sua aproximação, e não pude ignorar quando estendeu a sua mão na minha frente.

— Me daria a honra de uma dança? — O fitei.

— Melhor não. Meus pés estão doendo — inventei.

Otávio sorriu, percebendo a minha desculpa esfarrapada.

— Não tem problema, posso pegá-la no colo sem problema algum. —

Fez menção de me pegar e me pus de pé.

— Pensando bem, acredito que eu consigo dançar um pouco com o meu marido. — Dei-lhe um sorriso forçado e apertei uma das suas bochechas.

Saí andando rumo ao salão e parei no meio da pista de dança, aguardando-o. Uma música lenta se iniciou e ele segurou em minha mão, passando seu braço pela minha cintura. Novamente o meu coração protelou no peito e dancei fingindo que nada daquilo importava, muito menos que o seu perfume marcante estivesse desordenando os meus sentidos.

Cheguei à conclusão que o fato de estar tendo todas aquelas sensações ao tê-lo tão perto era exclusivamente por eu estar há quase um ano sem ter nenhum namorado. Usei todo o meu tempo durante esse ano para me dedicar ao meu trabalho, até pela decepção que tive com o meu ex, que descobri sair para as festas às escondidas e obviamente aliviava sua tensão sexual com outras mulheres.

Ao confrontá-lo, me acusou de ser frígida na cama. Eu tinha vinte e quatro anos e nunca tive um namorado que me conduzisse a ver estrelas na

cama. Por muito tempo, pensei que o problema pudesse ser comigo, porém, após efetuar algumas pesquisas, concluí que meus parceiros não estavam me proporcionando prazer o suficiente para atingir meu ápice.

Com isso em mente, resolvi que eu tinha que me cadastrar em algum site de paquera. Otávio e eu tínhamos deixado bem claro que não transaríamos e poderíamos fazer sexo com outra pessoa, portanto, decidi que concretizaria isso quanto antes. Não podia permitir que me iludisse com o meu chefe.

Estávamos apenas em um acordo, e ele, mesmo que me quisesse, não passaria de sexo e isso, definitivamente, não era uma opção para mim.



CAPÍTULO 11

OTÁVIO ANTUNES

O que era pra ter sido um dia de tristeza acabou se tornando tudo, menos decepcionante. Apesar de toda a confusão após concretizar o meu plano de vingança, onde consegui humilhar a Letícia na frente dos seus pais e convidados, mostrando naquele telão o quão sem-vergonha era, confesso que me senti mais leve e confiante. Sabia muito bem do meu valor e do quanto a amei o suficiente para cogitar não só a hipótese de que passaríamos a vida inteira juntos, como também teríamos filhos, formando uma família linda e abençoada. No entanto, tudo desabou sobre a minha cabeça e depois de ter lhe dado o que merecia, coloquei na cabeça que minha ex-noiva perdeu não só um homem de coração genuíno, como também uma vida digna de rainha,

pois sou o tipo de cara que, quando ama, é para valer, não existe meio-termo.

Olhando bem como tudo entre nós começou, supus que foi nisso que errei em relação a Letícia. Afinal, desde que nos conhecemos, logo me encantei pelo seu jeito espontâneo e alegre de ser, conseqüentemente, todas essas características e qualidades, nos levaram a nos conhecer mais e mais, até que me vi apaixonado e, alguns meses depois, efetuei o pedido de casamento. Ao todo, tínhamos quase um ano juntos, pouco tempo, mas o bastante para ela ser uma mau-caráter.

Bufei, balançando a minha cabeça em negativo, e terminei de jogar o restante do champanhe existente na minha taça goela abaixo. Ítalo me observa como se tentasse me decifrar.

— Quer me dizer algo? — inquiri e pisquei meus olhos por diversas vezes. Passei a mão pelo rosto, tentando espantar o sono que me fez bocejar na sequência, denunciando que o meu corpo pedia por um descanso.

— Não sei... — enrolou.

— Diga logo — exigi, vendo-o ajustar sua postura sobre o assento e descansar seus antebraços sobre a mesa, cruzando os dedos das mãos.

— É impressão minha ou está rolando um clima entre você e a Nina? — sondou.

Soltei um riso de lado abafado e desviei meus olhos dos seus, que foram parar em Nina mais adiante, onde dançava animadamente com sua

amiga na pista de dança. Automaticamente minha mente rebobinou o instante exato em que nos beijamos. Instantaneamente o meu corpo reagiu da mesma forma contida em minhas lembranças. Não podia negar a mim mesmo o quanto a nossa aproximação e beijo mexeram comigo e outras partes do meu corpo.

Confesso que cheguei a desejá-la. Entretanto, empurrei meus pensamentos insanos para longe quando o meu subconsciente me alertou, pois nada daquilo estava certo. Havia acabado de sair de um relacionamento fracassado, além de a Nina ter aceitado aquele acordo apenas para me ajudar, mesmo tendo em vista o dinheiro e o tratamento que custearia para o seu avô.

Simplesmente não podia. Que fosse qualquer outra, menos a Nina. Prometi ao avô dela que prezaria pelo seu bem-estar, e me envolver com ela estava totalmente fora de questão.

Acreditava que, por estar sem sexo há mais de uma semana, meus pensamentos acabaram dando lugar para coisas que não tinham fundamento algum. Só podia ser isso, porque não existia outra explicação para me ver encantado pela minha secretária, dado que fomos amigos por quase dois anos e passávamos muito tempo em companhia um do outro no ambiente de trabalho e nem sequer a olhei com outros olhos. O ideal é me manter distante, até para cumprir a palavra que dei ao seu avô. Nina merecia um homem que

não fosse tão azarado como eu. Certo sobre isso, voltei minha atenção para o meu amigo e o respondi:

— Creio que esteja idealizando coisas nessa sua cachola. — Apontei para a sua cabeça, rindo sugestivamente.

Ítalo arqueou uma das suas sobrancelhas.

— É mesmo? — intimou e meneei a cabeça em positivo. — Eu te conheço muito bem, Otávio. Sei que, se a Nina estiver começando a te despertar interesse como mulher, não apenas como alguém para se divertir, é óbvio que fará o possível e o impossível para colocar uma barreira entre vocês. — Tentei negar a sua colocação novamente, mas ele não me deu brechas. — E não adianta dizer que minhas palavras não têm nexos, porque tem conhecimento sim. O modo que vejo a encarando... é diferente. Posso estar enganado, o que acredito que não, mas é uma possibilidade — enfatizou.

— Acabei de humilhar a minha ex-noiva, expondo seus podres perante seus pais e convidados, além de praticamente colocar a Nina como a responsável por dar um fim ao meu relacionamento com a Letícia. Acha mesmo que estou preparado para, no minuto seguinte, cortejar alguém que aceitou toda essa loucura por conta da saúde do seu ente mais querido? — interroguei, esforçando para mascarar a verdade.

Sim! Confesso que Nina vinha despertando meu interesse nela há

alguns dias, porém meu amigo não precisava saber disso. Ficaria somente entre mim e o mais profundo dos meus pensamentos e emoções.

— Você não usou a Nina como culpada, Otávio. Mostrou a todos que a Letícia o traía — salientou, olhando-me com afinco.

— Sei disso, só que, para as revistas de fofoca ou o jornal da cidade local, não, e com certeza vão divulgar besteiras do tipo. — Esfreguei o meu rosto e alisei a minha barba espessa.

— Infelizmente devo concordar — reconheceu e comprimi meus lábios, permanecendo em silêncio. — Pensa que a Letícia se deu por vencida? — questionou, rompendo a ausência de som entre nós.

— Conhecendo-a bem, tenho certeza de que não. — Soltei o ar exaustivamente.

— Já levantou a hipótese que ela pode tentar coibir a Nina? — Diante da sua pergunta, pressionei minha têmpora, pensativo.

— Farei de tudo para que não consiga, mesmo que tente. Nina não passa de uma vítima implantada por mim nessa história — pontuei.

— Tem razão — concordou.

— Espera. Eu te ajudo. — Segurei em uma das mãos da Nina, dando-lhe o suporte necessário para sair do veículo sem ter que tropeçar em seus próprios pés e, depois de agradecer pela gentileza, firmou contra a lataria do carro e tirou os saltos repentinamente.

— Como fui burra. Podia tê-los tirado no carro, a caminho daqui — ressaltou e riu de si mesma.

— Concordo plenamente. — Sorri.

Ambos nos encontrávamos animados demais por conta do álcool que ingerimos mais do que o previsto na festa de casamento. Nina saiu andando meio em zigue-zague na frente e, ao agradecer o motorista que nos trouxe, apressei os meus passos, ficando ao seu lado e enlacei a sua cintura.

— É melhor segurarmos um ao outro, ou acabaremos caindo. — Nina deu uma risadinha alta.

— Já pensou se caíssemos? — questionou, rindo um pouco mais.

— Não seria nada bonito — considerei, rindo ao imaginar a cena.

— Não mesmo — soou mais alegre do que o normal.

Logo entramos e subimos as escadas.

— Silêncio ou o meu avô nos escutará — sugeri.

Assenti, continuando o nosso percurso. Senhor Josué estava instalado em um dos quartos no andar de baixo, visto que foi ele quem exigiu. Pela

manhã, assim que chegaram aqui, dei a ideia de ficar na parte de cima.

De repente, me recordei da conversa:

— *Pode ficar em um dos quartos lá de cima — supus, e ele olhou mais à frente.*

— *Terei que subir essa escada perigosa aí, meu jovem? — Cocei a nuca e prontamente disse que sim. — Deus me proteja, mas não ficarei lá em cima. Se eu cair e quebrar o traseiro? — Caí na gargalhada.*

Seu Josué era uma verdadeira figura.

Voltei ao meu raciocínio quando paramos diante da porta dos aposentos da Nina. Ela parou e se virou, fixando seu olhar no meu. Notei sua maquiagem minimamente borrada, além do batom rosado que mal dava para notar nos seus lábios.

Involuntariamente, *flashes* do nosso beijo pipocaram na minha mente e foram tão nítidos, que ainda pude sentir o seu gosto no meu paladar.

— Algum problema? — Pisquei, afastando-me quando ouvi sua voz demonstrando preocupação.

— Não. — Sorri e passei a mão pela nuca.

— Me diverti muito, apesar de toda a confusão mais cedo — fez questão de frisar, e comprimi meus lábios em contentamento.

— Eu também — fui sincero.

— Tenha uma boa noite então — exprimiu.

— Você também — desejei-lhe o mesmo, ela entrou depois de me oferecer um amplo sorriso.

Segui para o meu quarto e entrei. Precisava de um banho urgente, antes de cair na minha cama em um coma profundo por conta do sono exacerbatante que estava sentindo. Fechei a porta e caminhei até o *closet*.

Me liberei dos meus sapatos, carteira, relógio, celular e roupa ali mesmo, ficando apenas de cueca boxer. Escolhi uma calça de moletom e voltei para o quarto, indo na direção do banheiro, mas, no meio do percurso, fui surpreendido ao empurrarem a porta sem bater.

Os olhos de Nina pareciam tão surpresos quanto os meus, até pela proporção que tomaram. Parada, não pude deixar de notar quando me inspecionou da cabeça aos pés lentamente, como se estivesse gostando. Umedeceu seus lábios e piscou ao se dar conta do que estava fazendo, fitando-me na sequência.

— A-e-eu... — ‘gaguejou.

Não sabia se era o esperado por ela, contudo, não fiz menção nenhuma de esconder as minhas partes baixas, apesar de estar usando somente uma peça íntima. Percebi que engoliu em seco, tendo dificuldade de se expressar com clareza.

— Esqueceu de bater na porta — repreendi, arqueando uma das minhas sobrancelhas.

Meio sem jeito, ela sorriu e entrou de uma vez, vindo até mim e parou na minha frente sem desviar sua atenção da minha.

— Tem razão — deu de ombros e se virou, dando-me às costas —, te chamei, e não respondeu. Imaginei que estivesse no banho e por isso a abri sem bater. Desculpe por isso, mas preciso da sua ajuda. Pode abrir o zíper para mim, por favor? Estou tendo dificuldades para abri-lo. — Apontou para o objeto, mantendo-se de costas.

— Posso — confirmei, dando mais um passo à frente.

Segurei o fecho do zíper, sentindo seu perfume a florado tomando conta do ambiente e fui desfazendo-o lentamente, até chegar no meio da sua cintura. Inebriado pelo seu cheiro, fui incapaz de controlar minhas emoções quando levei o meu nariz até o alto da sua cabeça e inspirei o seu aroma. Meu coração acelerou no peito e meu pau começou a ganhar vida.

— Você cheira tão bem. — As palavras simplesmente esvaíram da minha boca.

Nina voltou-se para mim e mirou meus olhos. Havia uma nuvem de desejo presente em cada um deles. Era evidente que ela ansiava pelo mesmo que eu.

Certo sobre isso, levei uma das minhas mãos até uma das suas bochechas e alisei sua pele, sentindo sua maciez sob o meu toque. Meu olhar acompanhou o seu próximo movimento, quando umedeceu seus lábios. Me

senti tentado a beijá-los e deslizei meu polegar da sua bochecha, contornando-os.

Naquela altura, ambos estávamos tomados pela excitação, e o sono que sentia antes parecia nunca ter existido. Observei que Nina se encontrava tão envolvida quanto eu, pois sua respiração se tornara alta, não muito diferente da minha. Enlacei sua cintura calmamente com minha mão livre e acabei com a distância presente entre nós.

Fechei meus olhos, ansioso pelo que nos aguardava e, quando nossas bocas se encontraram, uma explosão de sentimentos se apoderou do meu interior. Demos um selinho demorado e apertei sua cintura com precisão, preparando-me para aprofundar o nosso beijo. Antes que isso acontecesse, Nina espalmou o meu peitoral, empurrando-me para longe, e piscou suas pálpebras, como se só naquele momento tivesse se dado conta do que estava acontecendo entre nós.

— E-eu preciso ir. — Passou a mão pela garganta e acelerou seus passos, rumando até a porta.

— Nina? — chamei-a, e ela parou, virando-se.

— Obrigada pela... ajuda com o zíper — agradeceu rapidamente e saiu praticamente correndo dali, fechando a porta atrás de si.

Levei minhas mãos até o meu rosto, esfregando-o frustradamente. Tinha me comprometido mais cedo que me manteria longe e o que eu faço?

Na primeira oportunidade, sequer consigo conter a porra do meu desejo.

Merda! — praguejei.



CAPÍTULO 12

NINA

Cheguei até o meu quarto como se fosse um furacão e tratei de trancar a porta, encostando as minhas costas contra a madeira maciça. Minha respiração continuava alta, além de sentir-me meio zozza não pelo teor de álcool existente em meu sangue, e, sim, por conta da minha aproximação com o senhor Otávio, o que nos levou a quase nos beijar novamente. Na verdade, faltou apenas aprofundá-lo, já que senti outra vez a maciez dos seus lábios nos meus.

Cobri meu peito esquerdo, sentindo-o pulsar fortemente abaixo da minha palma, e inspirei o ar com precisão. Desencostei-me da porta e, pensativa, caminhei de um lado ao outro, tentando entender o que era toda

aquela desordem emocional dentro de mim. Parei, sentando-me na beirada da cama e fechei meus olhos, respirando calmamente com a finalidade de reordenar as minhas emoções.

Fiz o processo por algumas vezes e, sem obter sucesso, resolvi que seria bom tomar logo o meu banho. Quem sabe assim eu conseguiria fazer com que a minha mente parasse de formular coisas, além de fazer com que o meu coração se aquietasse no peito e simplesmente apagasse todo aquele fogo dentro de mim, que se acumulou no meio das minhas pernas. Decidida, comecei a tirar o vestido, lembrando-me que a peça havia sido a culpada por eu ter praticamente invadido o quarto do meu chefe e o visto só de cueca.

Instantaneamente a cena clareou em minha memória e parei no meio no processo.

Não podia negar que, naquela minha pequena inspeção, mesmo em um curto espaço de tempo, a minha cabeça não tivesse imaginado momentos quentes entre nós dois. Otávio, em toda sua altivez, tinha os músculos bem definidos, barriga sarada, coxas grossas e firmes, além de todo aquele charme que era exclusivamente dele. Sua barba espessa o dava um ar mais maduro, combinando perfeitamente com os seus olhos azuis e cabelos de fios lisos e medianos.

Ele amava jogar seus fios para trás, entretanto, minutos atrás, uma parte estava caída de lado, e confesso que segurei a minha vontade de chegar

mais perto e tocá-los, de modo a saber sua textura. Sorri, mordendo o canto interno da boca, o que não demorou muito, dado que o meu subconsciente voltou a me repreender mentalmente:

O que pensa que está fazendo, Nina? Vocês têm um acordo e nada mais. Ponha isso na cabeça de uma vez por todas e pare de fantasiar com o seu chefe! Tudo bem que é o seu marido, só que não passa de uma mentira.

Mesmo que role algo entre vocês, como será depois? Ele acabou de sair de um relacionamento conturbado, não vai se permitir envolver com outra mulher tão cedo, portanto, se transarem, não passará disso.

Infelizmente, sabemos que se machucará se constatar que ele a quer apenas para curtir ao seu lado, sem nenhum compromisso real.

Serão apenas seis meses que terão de partilhar um teto juntos, até finalmente esse acordo acabar e cada um seguir com a sua vida normalmente, bem como era antes. Não se esqueça disso. Foque no primordial: a saúde do seu avô, nada mais.

Movimentei minha cabeça de um lado ao outro para espantar tais pensamentos e mirei um ponto qualquer do ambiente, dando-me conta que tudo o que disse estava certo. Soltei uma baforada de ar em completa frustração e terminei de tirar a minha roupa de vez. Só precisava de um bom banho e me render ao sono profundo.

Acordei com uma dor aguda na cabeça, dado a bebedeira da noite passada. Resmunguei, mantendo meus olhos semicerrados e tateei a mesinha de cabeceira. Peguei meu celular e vi passar das dez horas da manhã.

— Droga! — praguejei, vendo estar tarde demais e precisava ter me levantado mais cedo para dar o lanche matinal para o meu avô.

Saltei da cama deixando o aparelho sobre os lençóis e rumei para o banheiro, onde fiz minhas necessidades e higiene bucal, saindo dali em seguida. Vesti um vestido soltinho e de alcinhas, deixando o interior do quarto posteriormente. Passei a mão pelos fios do meu cabelo de modo a desgrenhar suas pontas e desci as escadas rapidamente.

Antes de alcançar a cozinha — que sabia onde era porque ontem, pela manhã, quando chegamos na casa, Otávio fez questão de nos apresentar cada cômodo —, senti o aroma do café. Parei próximo ao portal, deparando-me com o “meu marido” enchendo a sua xícara com o líquido flamejante e até havia me esquecido da dor chata existente em minha cabeça, que logo latejou.

— Ai! — reclamei, massageando o local e conseqüentemente Otávio

notou a minha presença, já que me ouviu e se virou em minha direção.

— Está tudo bem? — Veio até mim, demonstrando preocupação e me esquivei do seu toque.

Precisava colocar um limite entre nós. Não era apropriado que tivéssemos uma vida normal, já que tudo isso era falso. Melhor resguardar o meu coração ou sabia que a única pessoa a sair magoada disso seria apenas eu.

— Está tudo bem. Só quero que me dê um analgésico, porque a minha cabeça está latejando — pedi, parando próximo à bancada da pia.

— Claro. — Otávio comprimiu seus lábios e tirou uma caixa de tamanho médio de dentro de um dos compartimentos, pegando o que pedi e me entregou em seguida. — Não deveria ter bebido tanto, já que fica de ressaca no dia seguinte — descontraiu, e arqueei uma sobrancelha em desafio.

— Agora é tarde para conselhos — retruquei e dei de ombros.

— Tem razão — deu um sorriso sem graça, guardando a caixa no lugar anterior e fechou o armário —, caso precise de mais, todos os medicamentos que tenho ficam aqui. — Apontou, deixando-me ciente.

— Obrigada — agradei.

— Nina, sobre ontem... — tocou no assunto e tratei de interrompê-lo.

— Não aconteceu nada ontem, sen... Otávio. Cometi um erro de entrar

no seu espaço sem bater e não ocorrerá de novo. Fique tranquilo — exprimi, tentando, de alguma forma, contornar aquela questão.

— Sobre o nosso... beijo, Nina. — Olhei em seus olhos, vendo expectativas existentes em cada um deles e alcancei um copo, enchendo de água no filtro e joguei o comprimido na boca, bebendo o líquido gelado na sequência.

— Não falaremos disso. Estávamos alterados por conta da bebida e foi somente por isso que... aconteceu — formulei uma desculpa agilmente.

— Nina... — Deu um passo à frente e me desencostei do balcão, parando rente à mesa.

— Meu avô, sabe onde ele está? Acabei dormindo demais para dar o seu desjejum — indaguei, mudando o foco da nossa conversa.

Otávio soltou um riso abafado, recolhendo a sua xícara de café sobre a mesa, onde a abandonou ao ouvir meus resmungos ao notar a minha presença ali e sorveu um pouco do líquido, fixando seus olhos azuis nos meus.

— Está no jardim com a Duda — informou.

Franzi o cenho.

— A Eduarda? Mas... me lembro de tê-la dispensado, visto que não teria como mantê-la como cuidadora do meu avô por mais tempo e, como ficaremos três dias em casa, “em lua de mel”, eu mesma poderia cuidar dele — exprimi.

— Você acordou tarde e foi bom eu ter conversado com a Duda ontem a respeito de contratá-la como cuidadora do senhor Josué, que prontamente aceitou. Ela chegou bem cedo e tratou de dar o café matinal a ele. Esse casamento pode ser falso, Nina, mas tenho um carinho enorme por você e o seu avô, portanto, não se surpreenda em ver que geralmente prezo pela saúde e bem-estar daqueles que gosto. — Umedeci meus lábios, sentindo-me grata e simultaneamente envergonhada pela minha atitude anterior.

— E-eu não sei como agradecer — gaguejei, mantendo nossos olhares um no outro.

— Não precisa. Prometi que cuidaria de vocês e costumo cumprir com a minha palavra — terminou seu café e deixou a xícara sobre a pia. Silencioso, caminhou em direção à porta, mas parou ao meu lado —, tenha um bom dia, esposa — desejou, sumindo do meu campo de visão antes que pudesse respondê-lo.

Droga, Nina! Como pôde ser tão dura com ele? Argh! — briguei comigo mesma mentalmente e resolvi que o melhor seria dar um tempo até ir pedi-lo desculpas.

TRÊS DIAS DEPOIS...

O carro parou em frente à empresa e fomos recebidos com uma chuva de *flashes* por conta de fotógrafos e alguns repórteres da cidade à procura de fofoca para colocarem em suas revistas, jornais ou quadros de fofoca na televisão.

Otávio saiu primeiro e segurou em minha mão, protegendo-me de todo aquele alvoroço. Naquele instante, só desejei ter a paz e calma de antes que a minha vida tinha. Estava começando a me sufocar tudo aquilo.

Afinal, com o passar dos dias e o distanciamento que não desisti em manter entre mim e o Otávio, vinha percebendo que não ansiava em ficar sem sua figura por perto, pelo contrário. Ficava pensando no seu cuidado para com o meu avô, que começou a fazer o tratamento ontem e se encontrava um pouco fraco por conta disso. Na sua gentileza em sempre se preocupar com a minha opinião referente a tudo que fosse feito em sua casa, além de ter contratado a minha amiga para ficar vinte e quatro horas com o meu vô, principalmente pelo seu estado atual.

A verdade é que estava gostando dele e não queria assumir para mim mesma que havia cometido um grande erro por permitir isso acontecer. Agora tinha que reprimir esse sentimento diariamente dentro de mim, justamente por ter conhecimento que não deveria ter ido tão longe. Durante às duas últimas noites, ficava rogando aos céus para esses seis meses passar o mais rápido possível.

— É verdade o que a senhora Letícia Fernandez declarou para a revista *A melhor*? — Um deles perguntou, colocando o microfone na minha frente.

— Letícia é uma filha da mãe mentirosa. Minha esposa não era minha amante. Parem de nos perturbar com isso! — Otávio saiu em minha defesa e um dos seguranças afastou o tal rapaz, liberando a nossa entrada no prédio.

Todo esse furdunço se devia pela Letícia ter dado uma entrevista a uma revista da cidade, ontem, alegando que sofreu uma grande injustiça por parte do Otávio. Frisou que ele a usou, pois a humilhou utilizando provas irreais, que haviam sido forjadas para culpá-la porque queria se casar com outra, e não teve coragem de assumir isso ou terminar com ela. O acusou de ser um safado e que eu era a sua amante, por isso ele já me tinha como noiva no lugar dela.

A fofoca se espalhou e hoje, no nosso retorno ao trabalho, nos deparamos com todas essas acusações descabidas. Não sabia até quando suportaria essas artimanhas da Letícia de modo a se passar por vítima. Por outro lado, tinha que aguentar firme, até pela saúde do meu avô estar em jogo.

Respirei fundo quando atravessamos o *hall* ao cumprimentar o pessoal da recepção e forcei um sorriso para eles, agradecendo pelas parabenizações referente ao casamento. Entramos no elevador e soltei o ar exasperado, ajeitando o meu cabelo.

— Isso não durará muito tempo, Nina. Logo eles se cansam —
proferiu, tentando me tranquilizar.

Não pude me pronunciar no mesmo instante, já que fechei meus olhos e engoli em seco ao perceber estar tão perto. Passou seu nariz sobre os fios do meu cabelo, inspirando o meu cheiro, e fez com que todos os pelos do meu corpo se eriçassem. Umedeci meus lábios, sentindo um fogo abrasador tomar conta do meu interior, chegando a se acumular no meio das minhas pernas.

Estávamos sozinhos ali dentro e mediante o extremo silêncio em meio ao ambiente, dava para ouvir perfeitamente as batidas desenfreadas do meu coração. Tive vontade de me virar para ele, envolver meus braços em seu pescoço e tomar sua boca na minha enquanto suas mãos apertavam firmemente a minha cintura. No entanto, logo recobrei o meu raciocínio lógico e me afastei consideravelmente, mesmo a contragosto.

— Sei disso — finalmente respondi, mesmo não tendo certeza.

O elevador parou e saí andando na frente, necessitando de um bom espaço entre nós. Havia tomado a decisão de me manter longe o bastante e continuaria firme com relação a isso, do contrário, a essa altura, estaria totalmente perdida.



CAPÍTULO 13

NINA

DIAS DEPOIS...

Alguns dias se passaram desde a fofoca que a Letícia inventou ter se tornado o assunto mais comentado na cidade. Otávio e eu continuávamos sendo perseguidos por um ou outro fotógrafo e repórteres em frente à empresa ou em sua casa, porém constantemente demonstrava preocupação quanto ao meu incômodo referente a isso, além de prontamente me defender diante das acusações que eles insistiam em fazer. Toda essa atenção voltada para nós dois vinha me deixando frustrada, até por não ter ideia de quando sua ex decidiria parar com isso.

Pelo que andei percebendo, Letícia tentou contatá-lo várias vezes através de números diferentes, pois ele bloqueou seu telefone anterior, algo que não obteve sucesso. Admito que ainda me sentia confusa com relação às sensações que tinha ao estar na presença do meu “falso marido”. Tinha receio de estar me apaixonando, porque não era o certo e fugia completamente do previsto.

Por mais que Otávio deixasse bem claro que nunca mais a queria ver pintada da cor que fosse e jamais a perdoaria, confesso que ficava com um pé atrás. Tinha em mente que, se a Letícia persistisse, talvez conseguiria fazê-lo voltar atrás e a desse uma segunda oportunidade. São apenas suposições da minha cabeça, mas não podiam ser ignoradas.

Nós não tínhamos nada e eu fazia questão de mantê-lo longe também por conta disso. Não entendia meus sentimentos por ele e era melhor assim. Não queria me iludir tanto ao ponto de vê-lo me jogando para escanteio para dar uma nova chance a sua ex.

Seria humilhante demais e não queria isso para a minha vida.

Repentinamente, fui tirada dos meus devaneios quando Paula, a gerente do setor de *marketing*, surgiu em meu campo de visão perguntando:

— O senhor Otávio ainda não chegou?

— Ele chegará mais tarde. Ia participar de uma reunião com um cliente importante — avisei.

Paula e eu nos dávamos bem, gostava dela.

— Hum... então venho depois. Preciso de algumas sugestões para o novo conceito de *marketing* para a empresa — disse, e assenti, vendo-a sumir em seguida.

Soltei um longo suspiro ao ver que o trabalho me aguardava e, então, mais uma vez, a minha mente trabalhou nas lembranças referente ao Otávio. Estar na empresa sem ele era estranho, mesmo não o querendo perto. Em casa, conversávamos coisas aleatórias do nosso dia a dia, algo que fazíamos antes mesmo de dividirmos um teto em prol de um acordo, entretanto, agora tinha que lidar com toda a tensão que vinha crescendo entre nós.

Duda vivia enchendo a minha paciência, dizendo que, se fosse com ela, aproveitaria a hipótese de se jogar em seus braços e viver sem medo do que pudesse acontecer amanhã, no entanto, eu não me via preparada para algo do tipo. Cheguei a me inscrever num site onde conheci muitos homens de conversa fácil e legais, contudo, quando um deles me chamou para sair, simplesmente travei e conseqüentemente não voltei a aparecer no site. No acordo dizia que cada um de nós podíamos sair livremente, claro que tendo cuidados para que não fosse descoberto o nosso casamento de mentira e, diante disso, pensei melhor e decidi ficar quietinha no meu canto.

Coloquei na minha cabeça que devia me preocupar unicamente com a saúde do meu avô e parar de ficar inventando coisas, como perder tempo em

um site de relacionamento. Era bem óbvio que, ao terminar esse acordo, não encontraria o meu príncipe encantado nesse tipo de lugar. Comprimi meus lábios em desgosto perante os meus pensamentos e os empurrei para longe, voltando ao meu trabalho.

O tempo passou e, inerte em meus afazeres, fui surpreendida quando meu avô chegou com a Duda por ali, parando em frente à minha mesa.

— Esse lugar é muito bonito — senhor Josué foi falando, e contente por sua visita, nos abraçamos assim que abandonei a minha cadeira e dei a volta na mesa.

— Não acredito que estão aqui! — exprimi, incrédula.

Nos desvencilhamos e meu avô sorriu abertamente, olhando em meus olhos.

— Eu disse que viria aqui algum dia para que me mostrasse a empresa ou não se recorda? — salientou.

Sorri, lembrando-me exatamente de quando falou disso.

— Claro que sim, vô! Só não imaginei que seria por agora, afinal, anda

meio fraquinho por conta do tratamento. Não era bom estar em casa, descansando? — indaguei, preocupada com a sua saúde.

— Não se desespere com isso, porque me sinto bem. O que não posso é ficar enfiado naquela casa, olhando para a Duda, a senhora Sebastiana e as paredes diariamente — reclamou.

Duda e eu rimos. Me afastei dele momentaneamente e abracei a minha amiga.

— Conhece o seu avô, portanto, não adianta tentar subestimá-lo. Convenhamos que ele é esperto demais para conseguirmos isso — foi falando e deu de ombros ao dar um passo atrás, sorrindo.

— E como sei! — exclamei em afirmativa.

— Não falem de mim como se eu não estivesse aqui, hein?! — meu avô se pronunciou, e sorri divertida.

Era maravilhoso vê-lo com toda essa energia e brincalhão, apesar de nunca ter perdido essa essência. Por mais que as sessões de radioterapia o deixasse meio abatido nos primeiros dias, hoje ele parecia mais disposto. Não tinha nada que pudesse pagar isso. Meu avô era tudo na minha vida e a sua felicidade também era a minha.

— Eu só preciso terminar de editar algumas observações de um documento no computador e logo apresento a empresa para vocês — informei e ofereci um assento aos dois, próximo à minha mesa.

Eles agradeceram e, após me deixar ciente que aguardariam, dei seguimento ao meu trabalho. Naquela altura, já havia almoçado há quase uma hora. Otávio mandou uma mensagem para mim, há poucos minutos, perguntando se estava tudo bem e, ao responder que sim, avisou que o seu encontro com o cliente havia sido um sucesso e que já estava a caminho daqui.

Ao ver seu aviso, instantaneamente um sorriso brotou em meus lábios e meu coração começou a bater mais rápido do que o normal. Me vi obrigada a respirar fundo e parar de fantasiar à toa. Não era bom para a minha mente ficar alimentando aquela fagulha de esperança.

Voltei o meu foco ao trabalho e Duda conversava com o meu avô. Entre uma tarefa e outra, precisei deixá-los a sós para ir até a outra sala tirar algumas cópias, que precisava juntar a outros documentos em uma pasta que teria que entregar ao meu chefe. Assim que finalizei, peguei os papéis e cruzei o espaço até porta.

Saí e fui andando, mas parei, estranhando ao ouvir vozes alteradas. Apressei meus passos e, quando me aproximei da minha mesa, mal pude acreditar em quem se encontrava ali.

— Não entendo como o Otávio pode ter me trocado por uma secretária, principalmente sendo pobre e ainda estar ajudando um velho como o senhor a fazer tratamento. Deveria deixá-lo morrer logo. Na minha visão, já está

fazendo hora extra na Terra. — Suas palavras saíam encobertas do seu veneno maldoso.

— O que disse? — falei alto, chamando a sua atenção.

Letícia mirou os meus olhos, que crispavam de tanta raiva por mim, e acredito que, nesse instante, não estavam tão diferentes dos meus.

— Repete o que falou — exige.

Parei rente à minha mesa e deixei os papéis sobre o tampo. Ela soltou um riso debochado e deu um passo à frente, empinando seu nariz, obviamente tentando me intimidar.

— Acredito que tenha escutado muito bem ou, além de oportunista, agora também é surda? — sibilou.

Não medi minha ação posterior. Quando dei por mim, o barulho da palma da minha mão chocando-se contra o seu rosto retumbou pelo ambiente e a senti arder na sequência. Foi tão forte que, quando ela voltou a me olhar, era possível ver a lateral da sua face toda avermelhada, demarcada pelos meus dedos e seus olhos cheios de lágrimas não derramadas.

— Vou te matar, sua piranha! — declarou, vindo para cima de mim e caímos no chão.

— Meu Deus! Parem com isso! — Escutei minha amiga dizendo. Pela sua voz, parecia aflita com o desenrolar da cena a sua frente.

Letícia puxou o meu cabelo ao ficar por cima de mim e tentou me

esbofetear. Consegui conter o seu golpe, segurando a sua mão e rolamos no chão, trocando a nossa posição. Sentei em sua barriga e bati mais algumas vezes em seu rosto.

Meu sangue corria aceleradamente em minhas veias, tornando tudo uma adrenalina sem fim. Eu queria acabar com a raça dela. Letícia era cruel e desumana e a faria entender que o mundo não girava em torno do seu próprio umbigo.

— Nunca mais ouse vir destilar o seu veneno ao meu avô ou quem quer que seja nessa empresa, sua vadia! — Desferi outro tapa e ela gritou enfurecida, tentando me acertar de qualquer jeito.

— Isso mesmo, minha neta. Mostra pra essa daí com quantos paus se faz uma canoa — meu avô atçou.

Numa distração minha, Letícia me acertou com seu pé na minha barriga e num rápido reflexo, cravei minhas unhas na sua perna. Ela urrou de dor do exato momento.

— Ai! Desgraçada! — xingou.

Não desisti. Queria quebrar a cara dela, mas mãos fortes me pegaram pela cintura, afastando-me do seu corpo.

— Parem com isso! O que está acontecendo aqui? — Reconheci a voz do Otávio antes mesmo de olhá-lo.

Limpei o suor que começou a se fazer presente em minha testa devido

ao esforço durante a briga.

— Me deixa! Eu ainda não terminei com essa nojenta! — Tentei me desvencilhar do seu agarre, mas foi em vão.

Otávio girou o meu corpo em sua direção e segurou meu rosto entre suas mãos, olhando firmemente em meus olhos.

— Ei! Vamos resolver isso com calma, hum? — me aconselhou, tentando me tranquilizar.

Engoli minha saliva com certa dificuldade e assenti, decidindo fazer como ele propôs.

— Meu amor, ainda bem que chegou. Olha o que essa... selvagem fez em mim! — Letícia choramingou, segurando-se a borda da mesa.

Seus cabelos estavam uma verdadeira bagunça, além do seu rosto todo avermelhado por conta dos meus golpes, e mostrou na sua perna, as marcas das minhas unhas que começavam a sangrar. Otávio me encarou e abaixei meu olhar. Tomei certa distância dele ao não fazer ideia do que se passava em sua cabeça e tive quase certeza de que ele ficaria do lado dela, não do meu.

Preferi ficar no meu canto e meu avô veio em minha direção, abraçando-me fortemente. Naquele momento, só queria que Otávio me defendesse, mesmo se não acontecesse, somente ter o acalento do meu avô já me contentaria. Senti meus olhos úmidos por conta das minhas incertezas.

— Não dirá nada, meu amor? Olha só o meu estado. — Continuei agarrada ao meu avô, que logo deu um passo atrás.

— É uma sem-vergonha mesmo! Não te arde a cara de ficar se fazendo de vítima, minha filha? — meu avô se pronunciou, saindo em minha defesa diante do silêncio que tomou conta do ambiente.

— Olha só como esse velho idiota fala comigo. — Encenou um choro sem lágrimas e abraçou o Otávio. No mesmo instante, o meu mundo parecia ter desabado de vez e entendi que de nada valeria o que eu falasse naquele lugar.

Lágrimas se acumularam em meus olhos pela decepção e engoli a vontade de chorar, pronta para sair dali, só que não estava preparada para ver ele a afastando do seu corpo e falando o que ouvi a seguir:

— Saia daqui, Letícia. Já causou mal o suficiente por hoje e espero que não volte mais a pôr os pés nessa empresa. Cometi o erro de não ter barrado a sua entrada antes disso, mas não ocorrerá novamente, afinal, não imaginei que pudesse ter uma atitude tão baixa. Sério? Vir na minha empresa ofender a minha esposa e, também, o meu sogro? — Definitivamente, meu coração estava aos pulos por vê-lo me defendendo daquela víbora.

— Como é que é? É inacreditável que esteja do lado dessa corja de oportunistas ao invés do meu, Tavinho! Mas, para demonstrar que estou disposta a esquecer tudo isso, proponho que entremos na sua sala para

conversarmos, o que acha? — Sua encenação de choro já havia dado lugar a um sorriso sugestivo, como se tivesse certeza de que ele seria tão imbecil de cair na sua lábia.

Letícia voltou a se aproximar e o vi dar um passo atrás.

— Chega! Chega desse seu joguinho barato, Letícia! Não cansa de ser tão baixa e falsa? A única oportunista aqui é você, não eles. Agora ponha-se daqui para fora, por favor. Não tenho tempo para perder com suas artimanhas baratas — esnobou e vibrei internamente com suas palavras.

Observei que seu olhar foi de esperançoso para furioso em questão de segundos.

— Quer saber de uma coisa? Eu nunca entendi o porquê de eu ter te traído e olha que não foi só com aquele seu ex-melhor amigo, só que tudo fez sentido agora... você não passa de um mosca-morta. Um homem muito bonito, confesso, mas, se tratando de caráter, não me admira que seja tão imbecil! Você deveria me perdoar e não ficar do lado dessa gentinha! — esbravejou.

Fiz menção de ir até ela para lhe quebrar a fuça outra vez, mas meu avô me impediu e, então, Otávio sorriu, batendo palmas.

— Que showzinho lindo, hum? Gravou tudo, Duda? — Eduarda, que até então se manteve afastada e calada, se aproximou dele, sorrindo vitoriosamente.

— Sim. Está tudo aqui. — Entregou o celular e Otávio deu *play* no vídeo que foi gravado com cautela, mostrando todo o desenrolar daquela confusão com a Letícia.

Surpresa, vi os olhos dela tomarem uma proporção maior que já tinham.

— Você dará um fim em toda essa palhaçada que deu início ou vou expor sua confissão na mídia e acabar com a reputação que já não tem, o que decide? — Letícia ao escutá-lo, grunhiu alto, furiosa.

— Você e essa corja se merecem — cuspiu suas palavras enraivecidamente e saiu meio mancando por conta da sua perna que arranhei.

Soltei uma baforada de ar e não me contive ao correr para os seus braços. Otávio me envolveu contra o seu torso firme e afagou os meus cabelos, beijando-os no processo. Meu coração superaqueceu diante do seu gesto.

— Estou aqui. Ficaré tudo bem. Se acalme — proferiu baixinho.

Fechei os meus olhos e afundei o meu rosto contra o seu peitoral, aspirando o seu cheiro marcante. Só queria continuar ali, recebendo o seu carinho, e esquecer que tudo aquilo aconteceu.



CAPÍTULO 14

OTÁVIO ANTUNES

UM MÊS DEPOIS...

Um mês se passou desde que Letícia foi até a empresa e importunou Nina com seu veneno grotesco. Infelizmente seu avô estava lá e tornou-se também um dos seus alvos. Naquele dia, estava chegando quando vi Duda na recepção do prédio meio trêmula e assustada, pedindo que algum segurança fosse até o andar que correspondia ao meu.

Rapidamente cheguei até ela e, após me contar o que estava acontecendo, um dos seguranças do prédio nos acompanhou, porém deixei avisado que ele só interveria se eu sinalizasse, e assentiu em concordância.

Ao sairmos do elevador no meu andar, o segurança ficou distante e tive a ideia de pedir a Duda que desse um jeito de filmar tudo sem que a Letícia percebesse.

Constatei que aquela poderia ser a minha grande oportunidade para adquirir provas concretas e ameaçá-la, fazendo assim com que saísse de uma vez por todas da minha vida; tanto da minha quanto a da Nina, que tinha certeza já estar de saco cheio de suas armações. Enquanto separava a briga que se desenvolvia a minha frente, Nina se encontrava evidentemente alterada e confesso que fiquei preocupado com o seu estado emocional. Em todo esse tempo que nos conhecíamos, nunca a vi daquele jeito, no entanto, entendi que se devia ao fato de nos conhecermos bem pouco, mais no âmbito profissional do que pessoal.

Após aquele dia, o distanciamento que estávamos tentando ter um do outro foi deixado de lado e passamos a nos entrosar mais, como homem e mulher de verdade. A chamei para uma conversa e decidimos que iríamos ser bons amigos, até para irmos nos conhecendo mais. Começamos a sair quase todos os finais de semana para festas e alguns eventos que eu era convidado.

Aparecíamos publicamente como um casal de verdade, mãos dadas, trocando toques afetuosos e beijando contidamente. Estranhamente, vinha gostando de todo o companheirismo que passamos a ter e, nessa noite, ela aceitou ir ao teatro comigo. Seu avô vinha reagindo bem às sessões de

radioterapia e faltavam poucas, até finalmente concluir o tratamento e o doutor responsável pelo seu caso pudesse nos dar uma excelente notícia, bem como esperávamos.

Assim esperávamos.

Deixei minhas divagações de lado e terminei de ajustar a minha jaqueta preta no corpo, pois, nos últimos dias, estava bem chuvoso e frio.

Assistiríamos a um festival de humor e seria às vinte horas. Havia comprado os ingressos, já que Nina, em uma das nossas conversas distraídas, me confidenciou que nunca pisou em um teatro antes, então, vi que seria o momento ideal para levá-la.

Assim que terminei, borrifei um pouco do meu perfume e calcei meus sapatos. Peguei tudo que necessitaria e deixei o quarto, indo até o de Nina, que estava com a porta entreaberta. Espiei e vi que se encontrava em companhia da Duda, que dormiria aqui para ficar de olho no senhor Josué.

Não querendo ser invasivo, ia saindo quando ouvi uma parte do que conversavam me interessar:

— E não acredita que ele está gostando de você? — Duda a questionou.

Nina soltou um longo suspiro.

— Não quero falar sobre isso — evitou o assunto.

— Nina! Não pode continuar fingindo que não sente nada por ele.

Vocês moram sob o mesmo teto. Até quando imagina que conseguirá esconder que gosta dele? — insistiu.

— Não é tão simples assim, amiga. O Otávio vem sendo um excelente amigo, se preocupa comigo, saímos ocasionalmente e, em consequência disso, nos conhecendo mais, porém, ainda existe o acordo e tudo isso acabará em breve. Nem ao menos sei se ele dispõe dos mesmos sentimentos que os meus — duvidou.

— Tem certeza que não sabe? Só o fato de não vê-lo saindo com outro alguém me diz muita coisa, a você não? — inquiriu.

Curioso demais, não vi quando seu avô chegou sorrateiramente e pronunciou baixinho para que elas não nos ouvisse, pegando-me totalmente no flagra.

— Não julga ser feio ficar bisbilhotando a conversa alheia? — Ajustei minha postura e limpei a garganta, olhando-o em seguida.

— A curiosidade falou mais alto, mas não conte nada a ela, combinado? — pedi, mesmo incerto de que ele falaria ou não.

Senhor Josué expressava um ar divertido e riu, saindo na frente.

— Conheço bem quando um homem se porta como você, meu rapaz — Franzi o cenho, caminhando em seu encalço.

— O... o que quer dizer com isso? — Tive dificuldades de formular com clareza.

— Não é nada. Fique tranquilo que não contarei a minha neta — dito isso, desceu as escadas com cuidado e sumiu pelo corredor que dava para o seu quarto.

Cocei a nuca me dando conta do que ele quis dizer e tinha razão. Nina mexia muito comigo e, após o episódio da Letícia, a última vez que nos importunou, ter proposto que nos conhecêssemos mais como amigos foi apenas uma desculpa para ter a sua companhia em maior quantidade de vezes sem todo o distanciamento que estávamos tendo antes. A cada vez que saíamos, descobria o quanto não queria perder todo aquele seu jeito espontâneo, alegre e positivo de enxergar a vida.

Elaborei uma nota mental de dar um passo importante essa noite. Se ela também se sentia balanceada por mim, não faria mal revelar-lhe que gostava da sua presença em todos os aspectos, e não como uma simples amiga, mas como uma mulher de verdade. Só esperança que ela pudesse ser transparente comigo igualmente.

Fui tirado dos meus pensamentos quando escutei alguém descendo as escadas e me virei no mesmo instante, deparando-me com Nina.

— Pensei que ainda estivesse lá em cima. — Sorriu genuinamente e me posicionei rente ao último degrau, aguardando-a.

Nina usava um vestido justo ao seu busto e rodado da cintura para baixo, além de um cardigan alongado na cor preta para aplacar o frio que

julgava estar lá fora.

— Desci tem pouco tempo. — Devolvi o sorriso e segurei em uma das suas mãos quando parou em minha frente, levando-a até meus lábios, e beijei o seu dorso demoradamente, olhando fixamente em seus olhos.

— Está muito bonita, esposa. — Revirou os olhos, e eu ri.

Nina pensava ser pura ironia da minha parte. Confesso que, inicialmente, sim, entretanto, hoje em dia julgava não ser mais esse caso. Logo descobriríamos.

— Obrigada, Otávio. — Comprimiu seus lábios e notei certo rubor em suas bochechas, desviando sua atenção da minha enquanto recolheu sua mão.

— Vamos? — inquiri, e ela apenas meneou a cabeça em concordância.

Fiz sinal para ela ir à frente e assim o fez. Segui atrás dela, observando o gingado da sua cintura naquele vestido, que também se devia pelo salto alto que usava. Ela estava simplesmente magnífica.

— Amei o festival de humor. Estou até agora com a barriga doendo de tanto sorrir. — Nina não escondeu a sua gratidão e felicidade.

— Podemos combinar de vir mais vezes, já que gostou. O que acha? —
inquiri, observando-a se sentar na cadeira de uma das mesas da praça de
alimentação do *shopping* que ficava próximo do teatro e, ao sairmos de lá, me
disse querer comer algo e sugeri que viéssemos para cá.

— Podemos ver sim — confirmou e a encarei, vendo evitar me olhar.

— Minha mãe ligou mais cedo. Quer que almoçemos na casa dela
amanhã. — Me fitou ao me escutar.

— Tudo bem. Sem problemas — concordou.

Como vi que ela ficou introvertida, de repente, resolvi deixá-la no seu
canto, sem puxar assunto. Pouco tempo depois, o nosso lanche ficou pronto e
o aparelho vibrou sobre a mesa. Avisei que pegaria, e ela permaneceu
sentada.

Passava das vinte e duas horas quando estacionei o carro próximo ao
jardim que ficava na entrada da casa. Nina se apressou em sair do veículo,
mas segurei seu pulso, cessando seu movimento.

— O que foi? — Seus olhos encontraram os meus e tive vontade de

beijá-la ali mesmo, contudo, evitei tomar uma atitude precipitada e a liberei do meu agarre.

— Podemos conversar? — Franziu o cenho sem entender a minha pergunta inesperada.

— Claro! Tem que ser agora? — questionou.

— Sim — respondi.

Ela ajustou o seu corpo em minha direção e manteve seu olhar no meu, aguardando o que eu tinha para falar.

— Nina, sem querer, ouvi o que falava com a Duda antes de irmos ao teatro e...

— Como assim? O que exatamente você ouviu? — indagou, forçando um riso sem graça.

— A parte que falavam que você gosta de mim... de verdade — confessei.

— Ai, meu Deus! Que vergonha! — Ela parecia realmente envergonhada, tanto que saiu apressadamente do automóvel, mas fui ágil ao abandonar seu interior e fiquei em sua frente. — Me deixe passar, Otávio — pediu.

Balancei a cabeça em negativo.

— Não posso. Precisamos conversar sobre isso — pontuei.

— Esquece essa questão, hum? Deveria ter tido mais cuidado para

comentar sobre isso com a Duda. Droga! — Não escondeu sua frustração.

Sorri e segurei em sua cintura, fazendo com que ela desse passos para trás, até suas costas se chocarem contra a lataria do carro.

— Não posso esquecer um assunto tão importante para mim, Nina — dei início.

— Não estou entendendo — exprimi.

— É simples! Também estou balançado por você e, já que nutrimos sentimentos um pelo outro, não custa tentarmos dar certo, hum? — completei, olhando-a profundamente.

Nina me direcionou um olhar sério.

— Olha aqui... Não precisa fingir que sente o mesmo por mim só para não me deixar sem graça ou parecer uma idiota por...

Antes de ela terminar de proferir tantas bobagens, tomei seus lábios nos meus. Nina se debateu, tentando sair do meu enlace em sua cintura, só que não permiti. Em questão de segundos, pude notar o seu corpo amolecendo e aproveitei a deixa para aprofundar o nosso beijo.

A ouvi arfar contra os meus lábios e intensifiquei meu aperto em seu quadril, tomando seus gemidos baixos e excitantes apenas para mim. Enfiei minha língua em sua boca que se encontrou com a dela e ambas duelaram entre si, causando-me uma ereção insuportável. Eu a queria muito, de todas as formas possível, mas sabia que ainda era cedo para sexo.

Conhecendo-a bem, optará em irmos com calma e era o certo a fazermos. Ao cessar o nosso beijo, depositei alguns selinhos em seus lábios e juntei nossas testas, aguardando nossas respirações se tranquilizarem.

— Gosto de você, Nina, e quero tentar. Não pense que estou brincando ou não tenho certeza, porque tudo isso está fora de cogitação — enfatizei.

Nina desencostou nossas testas e olhou-me nos olhos.

— Tem...

Antes de dar seguimento, cobri seus lábios, livrando-os em seguida, e ela riu.

— Entendi. Você tem certeza — afirmou e balancei a cabeça em sinal positivo. Ela riu e vi um brilho diferente tomar conta do seu olhar. — Tudo bem, no entanto... — A interrompi antes de fazer a sua observação.

— O que foi agora? — Nina riu mais um pouco e impensei seu corpo contra o carro, beijando seus lábios rapidamente.

— Teremos que falar ao meu avô e...

— Seu avô é um velho muito esperto. Acha mesmo que ele ainda não percebeu que estamos verdadeiramente a fim um do outro? — interroguei e arqueei minhas sobrancelhas.

— Hum... tem razão. Mesmo assim, devemos ser sinceros com ele, ou ficaremos às escondidas? — quis saber.

— Podemos fazer do jeito que quiser, desde que não exista mais

nenhuma distância entre nós — ressaltei.

— Teremos apenas uma condição. — Mostrou o dedo em riste.

— Qual?

— Nada de sexo até termos certeza que é isso que queremos —
desafiou.

— Que? — perguntei, incrédulo.

— É pegar ou largar. — Sorriu e beijou meus lábios, de modo a me
convencer.

Coei a nuca com uma das mãos e mantive a outra em sua cintura.

— Tudo bem. Eu aceito sua condição, desde que não tenha problema
de ter alguns amassos mais quentes entre nós, hum? — intimei, e ela riu,
causando um frenesi pelo meu corpo. Adorava a risada dela, além de
aumentar o grau da minha excitação por ela.

— Combinado — aceitou.

Não me aguentei e assaltei a sua boca outra vez. Por mais que fosse ser
difícil esperar, faria isso por ela.



CAPÍTULO 15

OTÁVIO ANTUNES

UM MÊS DEPOIS...

Abri meu e-mail e conferi o convite que recebi mais cedo para participar da entrega de um prêmio por produção, qualidade e excelência no atendimento. A cada ano que passava, ficava mais orgulhoso por todo esforço que fiz para colocar essa empresa de pé. Isso me fez lembrar de quando, lá no começo, pensei se isso um dia poderia ser real, e agora é!

Meus pais sempre tiveram boas condições financeiras, no entanto, não quer dizer que foi fácil, mesmo tendo todo apoio possível da parte deles. Sempre os tive como suporte, porém, abrir uma empresa, especialmente no

meu ramo de confecção de uniformes, foi bem trabalhoso no começo. Ser iniciante em qualquer ramo é difícil, mas não impossível.

Com isso em mente, dei início aos trabalhos e, com o passar do tempo, fui adquirindo clientes. A partir disso, a Império Confecções foi sendo indicada e ganhando força necessária para se manter no mercado. Ficava admirado a cada conquista e ainda fico.

Confesso que, ao saber que receberia esse prêmio, me vi totalmente incrédulo. Foram anos de dedicação e ter o reconhecimento disso não tinha preço. Não mesmo.

Desviei meus olhos da tela do notebook quando ouvi algumas batidinhas na porta e Nina colocou a cabeça para dentro.

— Entre — permiti, gesticulando.

Ela entrou, fechando-a atrás de si e me levantei, contornando minha mesa.

— Preciso que assine esses papéis, por favor. São contratos dos novos fornecedores de tecidos — explicou, entregando-me a pasta.

— Deixa aqui. Daqui a pouco assino. — Peguei-a, pousando em cima do tampo de madeira e voltei para ela, alcançando suas mãos nas minhas.

— O que foi? — Me olhou desconfiada e os cantos dos meus lábios se repuxaram em um sorriso.

Há um mês, desde que decidimos tentar, Nina vinha sendo uma

companheira maravilhosa. Seu avô percebeu estarmos mais próximos e deixou claro que concordava com o nosso relacionamento, contando que eu não magoasse sua neta, cometendo alguma besteira a ponto de partir o seu coração. Mais uma vez o tranquilizei, dando a minha palavra que não faria isso, ele me deu mais um voto de confiança, e agradei por isso.

Finalmente seu tratamento foi finalizado e o médico nos garantiu que o câncer já não estava mais presente, afinal, como estava bem no início, as porcentagens de cura eram altas e comemoramos em um almoço com os meus pais pela sua saúde. Senhor Josué chegou a se emocionar, me agradecendo por custear seu tratamento, mas o mérito não era meu, pelo contrário. Nina foi a maior responsável por eu fazer isso, e ela merecia todo o reconhecimento.

A cada dia que se passava, minha esposa não escondia o quanto estava feliz pelo seu avô e me agradeceu com muitos beijos e carícias mais quentes por conta disso. Porém, ainda não tínhamos dormido juntos justamente por prometer que esperaria o seu tempo. Estava cada vez mais difícil ignorar o meu extremo desejo de possuí-la e, com essa oportunidade do evento, seria ideal para termos um tempo a sós e a privacidade que precisávamos.

Era evidente que ela também queria o mesmo que eu. Disso, não havia dúvidas. O engraçado era ver que tudo isso começou como apenas um contrato de casamento e olha só o que nos resultou...

Com o surgimento desse convite, teríamos que viajar para a cidade vizinha, onde receberia o prêmio e aproveitaria para lhe mostrar que a queria de verdade em minha vida. Durante o mês que se passou, curti bastante a sua companhia e cheguei à conclusão de que não me vejo sem ela comigo, ao meu lado e sem contrato algum; sendo realmente a minha esposa, pois já não fazia sentido dar continuidade a isso.

Nina precisava saber que minhas intenções e sentimentos para com ela eram os mais puros e sinceros.

— Recebi um convite no e-mail e... estou feliz. Queria dividir isso com você, minha esposa — pontuei.

Me recostei na beirada da mesa e segurando suas mãos, puxei a esquerda até a minha boca, depositando um beijo singelo em sua aliança. Seus olhos acompanharam meus movimentos e não me passou despercebido o brilho que tomou conta de cada um deles. Nina engoliu em seco e limpou a garganta antes de se pronunciar.

— Está falando sério? Minha esposa? Otávio, por favor! Estamos sozinhos aqui, não precisa ficar encenando — me corrigiu, e sorri, fazendo com que ficasse entre as minhas pernas e enlacei a sua cintura.

— Adoro quando me chama só de Otávio, sabia? — insinuei e não me contive ao levar minha mão até uma das suas bochechas, acariciando-a com meu polegar.

— Não muda de assunto — brigou e esbocei um riso divertido. — Estava falando sobre o convite. Acaso é aquele que te repassei o e-mail mais cedo? — especulou, obviamente querendo fugir da questão que nos envolvia.

— Sim e você, como minha esposa, terá que estar ao meu lado. — Vi que umedeceu seus lábios.

— Sei disso. Até pesquisei alguns hotéis na cidade em questão se tinham ao menos duas camas no quarto, todavia, está difícil de encontrar. — Desviei meus olhos dos dela e sorri. — Falei algo engraçado? — Fitei-a novamente e a encontrei com um semblante sério.

— Não dormiremos em cama separadas, Nina. Por enquanto, podemos seguir com o plano inicial, mas nessa viagem, não — enfatizei.

Alisei seu rosto, olhando-a profundamente, deixando claro que não estava para brincadeiras.

— Co-como não? — teve dificuldade para falar.

Percebi estar nervosa.

— Sei que nos casamos por conta de um acordo e não estava nos meus planos nutrir o que venho sentindo por você, Nina. Temos um desejo ardente um pelo outro, e não adianta tentar negar, porque tem conhecimento disso — intimei, não dando espaço para discordar.

Sua boca abriu e fechou algumas vezes, faltando-lhe palavras e deslizei meu polegar da sua bochecha até os seus lábios, contornando-os

tranquilamente.

— Tem razão, mas combinamos de ir com calma. Você me prometeu — especificou, demonstrando preocupação.

— E estou cumprindo com o combinado há um mês, Nina! Sei que pode estar com medo de ter errado ao aceitar que tudo isso se desenrolasse entre nós, no entanto, não existe erro quando não conseguimos mandar em nossas próprias ações ou emoções. Elas simplesmente somem como areia que esvai entre os nossos dedos, fugindo completamente do nosso controle. Não direi que não estou gostando de tudo o que viemos passando juntos, porque seria uma grande mentira. — Nina sorriu ao ouvir minha sinceridade.

— Tem certeza disso? — duvidou.

Mantendo nossos olhares fixos, pressionei sua cintura contra o meu corpo, acabando com a pouca distância ainda presente entre nós e nossas bocas ficaram a centímetros uma da outra.

— Tenho — confirmei. Observei haver um resquício de medo atravessado em seu olhar. — Do que tem medo, Nina? — curiosidade me abateu e a interoguei.

Ela soltou uma baforada de ar e tornou-se cabisbaixa.

— Quando começamos com isso, sabia que estava gostando de você e, com o correr desse mês, meus sentimentos apenas se intensificaram, tomando uma proporção maior do que o imaginado dentro de mim, Otávio, e... meu

maior medo é de me machucar — revelou, mordendo seu lábio inferior.

Levei meu indicador abaixo do seu queixo e o suspendi, ansiando que seu olhar retornasse-me e, assim, ocorreu.

— Dei a minha palavra que não faria isso e continua de pé. —

Respirou fundo sem desviar sua atenção da minha.

— Promete mesmo? — Fez um biquinho e sorri.

— Sim. Não confia em mim? — Nina sorriu e envolveu seus braços em torno do meu pescoço.

— Por incrível que possa parecer, se eu não confiasse, não teria aceitado me passar por sua falsa noiva, não acha? — supôs.

Alisei o meio das suas costas com a minha outra mão e dei um selinho em seus lábios.

— Que bom — proferi e meu olhar recaiu para a sua boca, ansiando por beijá-los.

Fui chegando mais perto, até ouvi-la me chamando:

— Otávio — sua voz saiu rouca e percebi sua respiração acelerada, não muito diferente da minha.

— Se falar para eu parar, mesmo sendo contra a minha vontade, respeitarei a sua escolha. — Olhei-a com afinco.

— Não quero que... pare. — Passou a língua entre os seus lábios e somente aquele ato foi capaz de me deixar ainda mais aceso.

— Porra! Quero muito te beijar, Nina — expus minha vontade, tendo a respiração entrecortada.

— E está esperando o que? — Sua confirmação em forma de desafio foi um verdadeiro bálsamo para minha audição.

Abri um amplo sorriso e fechei os olhos, pego totalmente desprevenido por ela. Nina grudou os nossos lábios em um selinho tímido e prendeu meu lábio inferior entre os seus, sugando-os na sequência. Rugi, inebriado pelo tesão que se apoderou do meu interior.

Não me contive ao levantar sem desgrudar as nossas bocas e mudar a nossa posição, com a diferença que a coloquei sentada em cima da mesa. Senti seus braços envolverem a minha cintura e tomei seu rosto entre minhas mãos, aprofundando o nosso beijo. Enfiei a minha língua em sua boca e ambos gememos.

Meu pau pulsou firmemente na cueca e não me importei se alguém entrasse ali. Desde o nosso casamento, quando nos beijamos pela primeira vez e algo ganhou vida dentro de mim, não fui inteligente o bastante para perceber que Nina não levou muito tempo para mexer comigo. Até imaginei que todas aquelas emoções sentidas naquele momento fossem pela falta de sexo, já que, após saber que a Letícia me traía, não consegui mais tocá-la e inventava desculpas para mantê-la bem longe.

Voltei ao meu foco principal e nossas línguas duelavam, deixando-me

mais animado. Levei uma das minhas mãos até a sua coxa e alisei a pele exposta. Nina usava uma saia social, que lhe dava um ar de mulher sensual e puxei seu tecido para cima, fazendo com que mais da sua coxa ficasse exposta e apertei sua carne.

Meu coração batia tão depressa que senti o meu sangue correndo pelas minhas veias como se tivessem brasas no lugar. Eu a queria muito, mas tinha ciência que aqui não era a hora e o lugar certos para isso se concretizar. Escorreguei a minha boca da sua, mordiscando a sua bochecha até chegar no lóbulo da sua orelha e chupá-lo.

Nina arquejou, passando suas mãos pelo meu peitoral, o que me atiçou um pouco mais.

— Quero muito poder venerar cada pedacinho desse seu corpo — enfatizei contra o seu ouvido, dando-lhe mais um aperto em sua coxa.

Nina arfou e jogou a cabeça para trás, dando-me total acesso ao seu pescoço. Passei minha barba por toda a sua extensão, alternando entre mordidas e chupadas, adorando o som dos seus arquejos. Não via a hora de poder desfrutar de um momento a dois com ela.

— Também anseio pelo mesmo, Otávio — disse brandamente, e mordi suavemente seu queixo, antes de firmar meus olhos nos seus.

Eles refletiam o desejo nu e cru que sabia existir nos meus.

Sorri, beijando-lhe novamente, e logo o cessamos. Juntei nossas testas

por alguns instantes e permanecemos por alguns segundos de modo a acalmar as nossas respirações. Nina recuou em seguida e me encarou.

— Tentei te manter longe, porém, falhei miseravelmente. — Soltou um riso abafado e segurei seu rosto pequeno e perfeito entre minhas mãos.

— Acredite se quiser, mas esse foi o meu plano inicial — confessei, e ela expressou estar surpresa.

— Sêrio? — inquiriu.

— Sim, contudo, como eu disse anteriormente, tem coisas que fogem completamente do nosso controle e foi o que me fez deixar toda essa besteira de plano de distanciamento entre nós dois de lado. Afinal, desde antes de firmamos realmente o acordo, você, com esse seu jeitinho extrovertido, alegre e positiva de ver tudo na vida, já tinha a minha admiração. Só não fazia ideia de que, ao entrar na minha casa, isso tomaria uma proporção maior, levando-me a querê-la de verdade, não apenas como uma falsa esposa — coloquei para fora, o mais sincero que consegui.

— Será que não estamos nos precipitando? Afinal, até ontem era noivo de outra mulher e se casou comigo apenas por conveniência. Talvez... — começou a falar, e beijei sua boca, evitando que prosseguisse com suas suposições. Não houve resistência da sua parte e agradeci mentalmente por isso.

— Estou apaixonado por você, Nina e é só isso que me interessa agora

— revelei ao afastar nossas bocas.

Ela sorriu e respirou fundo, se pronunciando posteriormente.

— Também estou apaixonada por você, Otávio — declarou, e meu coração galopou no peito.

Sorrimos um para o outro, parecendo dois bobos apaixonados, e nos beijamos outra vez.

A verdade é que não estava sabendo lidar com toda aquela felicidade que tomou conta do meu interior. Nina também estava apaixonada por mim e só de saber disso não tinha nada que pudesse pagar. Nem em um milhão de vidas eu poderia levantar a hipótese que, após ter sido corno pela Letícia, agora estaria abrindo o meu coração, totalmente rendido justamente para a mulher que escolhi firmar um acordo para tudo entre nós ser falso.

Chegava a ser inacreditável.

Concluí que o destino tinha suas gaiatices, sendo bem filho da puta às vezes. Em outras ocasiões, nos surpreendia positivamente, e não tinha como não ser tão grato. Nina já era especial e se tornou muito mais.

Empurrei para longe os meus pensamentos ao afastar nossos lábios e a escutei dizer:

— Acho melhor voltarmos ao trabalho — sugeri.

Nina desceu da mesa e ajustou a sua saia.

— Estou tão duro que não sei se aguentarei esperar até a nossa viagem

para tê-la completamente em meus braços — externei.

Ela sorriu e balançou a cabeça em negativo.

— Claro que vai e prometo que valerá a pena — garantiu, e meu pau pulsou na cueca.

— Merda, Nina! — reclamei, e ela riu, marchando até a porta. Parou antes de abri-la.

— Não se esqueça de assinar os contratos — avisou.

— Não vou — respondi e cocei a nuca.

— Tenha um bom trabalho, chefe — insinuou e saiu rebolando sua bunda gostosa demarcada pela saia.

Aquela visão só serviu para piorar o meu estado de excitação. Bufei, sabendo que teria que aguardar mais dois dias até a nossa viagem. Segui até o banheiro na minha sala de modo a ajustar o meu mastro na cueca e acalmar meus ânimos, visto ter de voltar ao trabalho.



CAPÍTULO 16

NINA

DOIS DIAS DEPOIS...

— É impressão minha ou aquele brilho existente no seu olhar está mais evidente do que antes? — Duda entrou no quarto, observando.

Sorri, colocando as peças na mala e voltei para o guarda-roupa.

— Digamos que não é apenas impressão — mencionei e peguei o vestido mais novo que tinha entre os meus trajes. Bufei. — Deveria ter comprado um vestido para a ocasião, mas não tive tempo — me referi ao evento para o qual viajaria daqui a pouco com o Otávio, que ficava numa cidade vizinha. Levaríamos quase duas horas para chegar lá.

— Se tivesse me falado, teria dado um jeito de passar em uma loja e

comprar pra você — lamentou.

— Agradeço pela preocupação, mas esse aqui servirá. — Mostrei-lhe a peça, e ela assentiu.

— Com certeza, afinal, é muito bonito e, em você, qualquer coisa cai bem. — Sorri diante do seu elogio.

— Não é bem assim, mas obrigada! — Rimos em uníssono e ela sentou-se próximo à mala, me encarando. — Por que está me olhando desse jeito? — inquiri, ajustando tudo na mala.

— Tem algo que não me contou? Percebi, nos últimos dias, que parece que o seu envolvimento com o senhor Otávio está avançando e... não sei. Visto que está com toda essa áurea positiva, tudo me leva a crer que você está me escondendo algo ou negará? — intimou, e terminei minha arrumação, fechando a mala em seguida.

— Ele se declarou para mim, há uns dois dias — sentei-me ao seu lado e disse euforicamente.

— Ai, meu Deus! Não acredito! — exclamou, incrédula.

Sorri alegremente.

— Você sabe que dei a condição de irmos devagar até termos certeza de que era isso que queríamos, daí, no mesmo dia em que falou sobre o convite, se declarou para mim, disse que não tinha mais dúvidas e estava apaixonado — contei.

— Que maravilha, amiga! Fico muito feliz que esse falso casamento tenha juntado dois corações que já não sabiam para qual direção seguir — expressou, e nos abraçamos.

— Obrigada. Você sempre foi uma ótima amiga — externei, e ela afagou minhas costas.

Nos afastamos em seguida.

— Ah, que isso! Nossa amizade sobreviveu do colegial até os tempos de hoje e não foi por acaso. Acredite nisso — mencionou, e sorri, assentindo.

— Concordo plenamente. Aliás, quando arranjará um namorado? — Duda riu alto e balançou a cabeça em negativo.

— Estou esperando o tempo de Deus, amiga, porque o meu... tá difícil! — lamentou, e rimos.

Duda me ajudou a pegar alguns pertences no banheiro para higiene pessoal e colocou em outra bolsa de mão que levaria. Confesso que me sentia muito ansiosa para saber como seria ficar esses dias na companhia do Otávio. Seria apenas nós dois e nossa primeira experiência sozinhos em uma viagem, podendo ter a privacidade que acreditava precisarmos urgentemente.

Por mais que tivesse exigido que não tivéssemos sexo, não queria dizer que eu não me encontrava louca para me entregar inteiramente em seus braços. Sentia-me totalmente segura quanto aos meus sentimentos para com ele. Não existiam mais motivos para nos privar do desejo de nos deliciarmos

com o corpo um do outro.

Sorri feito uma boba e meus pensamentos voaram, pensando no meu avô. Há um pouco mais de quinze dias, terminou o seu tratamento, comemorado com sucesso por conta da sua cura, mas tinha que estar fazendo *check-up* regularmente para ver se a doença não daria as caras novamente, já que corria esse risco, infelizmente. Prometi a mim mesma que nunca mais o deixaria se descuidar. Mesmo se não quisesse, o levaria à força, se fosse preciso para se cuidar.

Otávio decidiu manter a Duda aqui na casa, até para o meu avô ter uma companhia, já que nós dois saíamos bem cedo para a empresa e chegávamos depois das dezoito horas. Agora ela não precisava mais dormir, foi somente enquanto ele realizava o tratamento, no entanto, como ficaríamos os próximos dois dias fora da cidade, minha amiga dormiria por aqui. Minha amiga era um verdadeiro anjo e nunca poderia ser grata o suficiente por todo o carinho e cuidado que tem com o meu avô.

— Tenho uma reserva — Otávio avisou à moça da recepção do hotel

em que hospedaríamos.

Enquanto ele deu todas as informações necessárias, fiquei olhando ao redor, encantada com cada detalhe do local. A viagem tinha sido cansativa, mas havíamos chegado bem e isso era o mais importante.

— Vamos? — Otávio chamou a minha atenção e entrelaçamos nossas mãos, enquanto com a outra, segurava minha mala de mão.

Um funcionário do hotel nos acompanhou até o andar correspondente a nossa suíte e deixou as malas no canto ao entramos no ambiente. Otávio agradeceu e deu-lhe uma gorjeta. Em seguida, ficamos a sós, e ele não escondeu a felicidade de estarmos ali.

— Ainda não acredito que teremos dois dias apenas para nós dois. — Se aproximou de mim e dei um passo atrás, numa falha tentativa de escapar, porém, senti a minha panturrilha bater contra a lateral da cama e tive ciência que isso não seria possível.

Suas mãos enlaçaram a minha cintura e seus olhos fixaram em meus lábios. Automaticamente os umedeci e minha respiração se tornou alta.

— Temos que nos arrumar. O evento não começará às oito da noite? — indaguei, e seus lábios arquearam em um sorriso sedutor.

Ignorando completamente a minha pergunta, Otávio levou uma de suas mãos até o meu rosto e segurou por trás da minha nuca. Todos os pelos existentes em meu corpo se eriçaram e um calor descomunal tomou conta do

meu interior, chegando a se acumular no meio das minhas pernas. Inspirei o ar profundamente, sentindo sua barba espessa passando pela lateral do meu pescoço, onde ele depositou várias mordidinhas, sugando-a no processo.

Naquela altura, minhas pernas ficaram completamente moles e tive medo de cair, entretanto, Otávio, de alguma forma, percebeu o meu vacilar e firmou o seu braço, que se encontrava ao redor da minha cintura.

— Sim, temos que nos arrumar, contudo, quero ter uma prova do seu corpo antes de irmos — finalmente respondeu.

Sua voz saiu rouca pela excitação, e não me segurei quando puxei sua boca para a minha num ato urgente, caindo de costas na cama e o trazendo comigo. Gememos em uníssono e ele mordiscou meu lábio ao cessar nosso beijo ardente.

— Não pode fazer isso ou não conseguirei me controlar, hum? — Sorri em meio a sua repreensão.

— Achei que queria também — rebati, e ele riu de modo safado.

Se colocou de pé e me ofereceu sua mão, ajudando-me a me erguer do colchão.

— Acredite, não tem nada nessa vida que venho desejando tanto quanto poder estar entre as suas pernas e estocar o meu pau bem fundo na sua boceta. — O modo sujo como proferiu tais palavras em meu ouvido me fez encharcar um pouco mais a calcinha. — Só que agora não temos muito tempo

e, por esse motivo, quero aproveitar o pouco que nos resta na banheira — enfatizou e afastou-se minimamente, fitando-me nos olhos.

Levei minhas mãos até a sua camisa e comecei a desfazer os últimos botões.

— Então vamos logo com isso, não é mesmo? — provoquei, fazendo-o sorrir em concordância.

Seus olhos crispavam de tanto tesão, e acreditava que não estavam diferentes dos meus.

— Está tão bela e gostosa nesse vestido. A cor realçou os seus olhos. Simplesmente perfeita! — elogiou.

Chegou por trás de mim e passou sua mão pela minha barriga, espalmando-a, e grudou minhas costas contra o seu peitoral. Arfei com a sua aproximação repentina e sorri em contentamento. Terminei de colocar o brinco em minha orelha e me virei para ele, que me encarava desejoso.

— Obrigada! Amei muito o presente — agradei, e ele alisou o meio das minhas costas por cima do meu traje.

— Não precisa me agradecer. No que depender de mim, te mimarei sempre. Acostume-se, minha esposa. — Fez um carinho no meu queixo.

— Também está um verdadeiro príncipe dentro desse paletó feito sob medida — constatei e ele agradeceu, beijando os meus lábios posteriormente.

Gemi em êxtase.

Instantaneamente, a minha mente vagueou até minutos atrás, quando ele me colocou entre suas pernas dentro da banheira, de costas para si, e começou a me estimular prazerosamente. Otávio concentrou uma de suas mãos em meus seios e a outra, na minha boceta, intensificando sua tortura até me ver gozar fortemente. Seu rugido em meu ouvido ao constatar ter me feito chegar ao ápice me deixou ciente que somente o fato de ter me proporcionado tamanha satisfação, mesmo que momentânea, também o deixou realizado.

Aquele nosso momento foi memorável para mim. Nenhum outro homem que passou pela minha vida, apesar de terem sido poucos, chegaram a me proporcionar o mesmo que o Otávio. Ele se preocupou em, primeiramente, me dar toda assistência, levando-me a me satisfazer, antes do seu próprio prazer.

Obviamente, não perdi tempo em conduzi-lo a se sentar na beirada da mesma e peguei o seu pau grande e robusto entre meus dedos, levando-o até o fundo da minha garganta enquanto mirava os seus olhos, observando meus

movimentos. Ele jogou sua cabeça para trás, soltando um urro gutural enquanto suas mãos permaneceram segurando com firmeza os meus cabelos. Só de pensar, meu clitóris piscou frenético, e logo afastou sua boca da minha, fazendo-me voltar à realidade.

— Melhor irmos logo ou não sairemos mais daqui — disse sugestivamente.

Sorri em resposta e, depois de pegar a minha bolsinha contendo os meus pertences, saímos do quarto.

— Nesta noite, gostaria de agradecer por esse prêmio. Confesso que, há muitos anos, aguardava por um momento como este e ter esse reconhecimento não tem preço. Hoje estou aqui com a minha esposa e gostaria de agradecê-la também. Julgo que já saibam, mas nos casamos há quase três meses, mas, antes disso, Nina já trabalhava comigo e continua como minha secretária — segurando minha mão, ele falava enquanto me encarava com um amor evidente em seu olhar. — Gostaria de aproveitar e te dizer que o destino não poderia ter acertado tanto em nos colocar na vida um

do outro, mesmo inesperadamente. Se me permitir, nada disso acabará. Farei cada segundo ao seu lado valer a pena, tenha consciência disso — concluiu, e meus olhos umedeceram pelas lágrimas que se acumularam, as quais não derramei.

— Obrigada — agradei pelo seu modo carinhoso e amoroso de ser.

Otávio me beijou e, mais do que nunca, fiquei verdadeiramente ansiosa para retornarmos para o hotel.

Acabamos curtindo mais do que o esperado na festa, e não me arrependia. Dançamos na pista de dança, criando uma conexão só nossa e experimentamos algumas bebidas da região, que eram bem fortes. Horas depois, demos a nossa noite como encerrada e caminhamos até o estacionamento.

Assim que chegamos ao carro, Otávio me ajudou com o cinto e me beijou, apertando um dos meus seios por cima do tecido do vestido antes de fechar a porta. Obviamente estava me provocando e fiquei ainda mais eufórica para chegarmos no hotel. Ao tomar seu assento atrás do volante, me lançou um sorriso safado e colocou o carro em movimento.

O local do evento era bem próximo e não demoramos chegar onde estávamos hospedados. No elevador, Otávio assaltou a minha boca após me encurralar contra uma das paredes dentro daquela caixa de metal e comecei a abrir os botões da sua camisa social. Mordisquei seus lábios no instante em

que as portas se abriram e saímos rumo à porta dos nossos aposentos.

Entramos logo que Otávio destravou a porta com o cartão magnético e me colocou de frente para a porta, levando minhas mãos no ar e espalmando-as contra a madeira maciça.

— Tenho outro presente — soprou contra o meu ouvido e livrou minha nuca dos fios do meu cabelo que estava solto, mordendo ali.

Meu corpo se acendeu numa proporção sem igual.

— Outro? — Otávio murmurou um “sim” enquanto uma de suas mãos abriu o zíper do vestido e a peça caiu como cascata ao redor dos meus pés.

— Não se mexa — ditou e, inebriada pela luxúria que nos englobava, apenas meneei a cabeça em positivo.

Ouvi seus passos se afastarem e não demorou retornar. Me virei para ele e me entregou uma caixinha preta de tamanho pequeno. Curiosa, abri e me deparei com um conjunto de *lingerie* também verde.

— É linda! — Admirei, pegando-a em minhas mãos.

— Gostou mesmo? — Contornou minha cintura e sugou meus lábios entre os seus.

— Sim. — Mordi meu lábio inferior, enlaçando seu pescoço com meus braços.

— Vista para mim. Quero tirá-la do seu corpo — ordenou, e sorri, depositando um selinho na sua boca.

— Me espera então — informei, saindo de perto dele e entrei no banheiro.

Meu coração batia tão rápido que tive medo de que tudo aquilo que estava acontecendo não passasse de um belo sonho. Otávio estava sendo mais que perfeito em cada detalhe e não imaginei que fosse ser tão especial para ele como para mim. Só me restava aproveitar cada segundo disso ao seu lado.



CAPÍTULO 17

OTÁVIO ANTUNES

Nina sumiu do meu campo de visão ao entrar no banheiro e fechou a porta. Minha ereção estava bastante dolorosa, a ponto de latejar sem parar na cueca. Soltei uma baforada de ar e arranquei a gravata após afrouxar o nó.

Tirei meu paletó, meus sapatos e terminei de abrir minha blusa, jogando-a em meio ao quarto enquanto me direcionei até a cama. Sentei-me em sua borda e verifiquei na primeira gaveta da mesinha de cabeceira, vendo os preservativos que coloquei dentro mais cedo. Permaneci apenas com a calça social e cueca; algum tempo se passou, só que os meus olhos não abandonaram por nada aquela porta.

Ansioso, me coloquei de pé e fui até próximo à entrada do banheiro.

Passei a mão pelo rosto, demorando em minha barba e, quando menos previ, a ouvi sendo aberta. Nina colocou-se para fora e me vi boquiaberto pela visão que tive dela naquele conjunto de lingerie, afinal, comprei pelo tamanho que Duda tinha me confidenciado, bem como o do vestido e eu não fazia ideia que ficaria tão perfeito

Dei um passo à frente e segurei em uma das suas mãos, contemplando sua beleza estonteante. Fiz ela dar uma voltinha e parar, onde a mantive de costas para mim. Passei um dos meus braços pela sua cintura e espalmei sua barriga, grudando sua bunda contra a minha grossura.

Esfreguei meu volume em seu traseiro, querendo que ela tivesse ciência do poder que exercia sobre o meu corpo, e levei minha outra mão até a altura da sua coxa, onde apertei a lateral e subi entre suas pernas, alcançando o tecido da calcinha.

— Está maravilhosa, e eu juro que não consigo mais me controlar, Nina. Quero te chupar toda e me lambuzar no seu mel — confidencieei, ouvindo-a arquejar.

— Não espero que se controle, Otávio. Quero tanto isso quanto você. Me faça sua esta noite — desejou.

Sua voz saiu entrecortada e manhosa, aumentando o meu grau de excitação.

— Seu pedido é uma ordem, minha esposa. — Nina gemeu e empinou

sua bunda deliciosa contra a minha protuberância, arrancando-me um grunhido animalesco.

Continuamos posicionados em frente à porta do banheiro.

— Segure na parede e afasta as pernas pra mim — ordenei.

Ela não emitiu nenhum som, apenas balançou a cabeça, concordando, e realizou o que pedi. Me abaixei rente a sua bunda, mordiscando um dos lados e constatei seu corpo estremecer. Repeti o mesmo processo no outro e Nina não escondeu o imenso prazer perante as sensações que estava causando ao seu corpo.

Alcancei as laterais da calcinha e deslizei o pequeno pedaço de pano pelas suas coxas e panturrilha, até tê-la em minhas mãos e cheirá-la, me deliciando com seu perfume antes de descartá-la em um canto qualquer do ambiente. Na sequência, a ajudei a se livrar dos saltos que ainda calçava e os lancei para longe. Me levantei e meus dedos trabalharam agilmente em abrir o seu fecho do seu sutiã, deixando-o cair no chão.

— Vire-se — falei em seu ouvido.

Nina voltou-se em minha direção e notei sua respiração alta. Excitado, delineei seus lábios com um dos meus polegares e a beijei suavemente. Logo me afastei minimamente e a inspecionei da cabeça aos pés.

— Tem noção do quanto estou duro por você? Minhas bolas devem estar roxas de tão pesadas por conta do tesão — confidencieei.

Dei um passo à frente, voltando a agarrar sua cintura, e enchi minhas mãos, apertando a sua bunda de ambos os lados.

— Otávio... — Não deixei que terminasse.

Só de ouvi-la chamando pelo meu nome era como se roubasse todo o meu raciocínio lógico e aumentasse num grau incalculável o meu desejo de me enterrar fundo na sua boceta, vislumbrando-me lhe dando o prazer que também necessitava, além de me satisfazer com seus gemidos enlouquecedores.

Enfiei a minha língua no vão da sua boca e a fiz andar comigo até pisar no tapete felpudo que existia aos pés da cama. Parei o nosso beijo para que ela se deitasse e assim o fez. Cobri seu corpo com o meu, tendo o cuidado de não a esmagar com todo o meu peso e voltei a beijá-la.

Desci uma das minhas mãos pelo seu pescoço até encontrar o bico rijo de um dos seus seios e o belisquei suavemente. Seu grito de lubricidade foi abafado pelos meus lábios e repeti o mesmo processo no outro. Pude constatar que meu líquido pré-ejaculatório escorria da cabeça da minha rola, pois senti um ponto específico da cueca molhada.

— Otávio... — proferiu roucamente.

Deslizei minha boca pelo seu queixo, pescoço e segui, parando somente ao sugar um dos seus mamilos. Nina começou a proferir palavras totalmente desconexas, arqueando o seu corpo, e segurou minha nuca,

ordenando que não parasse. Obediente, prossegui com meus movimentos e passei para o outro, efetuando o mesmo. Enquanto minha língua trabalhava em torturá-la, estimulando o bico intumescido do seu seio, escoreguei uma das minhas mãos entre nossos corpos e encontrei seu clitóris.

— Oh! — Ofegou ao sentir o meu toque.

— Gosta disso? — intimei, circundando sua carne inchada antes de descer a ponta dos meus dedos até sua entrada, melando-os com a sua lubrificação.

— Sim — Nina proferiu baixinho, e parei de chupar seu seio, levando minha boca até a sua.

— Tão encharcada... — exprimi. Não via a hora de preenchê-la.

Nos beijamos eufóricos e, ao pararmos, mantive meus dedos a estimulando. Fui beijando seu corpo até posicionar meu rosto entre suas coxas e me obriguei a parar com o que estava fazendo para ampará-las em meus ombros, abocanhando a sua boceta em seguida, sugando seu clitóris com força. O gemido que ela deu daquela vez reverberou pelo meu corpo, me causando reações adversas.

— Delícia — frisei ao largar seu pontinho inchado.

Nina sorriu satisfeita. Definitivamente, o seu gosto havia se impregnado em meu paladar e confesso que era viciante. Fiquei ainda mais alucinado. Voltei a chupá-la com afinco e Nina remexeu seu quadril

avidamente, como se estivesse perto de chegar ao ápice. Eu queria isso e muito mais dela. Bati minha língua contra sua carne e não demorou para senti-la pulsar em minha boca.

Nina gritou ao gozar e meu pau inchou mais do que já se encontrava na cueca. Bebi todo seu líquido e subi até me posicionar em cima dela, olhando-a nos olhos. Identifiquei estarem encobertos de pura luxúria e sorri, sabendo que eu era o responsável por isso.

Depositei um beijo na ponta do seu nariz, e ela segurou meus ombros. Inesperadamente, trocou nossas posições e minhas costas se chocaram contra o tapete macio. Seu olhar recaiu sobre a minha barba e franzi o cenho.

— O que foi? — inquiri, preocupado.

— Ficou... hum... sujo aqui. — Passou a mão pela minha barba e rimos ao detectar que se tratava de um pouco do seu líquido.

— Não tem problema. Seu gosto é maravilhoso, sabia? — Segurei em sua nuca e sua boca encontrou-se com a minha num beijo rápido, pois ela se afastou em questão de segundos.

— É mesmo? — Dedilhou o meu peitoral e me ofereceu um sorriso lascivo.

— Sim — afirmei.

Nina desceu sua mão pelo meu torso e minha respiração tornou-se ofegante, como se tivesse acabado de participar de uma maratona.

— Agora é a minha vez — suas palavras saíram carregadas de promessas e o sangue voltou a ferver em minhas veias, ansioso pelo que faria a seguir. — Quero te proporcionar o mesmo — declarou.

Mordi meu lábio inferior e respirei fundo, tentando acalmar meus batimentos cardíacos. Optei em me manter em silêncio, avistando cada um dos seus movimentos seguintes. Nina olhou em meus olhos enquanto suas mãos seguraram a braguilha da calça, abrindo o botão e descendo o zíper.

Tão logo segurou o elástico da beirada da cueca e começou a empurrar as duas peças contra as minhas pernas. Levantei meu quadril para ajudá-la até me ver completamente nu em sua frente. Seu olhar demorou-se no meu cacete, e peguei uma de suas mãos, fazendo-a segurá-lo. Arfei, sentindo-o vibrar com o seu toque, aumentando gradativamente o meu anseio para ter o seu corpo o quanto antes debaixo do meu. Nina lambeu os lábios e se posicionou no meio das minhas pernas. Com a outra mão, segurou as minhas bolas, fazendo-me soltar o ar sofregamente.

— Assim você vai me matar de tanto tesão — expressei, e ela riu.

— Tem certeza disso? — Devolvi o sorriso na mesma intensidade, e continuou me massageando.

Ter suas mãos em minha era simplesmente alucinante, capaz de me fazer perder completamente o raciocínio.

— Chupa o meu pau gostoso como fez mais cedo, hum? — desafiei, e

ela mordeu o canto interno da boca, rindo sedutoramente.

Silenciosa, abandonou os meus ovos e deu início a um movimento de sobe e desce em meu pau, me masturbando sem nenhuma pressa.

— Amo suas mãos em mim. Deixam-me doido! — explanei.

— Só minhas mãos? — Arqueou uma das suas sobrancelhas em um ar acusatório.

Sorri divertido.

— Considerando que...

— Não ouse! — me interpelou ao perceber o que eualaria.

— Que? Eu só ia dizer que até agora só senti a sua boca e mãos em mim, falta me enterrar fundo na sua boceta, porém, sei que ficarei viciado nela. Na verdade, já fui fisgado pela dona, portanto, isso é o de menos. — Fingi indiferença, e largou o meu mastro, aborrecida. — Estou brincando, minha esposa. Não para, por favor — praticamente supliquei.

Nina voltou a sorrir e começou a me punir com sua boca quente e convidativa, passando a língua apenas na cabeça, descendo para a glande, me atiçando. Fechei minhas pálpebras e joguei a cabeça para trás, absorvendo todas aquelas sensações de puro deleite. Soltei um grunhido ao sentir meu comprimento sendo levado até bater contra a parede da sua garganta e impulsionei meu quadril, querendo intensificar seu ato.

— Porra! Que gostosa! — praguejei, excitado.

A vi sorrir, e não parou. Nina segurou na base do meu pau, incitandome, enquanto com a outra acariciava minhas bolas, e seu gesto foi intensificando o meu prazer numa quantidade absurda. O fogo, que já estava presente em meu interior, foi aumentando cada vez mais, até me ver mordendo o meu lábio inferior de modo a aplacar o urro que previ que deixaria a minha garganta em breve, visto que logo gozaria. Ela tirou a minha rola da sua boca, enfiando-o novamente, e aquele foi o golpe certo.

Meu corpo estremeceu por conta do alto teor de prazer e cobri a minha boca com uma das mãos, gozando fortemente no interior da sua. Com minha respiração bastante alterada, levei minha mão até os olhos e respirei fundo, tentando me recuperar daquela avalanche de emoções. Havia sido sem igual. Talvez por conta do tempo que já vinha sem sexo, isso pode ter contribuído para esse momento ser ainda mais vigoroso e prazeroso, além de superespecial.

Meus pensamentos foram cessados ao ter o corpo dela sobre o meu e livre meus olhos, encarando os seus, que pareciam extremamente felizes e encobertos de tesão.

— Você quase me matou agora — anunciei, e ela riu.

— Foi excitante te ouvir gozando, Otávio — confidenciou, e acariciei um lado da sua bochecha.

— É? — Ela riu e assentiu. — Que bom, porque ainda vai me ouvir

gozando, entretanto, agora será nessa sua boceta, que estou doido para me afundar dentro. — Nina não escondeu seu contentamento e beijou meus lábios.

Me pus de pé e nos direcionamos até a cama. Ela se deitou no meio do colchão, enquanto peguei uma camisinha e rasguei sua embalagem, encapando o meu mastro, pois, naquela altura, já estava duro feito rocha outra vez. Assim que finalizei, subi, engatinhando até ela e beijei seus lábios demoradamente.

— Espero que esta noite esteja sendo especial para você tanto quanto está sendo para mim — expus ao terminar de nos beijar.

Ela segurou meu rosto entre suas mãos e esboçou um riso singelo.

— Está sendo muito mais que especial, Otávio, confesso que não imaginei que fosse ser assim. — Seu relato me deixou feliz.

— Que bom. Quero que saia daqui tendo a certeza de que te quero para sempre na minha vida, não apenas por seis meses, como tínhamos acordado antes — esclareci e a observei franzir o cenho.

— Está querendo dizer que...

— Sim, Nina. Eu te amo e não quero que nunca mais saia da minha vida — fui sincero.

— Eu também te amo, Otávio. Muito. — Meu coração acelerou no peito diante da sua declaração e a beijei novamente.

gravar deixaria registrado todo esse nosso momento na memória para
jamais me esquecer.



CAPÍTULO 18

NINA

Em toda a minha vida, jamais imaginei que viveria algo parecido com o que estava vivenciando com o Otávio. De certo modo, as coisas entre nós aconteceram mais rápido do que o normal, porém não existiam dúvidas da minha parte que verdadeiramente o amava. Por outro lado, ainda me preocupava com o que se passava em sua mente e coração, mas, ao ouvi-lo dizendo que me amava, todas as minhas incertezas que insistiam em não deixar a minha cabeça simplesmente se perderam.

Ouvir a sua declaração me deixou com o coração quentinho dentro do peito e seu beijo somente reafirmou todas as minhas certezas referentes a nós dois. Não demorou até ele se afastar e posicionar seu pau em minha entrada.

Otávio o segurou com destreza e esfregou toda a sua dureza contra o meu clitóris, me proporcionando sensações que há muito tempo não havia mais experimentado.

— Sente o quanto me deixa duro e louco de tesão? — sussurrou em meu ouvido, e fechei meus olhos.

Otávio passou a barba pela lateral de uma das minhas bochechas enquanto continuou com a sua tortura em minha carne inchada, e mordeu meu lábio inferior. Com as pernas dobradas, firmei meus pés na cama e impulsionei meu quadril, forçando a minha boceta contra seu pau, ansiando por intensificar o nosso contato íntimo. Ele aumentou suas investidas e um fogo começou a se tornar maior em meu interior.

— Não para... eu... — Tive dificuldades de expor que mais uma onda de prazer vinha chegando e nem precisou que concluísse, já que ele decifrou.

— Quer gozar? — Mordiscou minha bochecha e procurou pelos meus olhos, que os abri naquele instante.

Engoli a saliva em seco e meneei a cabeça em positivo.

— Então goza, vai! Quero essa boceta meladinha para quando me enterrar fundo nela. Goza, vai! — proferiu contra os meus lábios, aumentando a minha libido num grau incalculável.

Uma nova onda de extremo tesão tomou conta do meu corpo como se fosse um verdadeiro tsunami e segui o que disse. Cravei meus dentes em um

dos seus ombros e, ao fechar os olhos, apenas deixei que o gozo saísse fortemente. Minhas pernas tremiam e as ajustei sobre o colchão na sequência, puxando o ar fortemente para os meus pulmões.

— Que delícia! — Otávio fristou e sorri, olhando em seus olhos.

— Eu quero seu pau dentro de mim, não aguento mais esperar — pedi, e ele sorriu, enfiando a cabeça e empurrando lentamente até ter todo o seu comprimento encaixado na minha boceta.

Arfei ao senti-lo bater lá no fundo.

— Está tudo bem? — preocupou-se, me encarando.

— Sim — o tranquilizei.

— Deixe-me saber se, de algum modo, te machucar, tudo bem? — solicitou.

— Tudo bem — afirmei. — Quero mais, Otávio — soprei contra o seu ouvido, e ele riu descaradamente.

— Sabe que não nego um pedido seu, principalmente se for semelhante a esse. — Mordi meu lábio inferior, fazendo uma cara de safada, e ele me beijou urgentemente.

Seus quadris foram se agitando mais rápido e me penetrava cada vez mais fundo, deixando-me zonga de desejo. Naquele instante, percebi o quanto ele era carinhoso, amoroso e se preocupava comigo, e não entendi como a Letícia pode ter trocado tudo isso por uma aventura qualquer. Sem encontrar

uma resposta para os meus questionamentos internos, voltei ao meu foco principal, escutando-o falar:

— Não vou aguentar por muito tempo. — Sua voz saiu entrecortada.

— Então goza. Não se prenda — aticei.

Assim o fez.

Otávio acelerou as suas arremetidas, estocando cada vez mais fundo dentro de mim e, pouco tempo depois, urrou alto, denunciando que havia ejaculado. Seu corpo cheio de músculos continuou sobre mim até nossas respirações se acalmarem e ele saiu de dentro de mim, porém, ao conferir a camisinha, acabou se assustando.

— Merda! — exclamou, chateado.

— O que... — Parei de falar quando ele me mostrou o rasgo na camisinha.

Tinha furado. Era raro de acontecer, mas ocorria.

— Desculpe. Talvez eu não tenha colocado direito e...

Me sentei na cama e segurei seu rosto em minhas mãos, interrompendo-o, pois vi que ficou extremamente preocupado.

— Não precisa se preocupar com isso. Não tomo nenhum contraceptivo há muito tempo, até por não estar me envolvendo com ninguém há meses, mas é só eu tomar uma pílula do dia seguinte que ficará tudo bem. Assim, prevenimos uma gravidez indesejada — sugeri, dando-lhe uma

solução.

— Tem certeza? Eu pensei que ficaria brava comigo. — Rimos.

— Não mesmo, a não ser que tenha feito algo de propósito para que isso acontecesse. — Arqueei uma sobrancelha em tom de acusação.

Otávio arregalou os olhos, aflito.

— Eu jamais faria algo assim, Nina. Por favor, acredite em mim — suplicou, e caí na gargalhada, vendo seu desespero evidente se dissipar aos poucos.

— Estou brincando, seu bobo! Sei que não faria isso. Confio em você, se esqueceu? — lembrei.

— Sua pestinha! — salientou fazendo-me cosquinhas, e voltei a me deitar, tentando me desvencilhar das suas investidas.

Logo cessou seu ato e, após ir até o banheiro, onde descartou o preservativo, retornou para a cama e me beijou novamente, reivindicando os meus lábios ferozmente. Daquela vez, decidimos fazer sexo sem camisinha. Ele me garantiu que estava “limpo” e não duvidei.

Foi tudo tão prazeroso e satisfatório que mal podia colocar em palavras.

Depois de tomarmos um banho juntinhos, onde aproveitamos a banheira e nos mantemos dentro dela por conta da água morna, enquanto curtíamos um pouco mais a companhia um do outro, finalmente abandonamos o banheiro, nos enrolando cada um em um roupão e seguimos para o quarto. Vasculhei na minha mala à procura de uma camisola e, ao encontrá-la, me vesti. Virei-me vendo o Otávio terminar de cobrir o seu pau ao terminar de colocar apenas uma calça de moletom que trouxe e nos deitamos em seguida.

Conferi no meu celular que já passava das uma da manhã ao nos deitarmos e deixei o aparelho em cima da mesinha de cabeceira. Deitei minha cabeça no peitoral do Otávio e ele fez carinho em meus cabelos, inspirando seu cheiro recém-lavado. Enquanto permanecia com o meu ouvido contra o seu torso, constatee as batidas vigorosas do seu coração e sorri, passeando a ponta do meu polegar pelo seu abdômen definido.

— O que está pensando? — questionei, observando que se tornou silencioso.

— Em como as coisas de repente e de certo modo nos surpreendem absurdamente. — Soltei um riso abafado e coloquei ambas as mãos sobre seu peitoral, descansando o meu queixo e mirei seus olhos.

— Concordo plenamente. Eu ainda acredito que estou apenas vivendo um sonho de contos de fada e amanhã, quando acordar, nada disso existirá — relatei, e ele riu.

— Que irônico, não? Você aceitou o acordo para ajudar ao seu avô e a mim também, só que as coisas mudaram completamente de rumo e aqui estamos. — Comprimi meus lábios, balançando a cabeça em positivo.

— Verdade. Muito irônico — compartilhei da mesma opinião.

Alegre, voltei a me deitar sobre ele e, dentro de pouco tempo, acabei pegando no sono.

TRÊS MESES DEPOIS...

Há três meses, desde que eu e Otávio retornamos da viagem que ele recebeu o prêmio por conta da empresa, passamos a compartilhar o mesmo quarto. Dormir e acordar ao seu lado era maravilhoso e nossa vida de “casados” só vinha melhorando. Otávio era um homem magnífico e me tratava superbem, portanto, não poderia pedir alguém melhor para estar comigo.

Depois da nossa volta, garantimos ao meu avô que nos amávamos e

que daríamos continuidade a nossa relação. Obviamente, tanto ele quanto a minha amiga, Duda, ficaram contentes por nós dois. No entanto, ainda existia algo que estava me intrigando muito.

De frente para o espelho no *closet* do nosso quarto, levantei o vestido rodado que usava e olhei a minha barriga um pouco saliente. Abobalhada, com todas as mudanças que começavam a dar sinal no meu corpo, massageei o meu ventre e permaneci dessa forma por longos minutos.

Pelas minhas contas e através do cartão de pré-natal, meu bebê foi gerado na primeira noite que eu e Otávio tivemos na outra cidade. A camisinha estourou, porém, tomei certinho a pílula do dia seguinte, até para evitar que gerasse uma criança sem nenhum planejamento entre nós dois, tanto que, durante os meses que se sucederam até hoje, desde que decidimos viver como um casal apaixonado, ainda não tínhamos nos sentado para tratarmos desse assunto. Infelizmente ou felizmente, nada saiu como o previsto.

Portanto, há dois meses, descobri estar gerando um serzinho que seria muito amado por mim, pois prometi a mim mesma que jamais abandonaria meu bebê como meus pais fizeram comigo, principalmente a minha mãe, que me deixou por conta de um homem qualquer, não levando em consideração o amor que nutria pela filha. Na verdade, se me largou para trás, era óbvio que não me amava.

No geral, estava com quase três meses de gravidez e ninguém sabia da minha condição especial, somente eu e minha própria consciência. Na hora em que descobri, primeiro fiquei em choque e depois me vi indecisa sobre contar a outra pessoa. Nem mesmo o Otávio tinha conhecimento.

Sabia muito bem que, quando meu avô e minha amiga soubessem, comeriam o meu fígado, no entanto, essa decisão só cabia a mim e a mais ninguém. Não me sentia preparada o suficiente e, agora, mais calma e aceitando que logo teria um pacotinho em meus braços para chamar de meu, não tinha como seguir omitindo isso deles. Nem mesmo do Otávio.

Não contei, porque, após a noite do evento, ele não tocou mais no assunto referente ao contrato de casamento, se teria rasgado, queimado ou anulado de vez e, por conta disso, não soube bem o que pensar sobre qual seria sua reação ao ficar ciente que seria pai. Perante a isso, deduzi que continuaria e resolvi aguardar até a data do término do contrato e, dependendo do que me falaria, finalmente iria lhe informar que estava esperando um filho seu e eu sairia dessa casa com o propósito de prosseguir com a minha vida sem olhar para trás. Certa disso, abaixei a barra do vestido e respirei fundo.

Inusitadamente, hoje completavam os seis meses do nosso contrato, onde daríamos um fim ao falso casamento ou ao nosso relacionamento de uma vez por todas. Sorte a minha que Otávio nunca desconfiou da gravidez,

até por eu ser magra e a barriga não fazer muito volume, mesmo estando no primeiro trimestre. Além disso, não senti enjoos como esperei que fosse, o que certamente me preocupou muito, por medo de o Otávio desconfiar por conta disso, contudo, foi totalmente o contrário, somente algumas azias e leves dores de cabeça, que a doutora me informou ser normal nesse período inicial da gestação.

Fui tirada dos meus devaneios quando Otávio chamou pelo meu nome, adentrando o ambiente:

— Nina? — Apontou na porta e entrou, enlaçando a minha cintura por trás.

— Oi! — Sorri, saudando-o.

— Oi, meu amor. Vim chamá-la para o jantar. O que está fazendo aqui? — quis saber.

— Só pensando — fui sincera, mas omiti sobre o que matutava.

Otávio ficou sério de repente e me colocou de frente para si, beijando meus lábios suavemente, afastando-se em seguida.

— Precisamos falar sobre o contrato — anunciou e comprimi meus lábios, evitando demonstrar alguma emoção.

— Sim, temos — concordei.

— Pensei em falarmos após o jantar e...

O interrompi.

— Pode ser agora? Não quero esperar para depois. — Sorri nervosamente.

— Tem certeza? Talvez esteja com...

— Otávio, não vamos enrolar, hum? Nunca mais tocou no assunto e confesso que não estou me aguentando mais de curiosidade. — Ele franziu o cenho, como se não estivesse me entendendo.

— Do que está falando, Nina? — Inspirei o ar profundamente e ele deu sequência: — Bem, vamos nos sentar na nossa cama e conversaremos melhor, tudo bem? — sugeriu, e assenti.

Entrelaçamos nossos dedos e saímos do *closet*.

Extremamente nervosa, era assim que me sentia no momento.



CAPÍTULO 19

OTÁVIO ANTUNES

Três meses se passaram desde que eu e Nina começamos a viver como um casal de verdade. Confesso que nada podia pagar os momentos que venho passando ao lado dessa mulher. Ela era incrível em todos os aspectos.

Após retornarmos da viagem, dormimos e acordamos diariamente juntos. Não cheguei a tocar mais no assunto do contrato, pois queria que ela esquecesse isso, no entanto, também não o anulei. Meu intuito era aguardar a data do término para o deixarmos para trás por definitivo, apesar de não valer mais para mim, muito menos para Nina, dado que salientei que a queria para sempre na minha vida.

Entretanto, vinha percebendo que ela estava diferente nos últimos

meses. Nina andava desconfiada e se assustava com muita facilidade, e não sei exatamente se devia ter me preocupado com isso. Além disso, percebi há algumas semanas que seu corpo deu uma mudada, principalmente sua barriga, que se encontrava um pouco acentuada, bem como seus seios, que pareciam mais cheios.

Cheguei a comentar com ela, mas obviamente desconversou, dizendo que engordou alguns quilos e eu era o culpado, já que Sebastiana elaborava comidas deliciosas. Sua fala me convenceu, e não toquei mais no assunto. Confiava em sua palavra e sei que, se estivesse acontecendo qualquer outra coisa, ela me contaria.

Voltei ao meu foco principal quando Nina sentou-se à beirada da cama e me juntei a ela, me acomodando ao seu lado e ajustei o meu corpo levemente para ficarmos de frente. Fixei meus olhos nos seus e percebi certa angústia existente em cada um deles. Certamente aquilo me preocupou e tomei a frente:

— Fale de uma vez, Otávio. Como ficará a questão do nosso contrato, já que hoje se encerra? — Segurei suas mãos nas minhas e o canto dos meus lábios se arquearam em um sorriso contente, beijando o dorso de cada uma delas.

— Por que está preocupada com isso, Nina? Pensei que tivesse deixado bem claro há meses que a queria para sempre na minha vida — salientei e

levei uma das minhas mãos até o seu rosto, afagando um lado da sua bochecha com meu polegar.

Ela soltou um longo suspiro e tornou-se cabisbaixa.

— Você realmente falou, mas, como não mencionou mais nada durante esses meses que se passaram, imaginei que... — Pausou, inspirando o ar profundamente.

Entendendo o que quis dizer, me levantei e fui até o *closet*, peguei o envelope que continha o contrato e enfiei no bolso do short o saquinho de veludo que tinha dentro um anel com uma pedra solitária. Retornei para o quarto e a encarei, encontrando-a com uma expressão curiosa.

— Nina, quero deixar bem claro que esse contrato se tornou inválido na minha percepção no instante em que me vi completamente apaixonado por você. — Ela me olhou com ternura. — Portanto... — retirei os mesmos do envelope pardo e os rasguei ao meio, vendo seus olhos tomarem uma proporção maior do que já tinham —, não fiz isso antes, porque quis exatamente que chegasse a sua data final e o aniquilasse de vez para podermos começar do zero. Se tivesse sido antes, lembraríamos que, “caso ainda existisse” estaria completando tantos meses e agora não temos motivos para isso — expliquei, e convencida, ela sorriu, me puxando para um abraço, emocionada.

— Me desculpa, eu pensei besteira. — Fungou baixinho e apertei sua

cintura, afastando-me em seguida.

Seus olhos se encontravam umedecidos.

— Ei! Não quero vê-la chorando, hum? — Ela sorriu e abaixou seu olhar.

— São os hormônios. — Passou as mãos abaixo dos olhos de modo a limpar qualquer resquício de lágrima.

Minha testa enrugou-se no mesmo instante.

— Hormônios? Do que está falando, Nina? — Analisei sua face, e seu olhar voltou a se chocar com o meu.

— Sabe... por um instante, pensei que daria o contrato de casamento como encerrado e cada um seguiria com a sua vida, pois poderia muito bem jogar na minha cara que o meu avô se encontrava curado e você ter percebido que não era isso que almejava para a sua vida. Afinal, planejou casar-se com outra, fui apenas uma opção naquele momento para poder colocar o seu plano de vingança em prática. — Deu de ombros.

— Não quero que volte a repetir isso, Nina, muito menos pensar em tamanha baboseira. — Aproximei-me trazendo seu rosto para mim e beijei suavemente seus lábios.

— Eu te amo e acreditei que tivesse sido claro quanto a isso — exprimi.

— Sei disso e... peço desculpas pela minha confusão — pediu, e sorri,

beijando-lhe rapidamente.

— Não precisa pedir desculpas. Entendo que tenha se precipitado por pensar isso. Eu deveria ter enfatizado mais o quanto te amo e não quero nunca mais me desgrudar de você. Tanto que... — Parei de falar e me ajoelhei em sua frente.

Seus olhos brilharam pelas lágrimas que voltaram a se acumular dentro deles. Peguei o saquinho de veludo no short com certa dificuldade e, ao retirá-lo dali de dentro, estendi o pequeno objeto frente aos seus olhos.

— Ah, meu Deus! Otávio! — exclamou, cobrindo sua boca com ambas as mãos e lágrimas deixaram seus olhos ao piscar admirada.

— Nina... quando demos início àquele contrato, acredito eu que nenhum de nós dois imaginou que fosse resultar em outra coisa, a não ser, somente o que almejávamos ao assiná-lo, onde ajudaríamos um ao outro; eu ao seu avô, podendo cuidar da sua saúde, e você, ajudando-me a me vingar da minha ex-noiva traíra. — Ela esboçou um sorriso divertido ao me escutar falando sobre a Letícia. — Confesso que antes de pensar que seria a mulher ideal para esse papel, tínhamos uma amizade que se limitava ao ambiente do trabalho, mesmo que dividíssemos assuntos aleatórios das nossas vidas de vez em quando. Sempre te vi como uma jovem batalhadora, inteligente e linda, mas nunca com alguém que pudesse me relacionar um dia. E olha o que o destino fez? Nos enfiou na vida um do outro com o pensamento de “É

só um contrato. Seis meses passam voando”, entretanto, cá estamos, totalmente rendidos um pelo outro, ao menos, o meu coração já te pertence irremediavelmente. — Nina chorou um pouco mais. — Me lembro de quando me confidenciou que não queria se casar no religioso, porque não desejava estragar a única oportunidade de entrar na igreja para realizá-lo com o seu amor verdadeiro, portanto, case-se comigo, Nina? Deixe-me te mostrar que sou esse amor que tanto aguardou chegar. Prometo te amar hoje, amanhã e sempre — concluí.

Seu choro se intensificou e ela se ajoelhou junto a mim, abraçando-me fortemente. Permanecemos assim por algum tempo, até nos desvencilharmos, e limpei seu rosto com minhas mãos.

— Eu te amo tanto — declarou, fazendo o meu coração superaquecer no peito.

— Então? — insisti por uma resposta.

Nina riu.

— Claro que aceito, seu bobo! — externou, rindo em meio as suas lágrimas.

Encaixei o anel em seu dedo anelar direito e ela fungou. Segurei seu rosto entre minhas mãos e nos beijamos apaixonadamente. Tão logo Nina o cessou, limpando seu nariz na sequência e me encarou.

— Tenho algo para te contar e... — soltou uma baforada de ar —

espero que não se chateie comigo. — Desviou sua atenção na minha e suspendi seu queixo.

— Está me deixando preocupado, meu amor — sibilei, fixando meus olhos nos seus.

Ela inspirou fundo.

— Como eu tinha dúvidas sobre o contrato, eu... — umedeceu seus lábios e meu coração se comprimiu no peito, pensando em tudo de ruim que pudesse existir, mesmo assim, aguardei que se abrisse comigo — estou grávida, Otávio. — Fiquei completamente boquiaberto com a sua confissão.

— Gra-grávida? — cheguei a gaguejar de tão surpreso, dado que não esperava por aquela notícia.

— Sim. — Juntou seus lábios em um sorriso ameno.

— Eu... confesso que fui pego desprevenido, porque não imaginava que... — ponderei ao vir em minha mente o que ela disse anteriormente. — Falou que não era para eu me chatear por conta disso? — interroguei.

Nina se levantou e sentou-se novamente na borda da cama, puxando-me contigo. Acomodei-me ao seu lado.

— Não exatamente — respondeu, cautelosa.

— Então me explique — ditei.

— Estou gestante há três meses — foi sincera, e me coloquei de pé, chocado com o que acabei de ouvir.

— Que? E escondeu isso de mim esse tempo todo? — Me mantive de costas para ela e passei as mãos furiosamente pelos fios do meu cabelo.

Fechei meus olhos ao sentir suas mãos pequenas espalmando a minha barriga, trazendo-me certa calma.

— Errei em tê-lo privado dessa informação, admito. Espero que me perdoe. Só fiquei com medo que desse fim ao nosso relacionamento e me esqueci de atentar-me ao primordial de tudo: que me amava e jamais faria isso — expressou com certo pesar.

Mais tranquilo, me virei em sua direção e olhei em seus olhos por mais tempo do que o normal. Durante a nossa conexão, acariciei o seu rosto, observando-a fechar suas pálpebras, como se absorvesse o meu ato carinhoso. Me inclinei e beijei-lhe com paixão e devoção, aproveitando cada sensação maravilhosa que despertava ao meu corpo.

Quando finalmente liberei a sua boca, me ajoelhei em sua frente e ergui seu vestido. Nina demonstrou emoção e segurou o tecido de modo a me ajudar. Passei minha mão por toda a sua extensão, constatando sua leve saliência, e lágrimas deixaram os meus olhos involuntariamente.

— Ainda não acredito que tem um serzinho aqui dentro. — Fechei os meus olhos e encostei meu ouvido contra sua barriga, como se pudesse ouvir o nosso bebê.

Ouvi a risada abafada de Nina e olhei para cima, encontrando seu olhar

em mim.

— Parabéns, papai — proferiu com a voz embargada.

Alegre, comecei a distribuir beijos pela sua barriga e me levantei, pegando-a no colo. Nina soltou um gritinho estridente e a coloquei deitada na nossa cama.

— Óbvio que te perdoo, meu amor. Obrigado por isso. Só posso dizer que essa criança será muito amada por nós dois, muito mais do que possa imaginar. — Tirei alguns fios do seu cabelo do rosto e nos fitamos profundamente.

Pude enxergar o amor absurdo que nutria por mim.

— Será um pai maravilhoso, tenho certeza disso — afirmou e alisou a minha barba. — Eu te amo. Muito — soprou.

Abaixei a minha boca assaltando a sua com urgência, querendo expressar através do beijo não somente o amor imenso que nutria por ela, mas também a felicidade exacerbante por saber que gerava um filho nosso.

Um fruto do nosso amor.



CAPÍTULO 20

NINA

TRÊS MESES DEPOIS...

— O que acha, meu amor? — Otávio me questionou e abandonei a caixa que continha as bolas para enfeitar a árvore de Natal para encará-lo.

— Hum... — murmurei.

— Já vi que não ficou legal — bufou.

Ele desceu da pequena escada e veio em minha direção.

— Ah, amor, até que você tentou — amenizei o fato de ele não ter colocado direito os enfeites na grande árvore natalina que estávamos

montando no meio da nossa sala em casa.

Tínhamos decidido que o Natal seria em nossa residência e os seus pais, seu amigo Ítalo, Duda, e meu avô, estavam reunidos conosco, nos ajudando.

— Não precisa mentir, pinoquinho — tirou sarro de mim e apertou a ponta do meu nariz, arrancando-me uma gargalhada alta.

— Saia daí, meu rapaz. Jogaremos um bom baralho e deixe que as mulheres cuidem dessa ornamentação. Nós, homens, não levamos jeito para isso — meu avô o chamou e sorrimos.

Otávio me olhou em dúvida.

— Vá logo! Continuamos aqui — avisei, e ele passou uma mão por trás das minhas costas enquanto pousou a outra na minha barriga, que já estava grande, alisando-a.

Completei seis meses de gestação no dia anterior.

— Tem certeza? Posso prosseguir com a organização. Não ficará muito cansada por permanecer bastante tempo em pé? — Comprimi meus lábios em agradecimento pela sua preocupação e, antes de respondê-lo, sua mãe tomou à frente.

— Nina não está sozinha, querido, portanto, vaza logo daqui! — dona Vilma o intimou e, após me dar um selinho rápido, partiu em companhia do meu avô, seu pai e Ítalo, indo em direção à sala de jogos.

— Homens, tão bobos, não acha? — Sorri do seu comentário.

— Ahh, ele só está sendo fofo, dona Vilma! — Duda se manifestou, e subiu na pequena escada próximo à árvore, tomando o posto que era do Otávio.

— Eu sei disso. O pai dele era igualzinho. Não sei como a Nina não enjoou da cara do Otávio, porque isso aconteceu comigo. Não suportava olhar na cara do Gustavo. — Fez cara de tédio e caímos na gargalhada.

Dona Vilma era uma verdadeira figura.

Sentada no sofá, por recomendação da minha sogra, Otávio logo se acomodou ao meu lado e observamos os demais tentando entrar em um consenso sobre os últimos detalhes da organização da nossa sala, que estava muito linda. O Natal era realmente uma data muito mágica.

Reunir-se com a nossa família não tinha preço.

Poder curtir a companhia de todos eles de uma vez só, era muito especial.

— Acredita que o câncer pode voltar? — indaguei ao meu marido,

pensativa.

Ele passou um braço por trás da minha nuca e a outra mão manteve afagando a minha barriga.

— Na última consulta, os exames não acusaram mais nada, então, confio no que o doutor disse. Seu avô anda esbanjando saúde, meu amor, não tem que ficar se preocupando, hum? — opinou, tentando me fazer parar de pensar naquela questão.

— Tem razão. Julgo que ando pensando besteiras demais ultimamente. — Soltei um longo suspiro e joguei minha cabeça para trás, encarando seus olhos azuis tão intensos, que eu amava muito.

— Não quer subir para tomarmos um banho? — Sorriu sugestivamente e entendi o que quis dizer.

Sorri divertida e, naquele instante, Ayla deu um chute e ficamos abobalhados. Meu coração transbordava de tanto amor pela nossa filha. Como um belo cavalheiro, Otávio permitiu que eu escolhesse o nome, no entanto, deixou avisado que, o próximo, ele decidiria, o que demoraria muito, no que dependesse de mim, claro!

— Não vejo a hora de conhecer o rostinho dela. Fico imaginando às vezes — Otávio exprimiu e continuou acariciando o meu ventre.

— Eu também — confessei.

— E o banho? — insisti, fazendo-me rir pelo seu jeito persistente de

ser.

— Eu aceito. Estou mesmo precisando relaxar antes de descermos para a ceia de Natal — informei.

— Que maravilha! Então vamos logo — vibrou.

Sorri e balancei a cabeça em negativo.

Ele se ergueu do sofá e me estendeu suas mãos, ajudando-me a colocar de pé em seguida.

Terminei de colocar o vestido vermelho para comemorarmos a noite de Natal e, enquanto ajustava os fios do meu cabelo com a ajuda de uma escova, Otávio se aproximou, espalmando suas mãos grandes e másculas em meu ventre, fazendo grudar minhas costas contra o seu peitoral firme.

— Está tão maravilhosa nesse vestido. — Olhou-me da cabeça aos pés.

Sorri, vendo que me inspecionava através do seu reflexo no espelho à minha frente.

— Não começa, amor — o repreendi, e ele riu, passando a ponta do seu

nariz contra a lateral do meu pescoço.

Fechei os meus olhos, começando a sentir meu interior sendo tomado por uma quentura e não demorou a se alojar entre as minhas pernas.

— Otávio! — chamei a sua atenção, e ele se afastou de mim.

Suspirou, ajustando sua ereção por dentro da calça, e passou a mão pela barba na sequência.

— Vou descendo. Se continuar aqui, com certeza não me contentarei até me enterrar fundo nessa sua boceta gostosa novamente — cochichou em meu ouvido, de modo a me provocar.

Confesso que o seu modo sujo de falar me excitava ao extremo e meu clitóris piscou frenético.

— Vá logo — ordenei, divertida.

Otávio sorriu e ouvi a porta bater em seguida. Pouco tempo depois, estávamos reunidos na grande mesa e, à meia-noite, fizemos a nossa ceia após realizarmos uma oração, desejando que nossa união em família nunca se quebrasse e que o Espírito Natalino pudesse estar sempre presente em nossos corações. Enquanto comíamos, olhei para todos naquela mesa e agradei aos céus pela vida de cada um deles. Naquele instante, meu coração superaqueceu no peito e respirei fundo, sentindo-me verdadeiramente feliz em casa.

OTÁVIO

TRÊS MESES DEPOIS...

Estava no quarto de hospital, acompanhando a Nina, que deu à luz a nossa pequena. Ela a segurava em seus braços enquanto Ayla sugava uma das suas mamas. Funguei, ainda emocionado pelo amor imenso que me preenchia por dentro desde o instante em que Nina fez força na sala de parto, fazendo com que nossa filha finalmente viesse ao mundo.

Alguns tempos se passaram e a peguei meio sem jeito em meus braços, dando a volta na cama, e a comentei no mini berço ao lado. Seus olhinhos repuxados como os da mãe permaneceram fechados e ela fez um biquinho, dormindo profundamente. Sorri, admirando aquele serzinho tão miúdo, e alisei a sua bochecha suavemente com as costas da minha mão.

Bestificado, limpei a umidade do meu rosto pela emoção que passei ao vê-la pela primeira vez horas atrás e caminhei silencioso até o outro lado da cama da Nina. Arrastei uma cadeira, colocando-a bem perto e me sentei, pegando uma das mãos da minha esposa e levei aos lábios, beijando com

devoção. Meu coração pulsava tão forte no peito que parecia que a qualquer momento sairia pela minha boca.

— Não tenho como colocar em palavras o que estou sentindo. Parece tão surreal. — Comprimi meus lábios em um sorriso animador e engoli o nó que se formou em minha garganta.

Nina sorriu fraco e notei que se devia por conta do cansaço que deveria estar sentindo.

— Ela se parece com você — mencionou e rimos baixinho, tomando o cuidado para não acordar a pequenina.

— Tem muito de nós dois, meu amor — reconheci, beijando o dorso da sua mão novamente.

— Tem razão — respondeu, meio sonolenta.

— Precisa descansar, querida — sugeri, e ela bocejou, ajustando sua cabeça ao travesseiro.

— Sim. Sinto-me cansada. Ayla demorou muito a nascer — relatou, fechando seus olhos.

— Ela é dura na queda, assim como a mãe — brinquei, e ela sorriu fraco.

Pouco tempo depois, as duas mulheres da minha vida estavam dormindo profundamente enquanto continuei acordado por longas horas, apenas velando o sono de cada uma. Percebi que eu era o homem mais

sortudo desse mundo e agradei aos céus pela saúde delas, afinal, jamais imaginei que hoje estaria aqui, vibrando internamente por amá-las e tendo a certeza de que também estava sendo amado por igual.



EPÍLOGO

NINA

SEIS MESES DEPOIS...

Mais uma vez, aqui estava eu, prostrada diante do espelho, completamente admirada com a beleza do meu vestido de noiva. Sorri, evidentemente emocionada, e dei uma voltinha. Parei e me aproximei um pouco mais do espelho, verificando o quão bonitos também estavam a minha maquiagem e o penteado. De repente, deram algumas batidinhas na porta e corri, ficando posicionada atrás dela, com medo que fosse o Otávio; não queria que ele me visse antes de eu entrar na igreja.

— Entre! — gritei, permitindo a entrada de quem estivesse do outro

lado, e dona Vilma entrou no quarto, tendo a Ayla em seus braços.

— O que faz aí escondida? — inquiriu divertida ao me ver atrás da porta.

Suspirei aliviada e sorri.

— Pensei que fosse o Otávio — revelei.

Ayla sorriu-me e esticou seus bracinhos rechonchudinhos em minha direção. Ela estava parecendo uma bonequinha de tão linda. Seus cabelos haviam puxado os do pai, lisos e escuros, bem diferente do meu, que era loiro. Os olhos, além de repuxados como os meus, também tinham o mesmo tom esverdeado.

— Babababa — Ayla pronunciava palavras sem sentido e mordeu meu queixo, roçando sua gengiva na minha pele, me babando.

— Pegue aqui, querida. Assim ela tirará a sua maquiagem. — Dona Vilma me entregou um brinquedinho dela, que colocou na boca.

— Não tem problema. — Sorri, alisando o rosto da minha pequena.

Olhar-lhe fez o meu coração inflar no peito. Afinal, nunca havia imaginado que, ao aceitar aquele contrato de casamento com o meu chefe, me apaixonaria perdidamente, muito menos que seria correspondida ao ponto de termos constituído uma família como a que temos.

— Otávio está tão feliz, e você exala felicidade pelos poros. Fico muito contente por vê-los realizados dessa forma. — Minha sogra, que era um amor

de pessoa, afagou um dos meus braços, olhando-me firmemente nos olhos.

Notei veracidade através de suas palavras.

— Obrigada, dona Vilma. Sempre foi tão maravilhosa comigo e me tratou superbem que não tenho palavras o suficiente por isso — expressei, e ela comprimiu seus lábios em um sorriso satisfeito.

— Eu quem agradeço por entrar na vida do meu filho. O que era para ser simples e objetivo, fugiu totalmente do planejado e ver o fruto que o amor de vocês resultou é simplesmente impagável. A minha netinha é a coisa mais linda e fofa desse mundo, e eu não poderia estar mais radiante. Nina, mesmo sem querer, você mudou radicalmente a vida do Otávio e sei que nunca poderei ser grata o bastante por conta disso — explanou, deixando-me comovida.

A abracei meio de lado por conta que segurava a Ayla em meus braços e fechei meus olhos, absorvendo seu enorme carinho não só por mim, como também pelo meu avô. Obviamente eu não poderia ter sido acolhida tão bem por outra mulher que não fosse ela, além de seu marido, Gustavo. Ambos eram os melhores sogros e avós que a minha filha tinha.

OTÁVIO ANTUNES

Afrouxei minha gravata me sentindo extremamente nervoso com a espera da Nina no altar da igreja e passei a mão pelo rosto, sentindo o suor se fazer presente em minha testa. Nunca experimentei aquela sensação, até por não ter chegado a me casar de verdade. Soltei o ar na tentativa de me acalmar e olhei adiante, observando o avô da Nina falar algo no ouvido da sua namorada, Rita.

Senhor Josué vinha fazendo exames periodicamente depois que foi dado como curado do seu câncer de próstata e conseqüentemente decidiu cuidar não só da sua saúde, mas também do coração. Nina foi conivente e ficou muito feliz por vê-lo finalmente refazendo a sua vida. Ele era um homem bom, merecia mesmo encontrar alguém que gostasse dele por igual, assim como era comigo e a Nina.

De repente, minha atenção se voltou para o fundo da igreja quando a Duda entrou acompanhada do Ítalo, visto que ambos começaram a namorar depois de passarem um tempo saindo e se conhecendo melhor. Minha mãe surgiu atrás deles, estando com a Ayla em seus braços, e acenou para mim, jogando um beijo. Sorri em resposta e joguei vários beijinhos em direção a minha filha.

Era tão grato pela nossa pequena que não tinha como colocar em palavras, apenas sentir.

Ao voltar o meu olhar para onde o avô da Nina estava anteriormente, que não se encontrava mais, dentro de poucos minutos, a marcha nupcial começou a ser tocada. Meu coração disparou no peito quando as portas finalmente se abriram, revelando-me sua figura com o seu braço entrelaçado ao do seu avô. Respirei fundo, tentando conter a minha emoção, mas involuntariamente uma lágrima escapuliu dos meus olhos e limpei-a rapidamente, esboçando um amplo sorriso.

Nina logo me foi entregue pelo senhor Josué, que nos desejou que fôssemos muito mais felizes do que já éramos e beijou o meio da testa da neta, pegando o seu buquê e indo se sentar ao lado da sua companheira. Me voltei para a mulher da minha vida, atingido por tamanha beleza, e segurei suas mãos nas minhas, beijando o dorso de cada uma.

— Está magnífica, muito mais de quando nos casamos pela primeira vez, meu amor — proferi, olhando profundamente em seus olhos, e ela piscou, sorridente, sensibilizada pelo que falei, e agradeceu baixinho.

Nos posicionamos diante do padre que oficializaria a nossa união perante a Deus e ele deu início a celebração. Algum tempo depois, trocamos as alianças, sendo declarados oficialmente como marido e mulher.

— Pode beijar a noiva — disse o padre.

Naquele instante, um filme de quando eu e Nina nos casamos pela primeira vez no civil passou pela minha mente e, sem querer, acabei sorrindo ao me recordar como ela quis evitar a todo custo que eu enfiasse a língua na sua boca.

— Do que está sorrindo? — ela questionou assim que envolvi a sua cintura e coleí o seu corpo ao meu.

— De quando nos casamos no civil e você não queria que eu a beijasse com mais, hum... profundidade — contei, ouvindo sua risada divertida.

— Agora é totalmente diferente. Beije-me logo — ordenou, e fixeí meus olhos sedutoramente nos seus, assaltando sua boca com voracidade.

Minhas batidas se tornaram frenéticas, causando uma avalanche de sentimentos em meu interior, principalmente por amá-la, muito mais que a mim mesmo, bem como a nossa filha, Ayla.

Finalmente tive o meu final feliz.

Tinha uma mulher incrível ao meu lado, que compartilhava do mesmo sentimento para comigo, e uma filha que chegou para arrebatá de vez o meu coração.

O melhor de tudo: era real.

CONHEÇA OS OUTROS DA SÉRIE: CONTRATO DE CASAMENTO



Vingança DECLARADA

LIVRO 1 | SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO

SARA ESTER

Vingança Declarada - LIVRO 1 (SÉRIE CONTRATO DE CASAMENTO) - AUTORA SARA ESTER

CONTÉM PITADA HOT.

SINOPSE

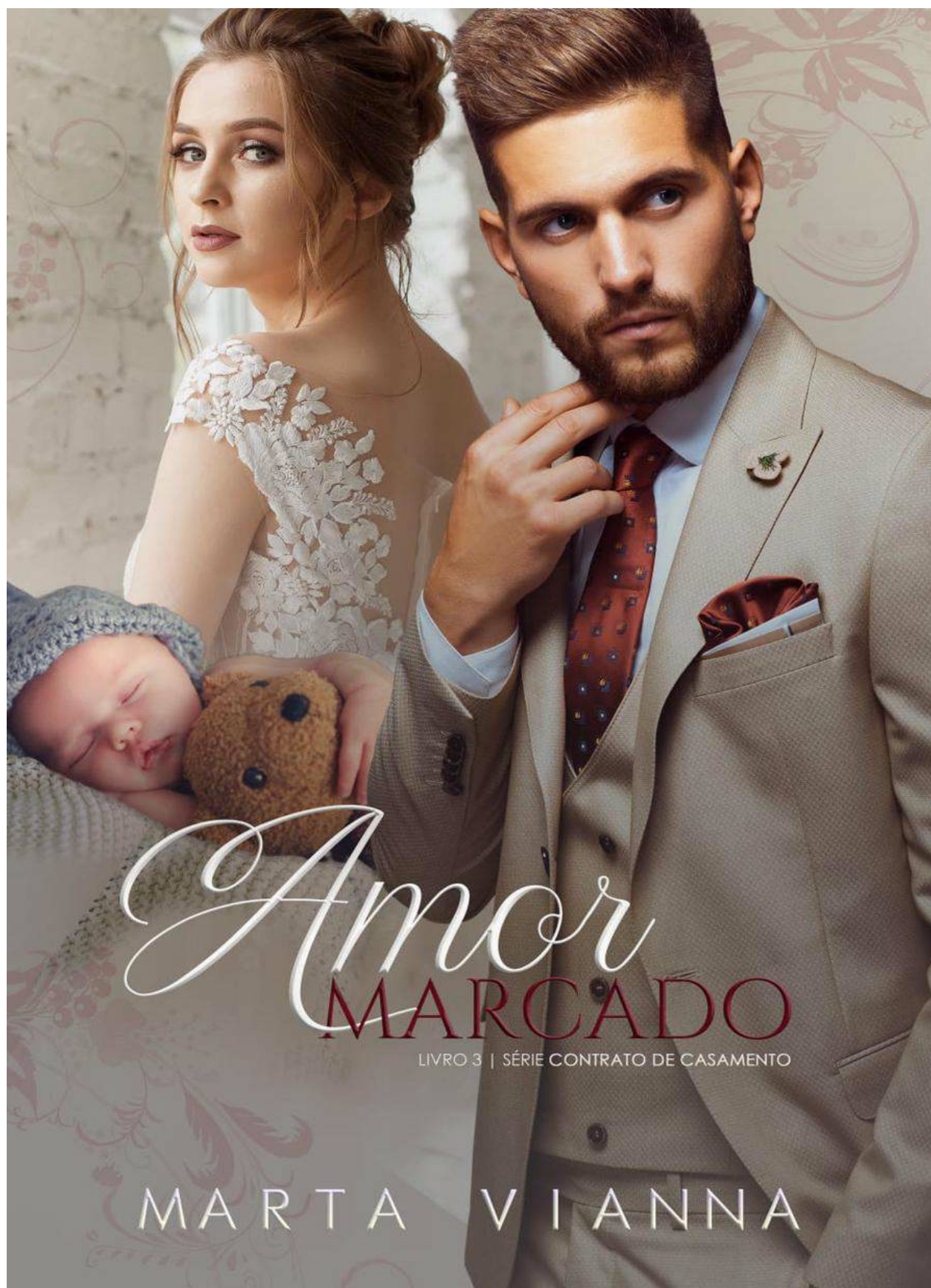
Se tinha algo pelo qual **Enzo Miller** era completamente apaixonado, além de sua vida e seu trabalho, era por sua ex-namorada, Louise. Por mais que a maneira como o relacionamento deles terminou tivesse sido dramática, Enzo jamais perdeu a esperança de tentar reatar o laço que os dois compartilhavam, pois, o amor pela sua garota continuava intacto, ano após ano.

Apesar de toda mágoa, **Louise Davis** precisava se esforçar ao máximo para não transparecer que ainda era loucamente apaixonada pelo único homem que amou, mas que destruiu seu coração. Ela não estava disposta a ceder, sobretudo, perdoar Enzo por não ter cumprido as promessas que fizera quando lhe jurou amor.

Entretanto, uma proposta inusitada fora posta à mesa; a oportunidade perfeita de vingança que Louise sempre almejou depois de tudo.

O que acontece quando amor e vingança se misturam?

**Amor Marcado - LIVRO 3 (SÉRIE
CONTRATO DE CASAMENTO) - AUTORA
MARTA VIANNA**



CONTÉM PITADA HOT.

SINOPSE

FREDERICO BARRETO era apaixonado por Lara desde sua juventude, mas ela nunca correspondeu a esse amor. E tudo se tornou ainda mais doloroso quando a viu ficar noiva de outro homem; presenciar o amor da sua vida seguindo um rumo diferente daquele que idealizou.

LARA BARCELOS sempre foi uma jovem que imaginou uma vida regada de muito amor e carinho por parte do homem que amava, mas o que era para ser flores, tornou-se um verdadeiro martírio após passar a dividir o mesmo teto com a pessoa que acreditava amar, porque nada do que sonhou um dia, estava acontecendo. Numa certa noite, ela presencia uma cena que lhe arranca completamente o chão e despedaça o seu coração, deixando-a desacreditada

no amor.

Um acidente acontece.

Uma proposta de contrato de casamento.

Dois corações bastante machucados serão testados, mas a pergunta que fica é: eles serão fortes o bastante para resistirem um ao outro?

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a Deus por mais uma obra concluída.

Quero agradecer imensamente a minha revisora Mariana Rocha por sempre ser essa profissional extremamente dedicada e que embarca nos meus prazos loucos. Se não tivesse a sua ajuda, não conseguiria concluir tudo dentro do prazo. Muito obrigada, do fundo do meu coração.

Deixo um agradecimento especial às autoras Sara Ester e Marta Vianna, que se juntaram a mim para desenvolver mais uma série maravilhosa. Também a minha beta Claudiane Maria que vem me ajudando há alguns trabalhos, dando-me sugestões para o melhoramento da história;

Às meninas da Assessoria CrazyForHotBooks por sempre me auxiliarem.

As minhas divulgadoras, gratidão!

Ao meu marido pela ajuda com as filhotas e afazeres de casa, enquanto me dedicava à escrita. Te amo.

No mais, sou grata a todos os meus leitores, que são o motivo de eu continuar trilhando esse meio e criando cada vez mais histórias para entretê-los.

Obrigada a você que chegou até aqui.

GRATIDÃO!

OUTRAS OBRAS DA AUTORA:

✿ BOX (3em1) SÉRIE MINHA DOCE

✿ MINHA DOCE PROTEÇÃO (Livro 1- Duologia Minha doce)

✿ MINHA DOCE SALVAÇÃO (Livro 2- Duologia Minha Doce)

✿ AROMA DA LIBERDADE (Spin off da Duologia Minha doce)

✿ SUBITAMENTE SUA (Livro único)

✿ MILAGRE INESPERADO (Livro único)

✿ SÚBITA ATRAÇÃO (Conto Hot parceria com a autora Geysielle Patrícia)

✿ NÃO ABRIREI MÃO DE VOCÊ (Conto)

✿ QUERO MINHA FAMÍLIA DE VOLTA (Conto)

✿ NOS BRAÇOS DO PECADO (Conto Hot +18)

✿ UMA SURPRESA NATALINA (Conto)

✿ BOX: Coletânea de Romances (5 contos em 1) - Volume 1

✿ BOX: Coletânea de Romances (2 CONTOS EM 1) - Volume 2

✿ ANJO MEU (Conto)

✿ SURPRESA DE AMOR (Conto)

✿ ADORMECIDO (LIVRO ÚNICO)

✿ MEU CEO (LIVRO ÚNICO)

✿ PARA SEMPRE MEU CEO - Conto Especial do Dia dos
Namorados do livro Meu CEO

✿ A Tentação do CEO (SPIN OFF do livro Meu CEO)

✿ GRÁVIDA POR ACASO (Noveleta)

✿ BOX CEO's (3 E-books em 1)

✿ NOITE TÓRRIDA (Noveleta)

✿ O CEO E A VIRGEM (CONTO 1 +18)

✿ BOX CEO: O CEO e a Virgem (Conto I) e A Inspiração do CEO
(Conto II) +18

✿ RENASCIDA PELO AMOR - LIVRO ÚNICO

✱ PROMETO TE AMAR (SPIN OFF DO LIVRO RENASCIDA PELO AMOR)

✱ ATREVIDO

✱ O VIÚVO PROTETOR

✱ BOX 2 EM 1 - RENASCIDA PELO AMOR + PROMETO TE AMAR

✱ A AMIGA, O CHEFE E O BEBÊ – LIVRO 2 (SÉRIE: CHEFE & BEBÊ)

✱ MEU ODIÁVEL PEÃO – LIVRO ÚNICO (ESCRITO EM PARCERIA COM A AUTORA SARA ESTER)

✱ CONQUISTADA PELO BILIONÁRIO – LIVRO (SÉRIE: BILIONÁRIOS IRRESISTÍVEIS)

✱ O ADVOGADO

TODAS DISPONÍVEIS EM E-BOOKS NA AMAZON

REDES SOCIAIS:

[INSCREVA-SE PARA RECEBER NOTÍCIAS EM PRIMEIRA MÃO
SOBRE MEUS LIVROS E NOVOS LANÇAMENTOS](#)

[WATTPAD](#)

[INSTAGRAN](#)

[FACEBOOK](#)

[PÁGINA NO FACE](#)

[GRUPO NO FACEBOOK](#)

[TWITTER](#)

[TIKTOK](#)